PAULA TOLLER: "ME DIVIRTO ESCREVENDO LETRAS ERÓTICAS"

# SHOWBIZZ

5561/1 • ANO 14 / Nº 5 • EDIÇÃO 154 / MAIO • R$ 5,00

**O MAIOR FESTIVAL DE ROCK DO BRASIL**
faz Recife tremer

**ESTOURO!**
Como **THE VERVE** roubou a cena na música inglesa

**muito além da LEGIÃO**
Depois da morte de Renato Russo e do fim da Legião Urbana, o baterista **MARCELO BONFÁ** encontra seu próprio caminho

**DIRETO DA INGLATERRA**
os bastidores da gravação do novo disco dos **PARALAMAS DO SUCESSO**

**MARCELO D2**
dá um tempo no Planet Hemp e lança trabalho solo

**LETRA TRADUZIDA**
"Frozen", o sucesso gelado de **MADONNA**

**20 NOVOS DISCOS**
INCLUINDO PAGE E PLANT, NAÇÃO ZUMBI, ALL SAINTS E MAX CAVALERA

Marcelo Bonfá

ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00154

EDIÇÃO ESPECIAL A HISTÓRIA DO SKA

ALGUMAS
COISAS SE
RECUSAM A
FAZER PARTE
DE TENDÊNCIAS.
PREFEREM
FAZER PARTE
DA VIDA.

501 RIGID
SHRINK-TO-FIT JEANS
"THE ORIGINAL
AMERICAN BLUE JEANS"
DESDE 1853.

Levi's
ORIGINALS

# "A Diversão Invadiu a Nossa Casa"

*Carlos Alberto S. Oliveira, engenheiro*
*Maria Luiza M. Oliveira, professora, e os filhos*
*Fernanda e Pedro, consumidores*
*da* ABRIL VÍDEO

Na casa da família Oliveira, todo mundo já descobriu a diferença que faz um videocassete. Até a Maria Luiza, a mãe da Fernanda e do Pedro, já não consegue mais ficar sem o vídeo. Também, graças a esse aparelho, a vida deles mudou de vez. Foi de lá que partiu a invasão que transformou um calmo, tranquilo e monótono lar em uma casa alegre e cheia de diversão.

Nada como ter a casa invadida. Heróis, vilões e os grandes astros de Hollywood agora estão sempre passando por lá. E eles levam diversão para adultos e crianças, graças a ABRIL VÍDEO.

ABRIL VÍDEO faz parte da vida da família Oliveira. Com a ABRIL VÍDEO eles conseguem colocar em casa os grandes sucessos de bilheteria e outras superproduções exclusivas. Americanos, europeus, clássicos e sucessos atuais. Dublados ou legendados. São centenas de títulos diferentes, sempre com a mais alta qualidade.

E, assim como a família Oliveira, milhares de outras famílias no Brasil podem ter entretenimento, alegria e diversão. Podem ver e rever os melhores filmes quantas vezes quiserem; podem parar, voltar, acelerar. Tudo através de simples botões.

ABRIL VÍDEO faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem prefere se divertir pegando trânsito, filas e lugares lotados.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida.

Abril Vídeo

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV · Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · Ilustrada · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Guia 4 Rodas · HBO · GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · BOROSCOPO · AD · Ciência Hoje · TERRA · EURO CHANNEL · CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · criciúma · MTV · Saúde! · ARQUIVO ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

ON Se você viesse aqui num dia qualquer desse mês que passou, era capaz de achar que somos uma Redação fantasma. Metade da galera estava viajando. Pedro Só, pela Europa, Sérgio Martins, em Recife e Robert Halfoun, no Rio de Janeiro.

Pedro foi conhecer o Prodigy na Inglaterra e depois deu uma esticada nos países nórdicos, curtindo umas férias.

Sérgio voou até Pernambuco para checar o Abril Pro Rock. Ele constatou que, em sua sexta edição, o festival se firmou como um dos principais eventos da música moderna brasileira.

Robert foi mais perto, mas sua missão não era menos complexa: entrevistar Marcelo Bonfá no Rio de Janeiro. Enquanto Renato Russo estava vivo, o então baterista da Legião Urbana era visto como coadjuvante. Segundo o próprio Marcelo, o papo com Robert foi a primeira grande entrevista que deu sozinho. O que ele contou lança luzes sobre a história da Legião e mostra o esforço de Marcelo para reconstruir sua carreira, agora sem Renato e Dado, contando apenas consigo mesmo.

Quando a hora do fechamento da edição chegou, todos estavam de volta à Redação, cheios de histórias, de experiências novas. Para nós, jornalistas, viajar é tão necessário quanto respirar. Para você, quanto mais fantasma for nossa Redação, melhor.

*Felipe Zobaran*

## 24 MARCELO BONFÁ CHUTA O BALDE

***Prestes a decolar carreira solo, o ex-baterista da Legião Urbana ataca o oportunismo das homenagens a Renato Russo – incluindo aí a recente coletânea de sucessos do grupo,*** Mais Do Mesmo

Foto de capa: Isabel Becker

## 20 PARALAMAS NA INGLATERRA

***Mauricio Valladares clica os bastidores das mixagens de*** Hey Na Na, ***novo disco do trio***

## 46 GAÚCHOS DOMINAM ABRIL PRO ROCK

***Em Recife, a platéia do maior festival jovem do Brasil consagra Wander Wildner e Júpiter Maçã***

Dave, Janick e os escritores Sérgio e Robert

## 52 IRON MAIDEN

***Os guitarristas Janick Gers e Dave Murray num bate-papo regado a cerveja, sushi e rock'n'roll***


**18 STONES NO BRASIL**
Mick Jagger & Cia. circularam com a alta sociedade carioca e fizeram shows memoráveis

**22 ANTES DO OASIS**
As primeiras – e renegadas – composições de Noel Gallagher vão à leilão

**32 PRODIGY É O TERROR**
Grupo admite: "Somos muito bons em insultar pessoas"

**36 A SENSAÇÃO BRITÂNICA**
Como o grupo The Verve tomou o poder no Reino Unido

**41 MARCELO D2 NÃO CALA**
O rapper fez disco solo insistindo nos temas do Planet Hemp

**SEMPRE EM SHOWBIZZ**

**8 CANAL BIZZ**
Fãs das Spice Girls se revoltam contra All Saints

**12 BIZZES**
Skank prepara o sucessor do milionário *O Samba Poconé* com novos produtores

**59 PLAY**
Soulfly, Nação Zumbi, Page & Plant, Lenny Kravitz, Pulp, Scott Weiland etc.

**68 TESTE**
O que você entende de rock gótico?

**70 LETRAS TRADUZIDAS**
"Frozen", o sucesso de Madonna

**72 ONZZE PERGUNTAS**
Paula Toller explica por que fez um disco solo

**74 AO VIVO**
Racionais, Bob Dylan, Cornershop

**76 + BIZZES**
A escandalosa biografia do cantor Dave Lee Roth (ex-Van Halen); uma homenagem a Linda McCartney

**82 DISCOTECA BÁSICA**
*Highway To Hell*, o hard rock infernal do grupo australiano AC/DC


### Parada da Redação

Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

*History Of Trojan Records 1968-1975 (volume 1)*
Tesouros da música jamaicana pré-reggae, nas vozes de Bob Marley, Desmond Dekker, Bob Andy e outros mestres.

*Santana – Abraxas*
Segundo disco do guitarrista mexicano, em versão remasterizada e acrescida de faixas ao vivo.

*Paralamas Do Sucesso – Hey Na Na*
O trio carioca em seu trabalho mais pop desde *Big Bang* (1989). Destaque para a participação de Marisa Monte em "O Amor Não Sabe Esperar".

*Pete Fu – Memórias De Cachorro*
Música pop à mineira, com produção de Dudu Marote (leia-se Skank) e uma cover saborosa de "Eu Sei", da Legião Urbana.

*Soulfly – Soulfly*
A estréia da banda de Max Cavalera. Manguebit, heavy metal, dub e punk rock colocados num mesmo efervescente caldeirão.

*Xis – Nada Como Um Dia Após Outro Dia*
Segundo disco do quarteto mascarado. Rocks básicos e clássicos, como "Got To Choose", "Comin' Home" e "Parasite".

*Racionais MC's – Sobrevivendo No Inferno*
Crônicas da periferia nas vozes embebidas de fúria dos rappers Mano Brown, Edy Rock e Ice Blue.

*Halo Benders – The Robots Not In*
Novo EP da excêntrica banda de Calvin Johnson, dono da gravadora K Records e ex-líder do Beat Happening, uma das bandas prediletas de Kurt Cobain.

*African Head Charge – Akasuba*
Reggae do terceiro milênio, com fortes doses de música eletrônica e sons caribenhos.

# Canal Bizz

**Esta é a sua área. Discorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Mande desenhos, retratos, colagens, fotos desinibidas. Manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP**

## Santidade contestada

As All Saints sofrem ataque pesado por parte dos fãs das rivais Spice Girls

Vocês falam que as All Saints "seguem o mesmo estilo que as Spice Girls, com a vantagem de compor e fazer shows sem playback" *(edição 152)*. Basta olhar no CD *Spiceworld* e ver que todas as composições são das Spice Girls. E elas deixaram de dublar as músicas em outubro passado.
**Rodrigo Sá**
**Paulista, PE**

Essas All Saints não são mais nada a não ser "Spice Girls do Paraguai". Só de olhar dá vontade de vomitar.
**Márcio Arruda Miotto**
**via e-mail**

Vocês vacilaram ao comparar as All Saints com as Spice Girls.
**Deborah Machado**
**via e-mail**

*Caríssimos Márcio, Deborah e Rodrigo Sá: Independentemente do que cada um pense sobre as Spice Girls, a revista tem o compromisso de informar o leitor sobre as novidades da música pop. As All Saints bateram Oasis, Radiohead e as spices numa recente premiação inglesa de prestígio e estouraram na Europa. Daí a gente noticiar a existência das meninas. Com um olhar crítico, se é que deu para perceber na matéria publicada na edição 153.*

Joe Perry e Steven Tyler querem voltar ao Brasil

### AEROSMITH NO BRASIL?

Adorei a reportagem do Aerosmith. O que eu gostaria de saber é se essa biografia que foi lançada por eles vai sair também aqui no Brasil.
**Raul Anselmo**
**São Paulo, SP**

*Por enquanto não há nenhuma chance da biografia* Walk This Way *ser lançada no Brasil. Quanto aos shows da banda, a Sony Music (gravadora de Steven Tyler & cia.) informa que eles devem baixar aqui em junho ou julho.*

### AH, ESSES CRÍTICOS!

Quero parabenizar Zeca Camargo pela ótima crítica ao CD *Ray Of Light*, da Madonna. Ele é um santo e está completamente certo sobre o que disse.
**Jean Duarte**
**Rio de Janeiro, RJ**

Achei muito bom o texto do crítico Renato Yada, que analisou o CD da banda gaúcha Comunidade Nin-Jitsu. Não concordo, porém, quando ele diz que há excessos de gauchismos nas bandas locais. Queria que ele tivesse um pouco mais de noção sobre o que são os Engenheiros do Hawaii.
**Renato Fraga**
**via e-mail**

Estou extremamente decepcionado com a pessoa que escreveu a resenha sobre o novo disco do Iron Maiden, *Virtual 11*. Ela deveria parar de falar asneiras.
**Carlos Eduardo da Paz**
**via e-mail**

Não concordo com a crítica do CD *Virtual 11*. As músicas não são fracas e tampouco sem peso.
**Carlos Frederico PS Gama**
**Belo Horizonte, MG**

*Caros maidenmaníacos: melhor do que descer a lenha na resenha de* Virtual 11 *(de Fernando Luna) é se deliciar com a entrevista dos guitarristas do grupo, Janick Gers e Dave Murray, à SHOWBIZZ – em que também mostram seu desagrado com a crítica musical.*

### JUDAS GAY

O fato de Rob Halford assumir sua homossexualidade não me impede de curtir os discos antigos do Judas Priest *(grupo do qual Rob foi vocalista)*. O que me importa é o som. Talento não tem sexo.
**Wagner da Silva**
**Maceió, AL**

*Com certeza, Wagner. O fato de Rob assumir sua homossexualidade não impede ninguém de fazer nada. Pelo contrário, mais e mais fãs devem admirar sua coragem (afinal, este é um mundo preconceituoso) e sua honestidade.*

### BON JOVI E RICHIE SAMBORA

Adorei as Onzze Perguntas com o Richie Sambora. Acho que vocês deveriam fazer uma reportagem maior, com mais fotos.
**Camilla Medeiros Fortunato**
**Rio de Janeiro, RJ**

Bon Jovi é a minha vida!! Tenho todos os CDs, pôsteres, clipes... Li a entrevista com o Richie Sambora *(edição de março)* e detestei. Ele falou que não acredita na volta da banda. Cheguei a chorar só de pensar que o Bon Jovi vai acabar!
**Taís Furtado Seminotti**
**Joinville, SC**

*Calma, Taís. Richie Sambora apenas disse que não acreditava na volta do grupo em 1998. Não há nenhum indício de que o Bon Jovi se separe (até porque o último disco solo de Jon Bon Jovi vendeu muito pouco nos EUA).*

### O NOVO PRINCE

Como grande admirador de Prince, estou me sentindo um tanto órfão no que diz respeito a reportagens da revista sobre o cantor. Quais as novas sobre o novo CD do astro, *Crystal Ball*?
**Gustavo Born de Oliveira**
**Curitiba, PR**

*Vamos lá, Gustavo:* Crystal Ball *é um CD quádruplo, independente – saiu pela New Power Generation Records – e deve receber uma resenha caprichada na próxima edição. Infelizmente, não há previsão de lançamento do disco no Brasil, a solução é encomendar seu exemplar na importadora mais próxima.*

Prince mata a saudade dos fãs com um álbum quádruplo

Marina e Lívia com Noel *(à direita)* e Liam Gallagher *(abaixo)*

## Obrigado, Oasis!

Todo mundo sonha em conhecer seus ídolos, e com a gente não poderia ser diferente. Ao lado do Oasis, tivemos os melhores dias de nossas vidas.
**Mariana Castro e Lívia Magalhães**
**Rio de Janeiro, RJ**


Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luis Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tornatti
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Hélio Barbosa
Diretor Editorial Adjunto: Mariana Sorrilla Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SHOWBIZZ

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor Chefe: Pedro Sá
Editor de Arte: Renato Yada
Editor Assistente de Arte: Johnson Verga
Editores: Robert Halfoun, Sérgio Martins
Repórter: Luciana Calmon
Correspondente: José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (texto) Celso Masson, Cláudia Grechi, Daniel Benevides, Danilo Monteiro, Denise Bottaldhu, Fernando Luna, Hagamenon Brito, André Medeiros, Luciano Vianna, Marcelo Ferla, Marco Pinheiro, Maurício Valladares, Paulo Cavalcanti, Paulo Vieira, Ronald Villardo, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Zeca Camargo (Fotos) Ari Dusendbock, Daniela Dacorso, Isabel Becker, Jorge Rosenberg, Laura Ferreira, Rui Mendes (Ilustração) Dino, Mauro Nakata, Rodrigo Leão (Revisão) Roberto Pinheiro

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo, Abril Press: José Carlos Augusto, Nova York: Graça de Souza, Paris: Pedro de Souza

Comercial
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Produto de Assinaturas: Lucrécia Louzada
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

Comunicação
Gerente de Promoção: Sandra Galli Pastore

Publicidade
Diretora: Ana Serra
Supervisora: Maia Mazur
Contatos Comerciais: Andréa Machal, Marlene Araújo, Juliana Farina, Márcia Braga
Coordenação/Supervisão: Igor Ismael Assan
Coordenação: Carla M. Zocas, Claudio L. da Silva
Gerente de Marketing e Publicidade: Cintia Mourão

Diretor Escritório Brasília: Luiz Felipe P. Teixeira
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Ventura
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Celso Margini

Grupo Abril
Presidência: Roberto Civita, Presidente e Editor; José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald, Placido Longoria

# carta do mês

## E A CAMISETA VAI PARA....

Façam uma votação com os leitores para que eles escolham qual a melhor música que já ouviram, a melhor banda, o melhor clipe e o melhor show!

**Jason Cordeiro Vilas Boas – São Paulo, SP**

*Sugestão anotada, Jason. E nós tratamos de escolher a melhor carta: suas ilustrações renderam a você uma camiseta!*

Mick Jagger nas antológicas apresentações dos Rolling Stones no Brasil

## PEDRAS PRECIOSAS NO BRASIL

Rolling Stones e U2 fizeram dois dos maiores shows de rock de todos os tempos! Agora só falta uma apresentação do Pink Floyd para eu poder morrer tranqüilo.

**Rodrigo Gomes**
**Volta Redonda, RJ**

Não conhecia Bob Dylan, mas depois que o vi cantando "Like A Rolling Stone" com o Mick Jagger, percebi que não perdi nada. O cara parece uma múmia country.

**Marina Velloso**
**Campinas, SP**

Seria fácil para Mick, Keith, Ron e Charlie pararem com tudo, mas eles estão lá, empolgantes, majestosos no palco.

**Patrícia Pereira**
**São Paulo, SP**

Tive o prazer de assistir ao maior espetáculo da Terra, os Rolling Stones.

**Carla de Andrade**
**São Paulo, SP**

Peço por favor a discografia dos Rolling Stones.

**Leonardo Scolari**
**São Paulo, SP**

Anote aí, Leonardo: *The Rolling Stones* (1964); *12X5* (1964); *The Rolling Stones Now!* (1965); *Out Of Our Heads* (1965); *December's Children* (1965); *Big Hits High Tide And Green Grass* (coletânea, 1966); *Aftermath* (1966); *Got Live If You Want It* (1966); *Between The Buttons* (1967); Flowers (coletânea, 1967); *Their Satanic Majesties Request* (1967); *Beggar's Banquet* (1968), *Through The Past Darkly* (coletânea, 1969); *Let It Bleed* (1969); *Get Yer Ya-Ya's Out!* (1970); *Sticky Fingers* (1971); *Hot Rocks* (coletânea, 1971); *Exile On Main Street* (1972); *More Hot Rocks: Big Hits And Fazed Cokies* (coletânea, 1972); *Goat's Head Soup* (1973); *It's Only Rock'N'Roll* (1974); *Metamorphosis* (coletânea, 1975); *Made In The Shade* (coletânea, 1975); *Black And Blue* (1976); *Some Girls* (1978); *Emotional Rescue* (1980); *Sucking In The 70's* (coletânea, 1980); *Tattoo You* (1981); *Still Life* (1982); *Undercover* (1983); *Rewind – 1971/1984* (coletânea, 1984); *Dirty Work* (1986); *Singles Collection – The London Years* (caixa com três CDs, 1989); *Steel Wheels* (1989); *Flashpoint* (1991); *Voodoo Lounge* (1994); *Stripped* (1995); *Bridges To Babylon* (1997).



## TROCA-TROCA

**Em virtude de falta de espaço, terei que me desfazer de toda a coleção da BIZZ, desde o nº 1 até o último distribuído, e só farei negócio com toda a coleção. O preço de cada revista é o cobrado atualmente nas bancas.**
Carlos Augusto B. Campos
Tel.: (021) 268-2617
E-mail: carlao@hexanet.com.br

**Vendo todos os LP's oficiais do U2 (exceto *Pop*) por 90 reais.**
Silvio Renato Cem
Rua Guilherme Volpe, 1351 - CEP 14160-000
Sertãozinho, SP

**Vendo coleção completa de BIZZ/SHOWBIZZ em perfeito estado de conservação.**
Jefferson Santos Sousa
Rua Santo Antônio, 52 - CEP 45600-000
Itabuna, BA

**Vendo coleção da revista BIZZ do nº 1 ao último exemplar, toda encadernada.**
Paulo Chiaroni
Tel.: (011) 608-2000 r. 218

**Vendo coleção quase completa de BIZZ/SHOWBIZZ.**
Sidney Kwiatkowski
Rua Bernardo Morosin, 81
CEP 81200-020
Curitiba, PR

## Fã-clubes

**CAPITAL INICIAL**
**O Retorno**
Rua Oiapoc, 608
CEP 15500-000
Votuporanga, SP

**OASIS**
**Fã-clube Oasis**
A/C Luciana Gallagher
Rua Rui Barbosa, 2010
CEP 13566-260
São Carlos, SP

# Vencedores da promoção Jewel

**Perguntamos aos leitores o que poderia fazer a cantora americana Jewel mais feliz. E os cinqüenta felizardos abaixo saíram com as melhores soluções**

Adalberto Ribeiro Camargo – Alvorada, RS; Adriana S. Cavalcante – Cubatão, SP; Ana Paula Amorim Pereira – São Paulo, SP; Anderson Melo Gaian – São Paulo, SP; Andréa Oliveira – Juiz de Fora, MG; Antônio Paulo Bassar Jr. – Garulhos, SP; Bárbara J. Zimmerman – Blumenau, SC; Camila Hashimoto – Londrina, PR; Camila Lopes – Joinville, SC; Carla Santos Santiago Fontoura – Salvador, BA; Carlos Henrique Foleis Martins – Faxinal, PR; Charles Henrique Brito Cadé – João Pessoa, PB; Cleber Filippin – Cruz Alta, RS; Demian Diniz da Costa – Novo Hamburgo, RS; Elaine da Silva Maia – Vila Velha, ES; Felipe Freitas – São Paulo, SP; Fernanda Martins de Siqueira – Sorocaba, SP; Flávia de Nadai do Nascimento – Campo Grande, MS; Francisco Hélio de Sousa – Cratéus, CE; Graziele Raposo Oliveira – Ariquemes, RO; Guilherme U. Leal Neto – Canelinha, SC; Hellaize B. Marrega – Sorocaba, SP; Iplácio O. B. da Silva – Rio de Janeiro, RJ; Jardel Sebba Filho – Goiânia, GO; Jardes Juan Modesto de Assis – Salvaterra, PA; Jefferson Schnaider – Curitiba, PR; Juarez Raposo Oliveira – Ariquemes, RO; Karen I. Doyle Delaney – Guapimirim, RJ; Laurent Michaud – Alcobaça, BA; Leandro da Silva Foly – Itaperuna, RJ; Luciana J. Barbosa – Rio de Janeiro, RJ; Marcelo César Reggiani Alves – Belo Horizonte, MG; Márcia C. Santos – Embu, SP; Márcia Maria da Silva – Catende, PE; Márcio Adilho Barp – Chapecó, SC; Maurício Araújo Higino – Vitória da Conquista, BA; Mônica Muruera – São Paulo, SP; Neimar Lopes Souza – Ipatinga, MG; Odenildo Queiroz de Souza – Santarém, PA; Phablo Marcelle Lopes – Santa Helena de Goiás, GO; Renato Rezende dos Anjos – Ceilândia, DF; Renato Z. Silva – Brasília, DF; Ricardo Carvalho Lacerda – Patos de Minas, MG; Ricardo Jorge de Oliveira Maia – Recife, PE; Ronaldo Marcos da Silva – Contagem, MG; Sachais Couto de Brito – Santos, SP; Simone Kodama – Salesópolis, SP; Viviane M. Corrêa – Jaú, SP; Wellington Marx – Arapoti, PR; Williams Vicente da Silva – Itapetim, PE

Jewel dá cinqüenta kits com discos e camisetas


FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!
0800-139-138
Das 10h às 12h e das 13h às 18h
caia na nossa rede
FAÇA CONTATO:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br
CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO - SP
NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800





Editora Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: [illegible]

Representantes de Brasil: [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
SHOWBIZZ
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO

Revista Showbizz, Edição 154, Maio de 1998 [illegible]

ANER IVC
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Geri começa a viver o outro lado das histórias de sucesso

# tempero amargo

## 10 declarações das Spice Girls que encaram de frente a queda de popularidade e prenunciam um futuro curto para o grupo

**1** "Eles te conhecem, te idolatram e te expelem. É tudo muito rápido." **Geri**

**2** "Nos dedicamos 100% à carreira. Se não foi o suficiente, que se danem todos!" **Mel C.**

**3** "A gente se superexpôs e isso fez as pessoas se cansarem. Mas nunca saberíamos se não tivéssemos tentado. Isso fez parte do nosso aprendizado." **Mel B.**

**4** "A cada minuto estamos perto de morrer. Não podemos ser ingênuas e achar que as pessoas vão nos querer por perto para sempre, porque eles se cansam. Aliás, já está se tornando cansativo." **Mel C.**

**5** "Tenho orgulho pelo efeito que as Spice Girls causaram na sociedade, na moda e na música. Sei que em dez anos as pessoas vão falar que esta foi a época do *girl power*." **Geri**

**6** "Já conheço a história das All Saints (*grupo feminino na linha das Spice Girls, hoje no topo das paradas*), foi exatamente igual conosco. Tenho pena delas." **Mel C.**

**7** "A gente não pode nem marcar um encontro que todo mundo fica sabendo. E aí o relacionamento acaba. Se bem que nem cheguei a ter um relacionamento para acabar." **Mel C.**

**8** "Quando chegar a hora do fim, vou saber. Será confortável e natural, como uma morte deveria ser. Mudanças não devem ser temidas. Se você está preparada, pode morrer com orgulho." **Geri**

**9** "Esse apelido 'Sporty' não tem mais nada a ver. Quero ser famosa como eu mesma, quero ser Melanie Chisholm!" **Mel C.**

**10** "As pessoas se ligam nos meus peitos avantajados, mas há um cérebro que vem junto com eles." **Geri**

Anúncio dos shows da banda de Max na Inglaterra

## SOULFLY decola

Max Cavalera conseguiu o que queria. Com as experimentações do primeiro disco de sua nova banda *(leia mais na seção Play)*, Soulfly, o ex-Sepultura enfim saiu do gueto metaleiro. A imprensa européia agora encara Max praticamente como um artista de pop/rock. Exemplo disso é o elogio publicado no semanário inglês *Melody Maker*: "Soulfly vai além do metal. É a pura loucura da invenção musical". A apresentação que marcou a estréia do grupo em Houston, nos EUA, dia 23 de abril, levou mais de 2 mil pessoas ao The Abyss. A turnê pela Europa tem lotado casas noturnas.

## Black Sabbath de volta

Desta vez, com a formação original! O grupo mais importante do heavy metal está em estúdio ensaiando e compondo. Antes de um novo disco ficar pronto, sai *Ozzman Cometh*, álbum ao vivo gravado ano passado em Birmingham, Inglaterra. Além dos hits tocados ao vivo, o CD trará quatro versões inéditas de clássicos da banda. O álbum sai no segundo semestre, quando o grupo estará excursionando pela Europa.

## Fresco e mágico

Assim é anunciado Mistery, o refrigerante de Michael Jackson lançado nos EUA e na Europa. Feito com suco de pêssego gaseificado, ele traz na latinha um autógrafo de Michael sobreposto à imagem da capa de *HIStory*.

## U2 de luto

A pedidos da banda, a última apresentação da turnê *PopMart* aconteceu em Sidney, na Austrália. Foi uma homenagem ao amigo Michael Hutchence, cantor do INXS, morto em novembro de 1997. "Só queria dizer adeus na frente da família dele, de seus colegas de banda e seus amigos... Adeus, Michael", disse Bono. Depois do discurso emocionado, ele ordenou que as luzes fossem apagadas e a banda tocou "One" no escuro. Em seguida, saíram todos do palco ao som do playback de "Never Tear Us Apart", sucesso do INXS. No show do Rio, já tinha sido assim.

Bono fez homenagem ao amigo morto

CarasdePau: Abusando do Soul

## Na boa trilha dos cara-de-pau

***Os Irmãos Cara-de-Pau 2000* (Blues Brothers *2000*), continuação do clássico musical estrelado por John Belushi em 1980, estréia dia 5 de junho com participações mais especiais do que as performances dos atores Dan Aykroyd e John Goodman:**

**ARETHA FRANKLIN** A diva da música negra interpreta Mrs. Murphy e canta "Respect", como já fizera no filme original.

**JAMES BROWN** O patrono da soul music também repete o papel vivido em 1980, o reverendo Cleophus James.

**SAM MOORE** Ex-integrante da dupla Sam & Dave, maior inspiração dos Blues Brothers, canta "John And Revelator".

**JONNY LANG** O garoto prodígio do blues atual dá um show numa cena rodada em uma lavanderia.

**ERIKAH BADU** Maior revelação da música negra nos últimos tempos, ela vive a rainha Mousette e divide os vocais com os Blues Brothers em "Funky Nassau".

**BB KING**, Bo Diddley, Eric Clapton, Steve Winwood, Dr. John, Jeff Baxter, Isaac Hayes, Travis Tritt, Lou Rawls, Koko Taylor e Billy Preston - Esse timaço forma a Lousiana Gator Boys, banda que trava uma batalha musical com os Blues Brothers.

# SKANK
# Esquema novo

## GRUPO TROCA DE PRODUTOR E VOLTA COM SOM MAIS CRU E PERCUSSIVO NO PRÓXIMO TRABALHO

Cansado de ver o esquema que consagrou os álbuns *Calango* (1994) e *O Samba Poconé* (1996) sendo mal copiado por uma penca de bandas de várzea, a trupe mineira derrubou o técnico. O produtor Dudu Marote não está mais com o Skank. "A gente já tinha explorado tudo com o Dudu, havia um certo desgaste", explica Samuel Rosa. Os novos homens de confiança do quarteto são Paul Ralphs (ex-baixista da Bliss) e John Shaw, engenheiro de som do grupo inglês UB40. "Ele trabalhou em *Rat In The Kitchen*, um de nossos discos preferidos. Gosto muito da gravação dos vocais daquele álbum." Com um visual que lembra um professor de Química (a definição é de Fernando Furtado, empresário do Skank), Shaw mudou alguns timbres do grupo. O som está mais cru e básico. "Tem mais bateria do que em todos os outros discos do Skank juntos", adianta Samuel. Ele e seus colegas encerram as gravações do novo disco em maio e depois mixam em Abbey Road, lendário estúdio de Londres de onde saíram *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, e *The Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd. O lançamento do CD está previsto para julho. Na mesma época deverá também chegar às lojas a coletânea *Reggatta Mondatta 2*, em que várias bandas tocam covers do Police. O Skank ficou com "Wrapped Around Your Finger", uma das faixas mais interessantes do álbum *Synchronicity*, de 1983.

## Prisma mutante

Assim surgiu, nos esboços do artista e designer Storm Thorgerson, a clássica imagem da capa de *The Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, obra-prima do rock lançada há 25 anos.

# Como uma deusa

Alanis Morissette estréia em breve na telona. Ela vai vai interpretar Deus no novo filme de Kevin Smith, diretor de *O Balconista* e *Procura-se Amy*. *Dogma* é uma comédia baseada na Bíblia em que dois anjos (vividos pelos atores e ganhadores do Oscar de melhor roteiro Matt Damon e Ben Affleck) são banidos do Paraíso e vão parar no Estado do Wisconsin, nos EUA. Insatisfeitos com a situação, eles tentam voltar ao Paraíso e cabe a uma deusa interpretada por Alanis Morissette fechar a porta do céu.

# Cultura de rua

*Sobrevivendo No Inferno*, dos Racionais MCs, chegou à marca das 500 mil cópias vendidas. Para explicar alguns termos da poesia violenta metralhada pelo rapper Mano Brown, elaboramos este glossário:

**ADIANTAR O LADO:** ajudar
**ALIADOS:** amigos, parceiros
**APAGAR:** matar
**ÁREA:** vizinhança
**BOMBETA:** boné
**CACHIMBAR:** fumar crack
**CLIC-CLAC-BUM:** onomatopéia de disparo de arma de fogo
**C* DE BURRO:** otário
**DA HORA:** legal
**DAR PERDIDO:** despistar, sumir
**DAR UM CAVALO:** dar carona
**FARINHA:** cocaína
**FITA:** ocasião, momento
**GAMBÉ:** polícia
**GOMA:** casa, moradia
**MANO:** camarada, gente boa
**NA MORAL:** tranqüilo
**NÃO BOTAR UMA FÉ:** não acreditar
**NÃO TEM PRECISÃO:** não é necessário
**PANO:** roupa
**PEDRA:** crack
**PELA ORDEM:** certo (tá tudo pela ordem)
**PLEIBA:** playboy
**PT:** tipo de pistola semi-automática
**QUEBRADA:** lugar escondido, de difícil acesso
**SE PAM:** talvez, quem sabe (Se pam a gente se vê no baile)
**SEGURAR OS B.O.:** segurar as pontas
**SENTAR O DEDO:** atirar com revólver
**TRAIRAGEM:** traição
**380:** tipo de pistola automática
**TRETA:** confusão, briga
**UM, DOIS:** rápido
**X:** cadeia

# JOGO RÁPIDO

Encerrada a turnê de *Acústico*, os **TITÃS** estão desde abril no estúdio Nas Nuvens, no Rio, gravando as músicas do novo disco. O álbum sai depois da Copa e, além de trazer músicas inéditas, contará com algumas regravações. O hit "Sonífera Ilha" está confirmado no repertório.

**AXL ROSE**, gordinho e com cabelos curtos, foi visto na área VIP do Hollywood Palladium, em Los Angeles. Acompanhado do guitarrista do Rage Against The Machine, Tom Morello, e do produtor Butch Vig, o líder do Guns N' Roses assistia a um show da banda Tool e, segundo fontes, articulava participações especiais para o tão esperado disco de sua banda.

Está chegando às lojas a caixa **CAZUZA**, com todos os discos do cantor remasterizados. Na mesma época também sai uma caixa do Barão Vermelho.

Mudança no **PEARL JAM**: sai o baterista Jack Irons e entra o ex-Soundgarden Matt Cameron. Já com o novo batera, o grupo participará do Ozzfest, na Europa, e de uma turnê com Neil Young, nos EUA.

**MADONNA** confirmou que só entra em turnê ano que vem. Até lá a diva vai estar filmando a montagem do musical *Chicago* para o cinema.

Luto: aficionado por carros e velocidade, **COZY POWELL**, considerado um dos maiores bateristas do rock de todos os tempos, acertou em cheio uma barreira numa estrada próxima a Londres e morreu na hora. O acidente aconteceu no dia 5 abril, quando Cozy, de 50 anos, dirigia seu Saab 9000 a 150 km/h.

Saiu o novo do **HANSON**. *Three Car Garage: The Independent Recordings 95-96* traz nove inéditas e as primeiras versões de "Mmmbop", "Thinking Of You" e "With You In Your Dreams".

Derrick Greene é o nome do novo vocalista do **SEPULTURA**. Apelidado de "O Predador", negro, alto e forte (com porte semelhante ao do zagueiro Júnior Baiano), ele já gravou boa parte das músicas do novo disco do grupo, *Against*, que será lançado em outubro.

Agora ela canta as "razões para ser bela"

# Ainda ROCK'N'ROLL

**Depois de muito cinema e de inúmeros editoriais de moda, Courtney Love volta a se ocupar de música**

*Celebrity Skin*, o tão esperado disco da Hole, será lançado finalmente em junho. Mas a líder do grupo não saiu ilesa do furacão *fashion* que passou por sua vida. Courtney agora "canta o belo", segundo suas próprias palavras. A faixa "Reasons To Be Beautiful" (razões para ser bonito), por exemplo, quase virou título do disco. "É uma lista de todas as razões para ser bonito, mas também para ser feio", conta. Musicalmente, a faixa mostra uma tremenda influência do Echo & The Bunnymen, um dos expoentes do rock inglês dos anos 80. "Foi Will Sergeant *(guitarrista do Echo)* quem me ensinou a arranhar uma guitarra", lembra Courtney. Jeff Buckley, Evan Dando e Brian Wilson, outros músicos que ela diz que também a influenciaram muito, são homenageados em "Boys On The Radio". Mas, segundo Courtney, "Awful" (horroroso) é o grande destaque do disco. "Não tenho dúvida que vai ser um sucesso. Musicalmente é quase um Abba", diz, referindo-se à banda sueca responsável por vários hits dançantes nos anos 70. Courtney revela ainda que incluiu uma frase dedicada ao galã e vocalista do Bush, Gavin Rossdale, na letra da canção. "Ele está bêbado, tem gosto de doce e é bonito demais", diz a letra.

# Para matar a saudade

Tim Maia e Erasmo: sputniks

Ed Motta? Não, este é o tio dele, Tim Maia, com o amigo Erasmo Carlos, numa foto de 1966. Nessa época, Tim fazia parte dos Sputniks, a tão falada banda que tinha com Roberto Carlos. Três meses depois da morte de Tim, em 15 de março, já está nas lojas *Vou Pedir Pra Você Voltar*, uma coletânea com treze sucessos do gordolidão e um dueto monumental com Elis Regina ("These Are The Songs", incluída apenas no álbum homônimo da cantora). O curioso é que, anos atrás, o cantor comprou uma briga histórica com a PolyGram, época em que a gravadora lançou toda sua obra em CD sem a devida autorização.

## Os assumidos

Flagrado em pleno "ato obsceno" num banheiro público, **GEORGE MICHAEL** resolveu, enfim, assumir sua homossexualidade. Em entrevista à CNN, disse que não transa com mulher e que tem um namorado. Como Michael, outros artistas passaram anos deixando transparecer suas preferências, até que finalmente deram seus gritos de liberdade....

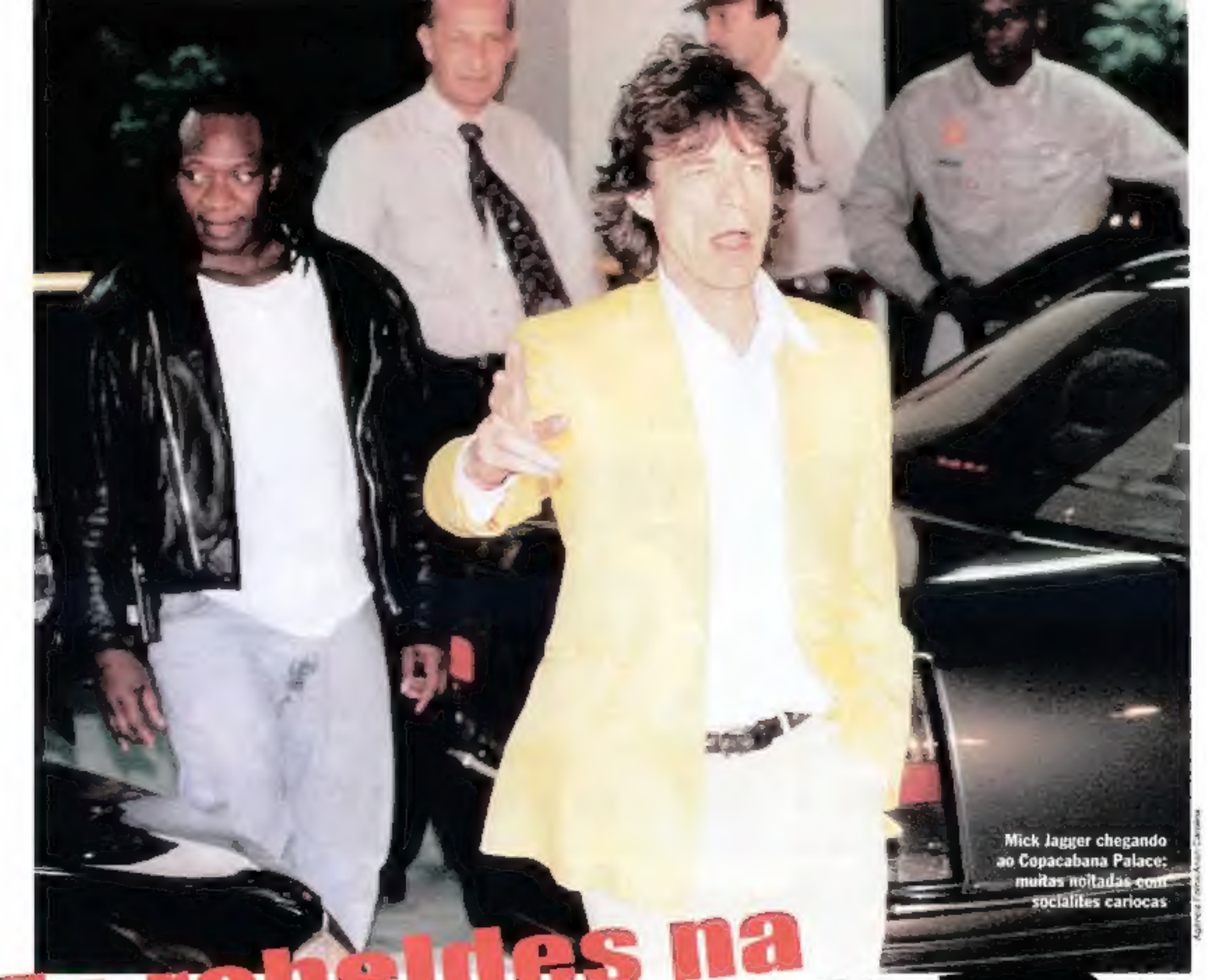
**NEIL TENNANT** (Pet Shop Boys) "O que venho tentando dizer há anos é que sou gay", soltou, em entrevista à revista gay inglesa *Attitude*, em novembro de 1994.

**BOB MOULD** (ex-vocalista do Husker Dü) "Tenho dois amores na minha vida: meu marido e meu trabalho", revelou à revista gay americana *Out*, em novembro de 1996.

**ROB HALFORD** (ex-vocalista do Judas Priest) "Eu sou gay. Isso era o que faltava para o meu público me conhecer de verdade", contou à revista inglesa *Q*, em março de 1998.

**MELISSA ETHERIDGE** "Estou muito orgulhosa em dizer que sou gay", anunciou a cantora americana, em show de abertura do Gay & Lesbian Festival em Nova York, em julho de 1992.

**RENATO RUSSO** "Eu estava precisando me assumir há muito tempo. Eu gosto de meninos", revelou em entrevista ao editor José Augusto Lemos, na *Bizz* de junho de 1990.



Mick Jagger chegando ao Copacabana Palace: muitas noitadas com socialites cariocas

# Ex-rebeldes na ALTA-RODA

**ROLLING STONES PASSAM DEZ DIAS NO BRASIL SE MISTURANDO COM SOCIALITES, MAS ENCANTAM O PÚBLICO NOS SHOWS**

Cercados de gente como o cirurgião Ivo Pitanguy, o empresário Olavo Monteiro de Carvalho e figurinhas carimbadas do society carioca, Mick Jagger, Keith Richards, Ron Wood e Charlie Watts passaram dez dias vivendo nababescamente no Brasil. Hospedaram-se numa ilha paradisíaca em Angra dos Reis, fizeram inesquecíveis passeios de barco, participaram de jantares badalados e foram motivo de uma festa de arromba. Mick Jagger, solteiro no Rio de Janeiro, deu, de acordo com as más (ou boas?) línguas, algumas escapadelas. Como os Stones, que outrora simbolizaram a rebeldia e a contestação, foram se misturar com a aristocracia de um país de Terceiro Mundo? Carlos Pinto, produtor da Dueto (empresa que trouxe o grupo ao Brasil), arriscou uma explicação: "Dinheiro leva a dinheiro e essa gente de alta-roda se mistura no mundo inteiro. Aqui no Rio não seria diferente".

E tudo isso, para felicidade dos milhares de plebeus que lotaram a Praça da Apoteose, no Rio, e a Pista de Atletismo do Ibirapuera, em São Paulo, parece ter se refletido nos shows que o grupo fez. Tanto que o energético Mick Jagger declarou que as apresentações no Brasil foram as melhores de toda a turnê *Bridges To Babylon*.

Com um repertório impecável baseado só em clássicos, os Stones mostraram por que ainda fazem tanto barulho. Embora menor do que *Voodoo Lounge*, *Bridges Of Babylon* é tão impressionante e empolgante quanto a turnê de 1994. As apresentações duraram duas horas e meia e encantaram o público com clássicos como "Satisfaction" (logo na abertura), "Gimme Shelter", "Start Me Up" e "Let's Spend The Night Togheter". Em São Paulo, os Stones ainda brindaram a platéia com duas surpresas: "Sister Morphine" (do álbum *Sticky Fingers*, de 1971) e "Under My Thumb" (de *Aftermath*, de 1966). O telão redondo de altíssima definição, os efeitos pirotécnicos, as reboladas da vocalista Lisa Fisher, os solos do saxofonista (e stone honorário) Bobby Keys e o palco menor montado no meio da platéia foram outras das armas que ajudaram *Bridges of Babylon* a bater *PopMart*, do U2, em diversas praças ao redor do mundo. Além de tudo isso, brasileiros e argentinos tiveram o privilégio de ver uma histórica participação de Bob Dylan (dividindo vocais com Mick Jagger) em "Like A Rolling Stone". Coisa para contar aos netinhos.

Bob Dylan e Mick Jagger cantando "Like A Rolling Stone", em São Paulo: momento antológico

## EM RITMO DE AVENTURA

Keith Richards em Angra: passeio de barco

• No Copacabana Palace, Mick Jagger desceu para jantar e entrou por engano na festa do Prêmio Contigo e acenou para um grupo de adolescentes fãs das Chiquititas.

• No sofisticado restaurante Antiquarios, no Rio, Mick Jagger jantou com um grupo que incluía a atriz Maria Zilda. Entre outras coisas, degustou uma sopa com orelha de porco e feijão.

• Keith Richards e Ron Wood passaram três dias em Angra dos Reis, na ilha dos Porcos, de propriedade do cirurgião Ivo Pitanguy.

• Um incêndio destruiu a lancha em que Ron Wood passeava com a mulher, a filha e outros vips. Salvo por uma lancha de repórteres que o seguia, ele continuou tomando cerveja e rindo enquanto as chamas lambiam o barco. De volta à ilha, agradeceu: "Os papparazzi também salvam vidas. O fogo tornou mais excitante nossa passagem pelo Brasil".

• Ao voltar da fazenda do empresário Olavo Monteiro de Carvalho, Mick Jagger foi personagem de uma perseguição hollywoodiana. Para fugir dos repórteres, os carros que escoltavam o astro fizeram uma barreira móvel, enquanto o Mercedes com Jagger acelerava a 150 por hora. O carro foi parado depois pela Polícia Rodoviária, mas não recebeu multa.

• Desavisado sobre a falta de pontualidade brasileira, o cantor dos Stones foi um dos primeiros a chegar numa festa de arromba na mansão de Olavo Monteiro de Carvalho. Sem constrangimento algum, humildemente se apresentou aos gatos-pingados presentes. "Hi, I'm Mick" (Oi, eu sou Mick).

• Contando com figurinhas carimbadas das colunas sociais cariocas – a atriz Vera Fischer, a socialite Narcisa Tamborindeguy, os casais Gil e Flora e o trio Caetano, Paula Lavigne e Paula Burlamaqui, entre outros – a tal festa teve de tudo. No auge da animação, a bateria da escola de samba Viradouro fez Ron Wood se jogar no chão de alegria e Keith Richards assumiu o reco-reco.

• Jagger arrastou asa para cima da cantora Simone Moreno, mas levou um corte. Motivo: dinossauro por dinossauro, ela tem o seu em casa – o guitarrista Pepeu Gomes. "Jamais o trocaria por Mick Jagger", garantiu a moça.

• Sem Moreno, o assediadíssimo *stone* não se fez de rogado e dançou com todas as mulheres da festa. Depois sumiu por meia hora. Na volta, foi visto surgindo do jardim, acompanhado da modelo Luciana Gimenez (com o vestido sujo de terra). Pouco depois, Mick saiu à francesa, alegando que tinha de descansar para o show.

• No último dia dos Stones em território nacional, Ron Wood participou de uma pelada na casa de Bebeto, na Barra da Tijuca. A partida durou 15 minutos e o time do guitarrista saiu vitorioso, apesar de sua total falta de intimidade com a bola.

• Horas antes de o grupo deixar o país, a socialite Narcisa Tamborindeguy conseguiu entrar na suíte de Jagger. A intenção dela era, segundo explicou, presenteá-lo com uma edição da revista *Caras* em que os dois aparecem juntos numa foto.

Herbert Vianna acerta o taco entre uma mixagem e outra

Sentado no chão, com a amiga guitarra

João Barone, Herbert e Bi Ribeiro encontraram um facho de luz no sempre nublado céu britânico

# em busca do som perfeito

## NO LEGENDÁRIO ESTÚDIO DE PETER GABRIEL, NA INGLATERRA, OS PARALAMAS MIXARAM E DERAM OS TOQUES FINAIS NO NOVO E INSPIRADO ÁLBUM *HEY NA NA*

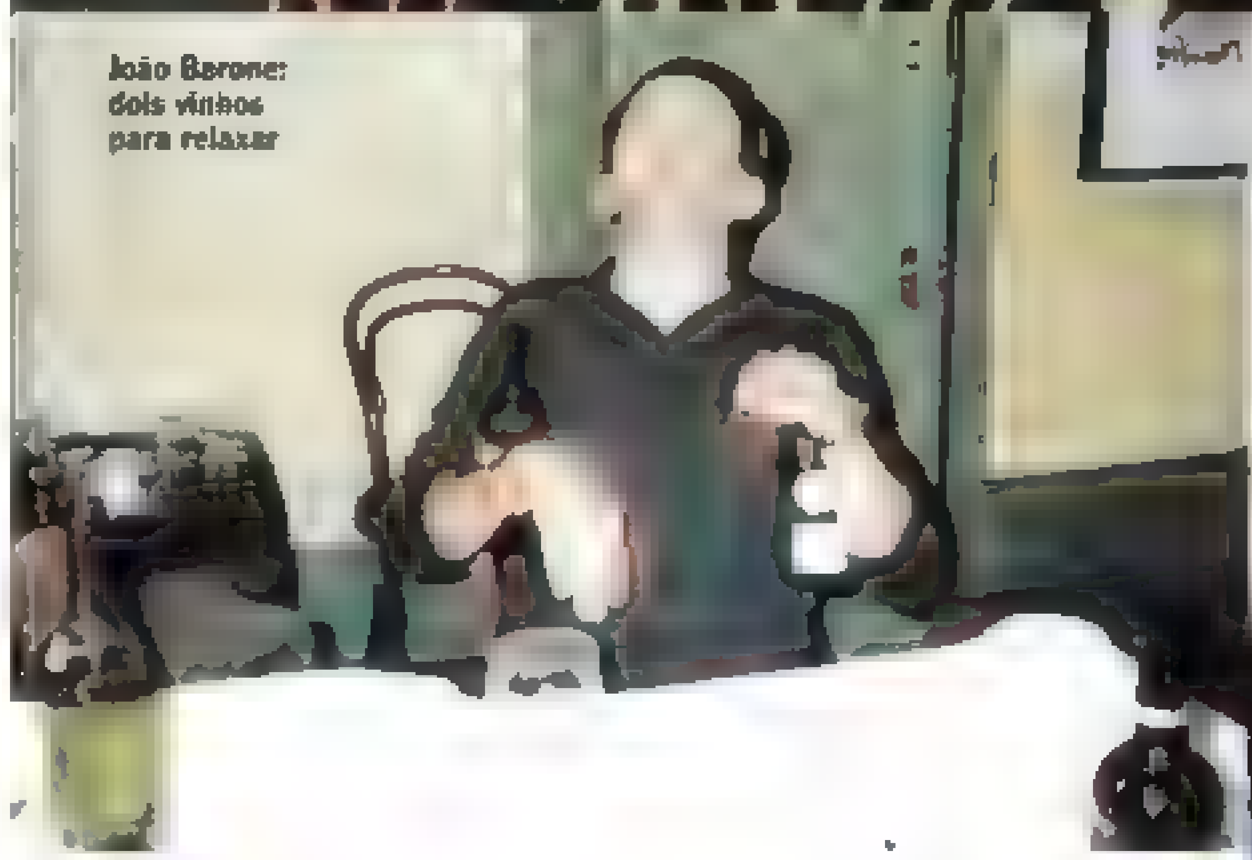
Texto e fotos por **MAURICIO VALLADARES**

[illegible] e a mixagem de um disco e a hora do parto. *Hey Na Na* nasceu sorrindo. No caso, o parteiro fonográfico atende pelo nome de Peter Gabriel. Foi na paz dos estúdios Realworld, de propriedade do Peter, que João, Bi, Herbert e o produtor Chico Neves mixaram seu novo filhote.

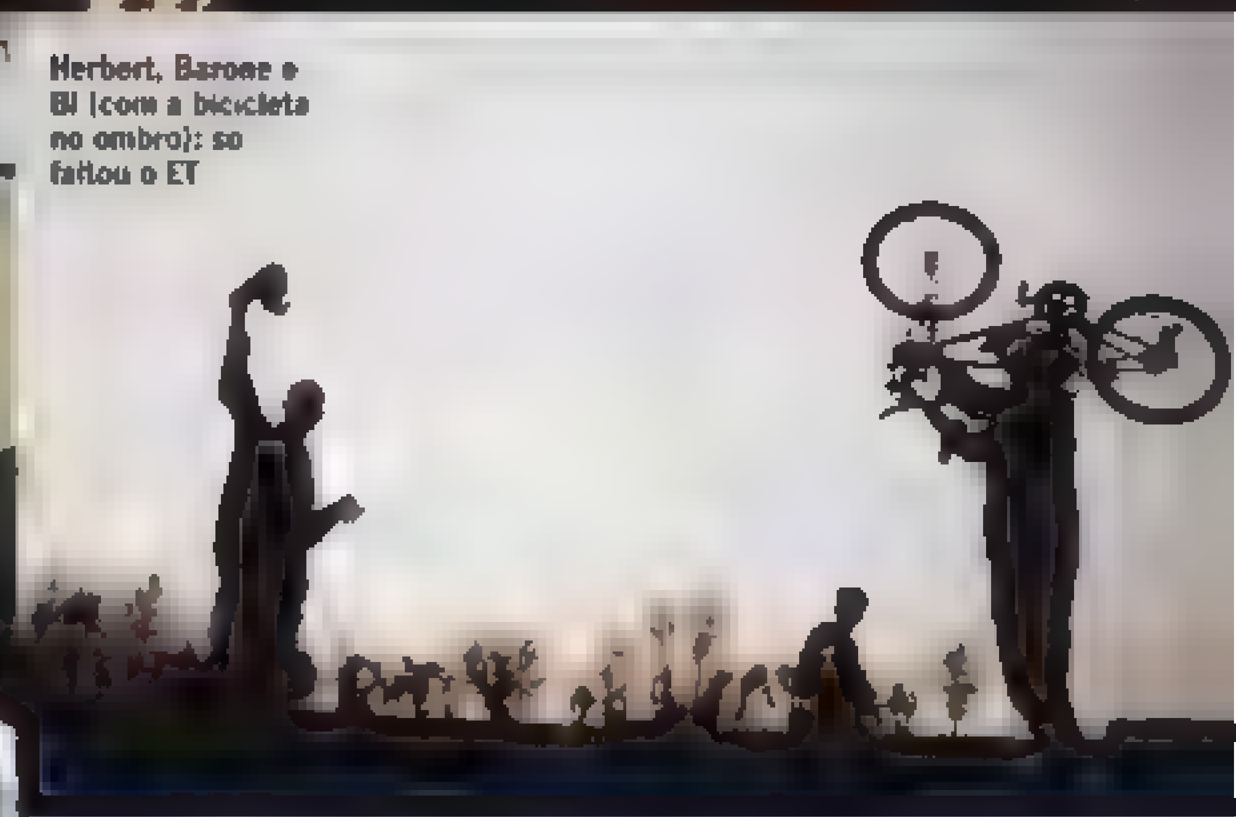
Gabriel escolheu a dedo o lugar para instalar o estúdio de seus sonhos: um moinho secular encravado em Box, vilarejo no sudoeste da Inglaterra, distante 90 minutos de Londres, perto dos históricos banhos romanos de Bath e das pedras enigmáticas de Stonehenge.

Por sinal, pedra é o que não falta na área. Há desde as de Avebury – onde foram feitas algumas fotos desta página – até as das paredes das *cottages* do tempo de Ivanhoé que alojam os músicos visitantes. A noção de visita – ou então a [illegible] de uma excursão em busca do som perfeito – vem do clima meio Itaipava (RJ), meio Atibaia (SP) [illegible] o verde e as pedras, a pausa para soltar pipa no morro [illegible] refeições igualmente fartas e deliciosas (que lembram uma hipotética passagem de Paul Bocuse pelo sul de Minas). Os "hóspedes" do Realworld em fevereiro eram os Paralamas e o grupo inglês Placebo.

A rotina tranquila da pequena Box pontuou o ritmo do trabalho. A ditadura do relógio lá não existe: engenheiro e técnicos de estúdio moram a poucos passos e estão à disposição o dia inteiro, além de dividir mesas de sinuca e pingue-pongue. Nesse ritmo manso tomaram forma as canções de *Hey Na Na*. [illegible]



João Barone: dois vinhos para relaxar



Herbert, Barone e Bi (com a bicicleta no ombro): só faltou o ET

## O DISCO, FAIXA A FAIXA

por Pedro Só

**Os Paralamas evitaram modismos novidadeiros e investiram no que sabem fazer: canções pop com sabores híbridos. Herbert fez o pêndulo das influências oscilar um pouco mais para o lado do rock, moderou seu apetite baladista e aumentou a guitarra. O resultado é o melhor trabalho do trio desde *Big Bang*, de 1989.**

**"Por Sempre Andar"**
Um riff básico de rock'n'roll citando ocasionalmente o tema de *Missão Impossível* e dialogando com os metais, instala de cara o clima extrovertido do álbum.

**"Depois Da Queda O Coice"**
Outro rock, traz o refrão que dá título ao disco ("hey na na") e uma guitarra de quem andou ouvindo Stevie Ray Vaughan. Surpreendente Herbert.

**"O Trem Da Juventude"**
Harmonia à brasileira, um belo sax barítono de Carlos Malta e sotaque pop emolduram uma letra feliz sobre o tempo e a vida que passam. Maturidade é isso aí.

**"Brasília 5:31"**
A letra sobre melancolia de quartos de hotel é levantada pela vivacidade do arranjo, que é a cara dos shows acústicos que os Paralamas andaram fazendo recentemente. Dado Villa-Lobos na guitarra.

**"O Amor Não Sabe Esperar"**
Adorável reggae com participação de Marisa Monte. Simplicidade romântica: "Ver você é ver na escuridão/ E quando o sol sair/ Pode te trazer pra [illegible]".

**"Ela Disse Adeus"**
A introdução, com programação rítmica do produtor Chico Neves, é um charme a mais neste típico reggae paralâmico de letra triste, mas com leveza pop.

**"Scream Poetry"**
Texto poético de Chico Science embebido por Bi e Herbert num [illegible] sambinha reggae (seria isso?). Com participação do violino e da voz toda particular do poeta Jorge Mautner.

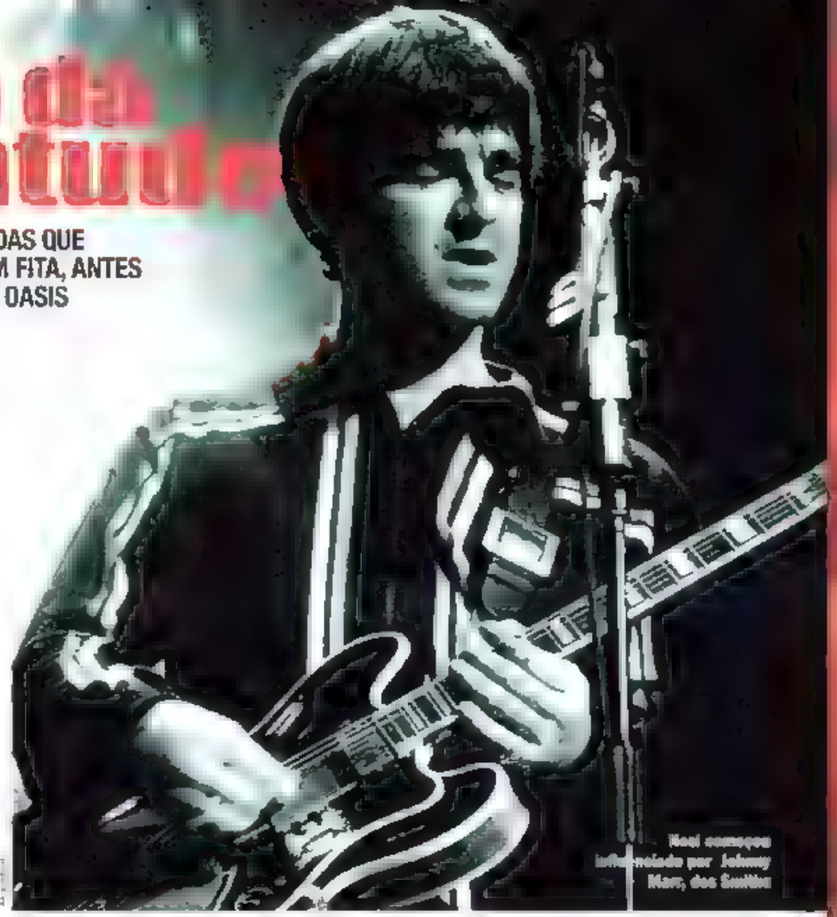
**"Viernes 3 AM"**
Uma quase balada sobre suicídio com o sotaque cosmopolita do argentino Charly García. Trabalho de guitarras comparável ao melhor de Radiohead e de outros grupos estrangeiros contemporâneos.

**"Um Dia Em Provença"**
Delicada balada com timbres especiais, parceria de Herbert com Thedy Corrêa, do Nenhum de Nós.

**"Santorini Blues"**
Escrita na paradisíaca ilha grega, demonstra no arranjo acústico todas as lições do recente álbum solo de Herbert.

# Tesouro da juventude

**ENCONTRADAS AS MÚSICAS PERDIDAS QUE NOEL GALLAGHER GRAVOU EM FITA, ANTES DE SE JUNTAR AO IRMÃO, LIAM, NO OASIS**



Noel começou influenciado por Johnny Marr, dos Smiths

Em 1988, Noel Gallagher era um guitarrista tímido, que tocava no obscuro grupo Fantasy Chicken & The Amateurs. Ele já compunha e impulsionado por um amigo, teve veu registrar oito de suas músicas num estúdio portátil. Esse material, agora revelado à revista inglesa *Record Collector's* por uma misteriosa fonte, estava abandonado desde então. "Noel ficava vermelho quando eu colocava as canções para tocar na frente dele. Eu dizia que elas eram maravilhosas, mas ele não se convencia disso", diz a tal fonte que, embora prefira ficar incógnita, dá pistas de ter sido uma antiga namorada.

Na época em que gravou as oito músicas perdidas, Noel era fã de Johnny Marr, dos Smiths. Isso aparece claramente na fita, junto, claro, com a já então enorme influência dos Beatles. O tape também deixa perceber um entusiasmo que virou assombro Oasis, o que não faz com que Noel deixe de se envergonhar do material. A única vez que fez referência às músicas perdidas foi numa entrevista recente ao jornal inglês *The Observer*. Na reportagem, ele revela que sua primeira composição se chama "Badge" – gravada originalmente como "Baj". A letra é um ataque aos falsos poderosos, que se consideram melhores do que os outros só porque carregam um distintivo (*badge*). "Ele era um rebelde e falava para expressar sua [illegible]. Lembro-me de Ele diz também que, antes do sucesso, Noel não demonstrava a arrogância atual. Os amigos de bairro eram todos mais agressivos. Mas Noel era diferente. Era amável, reservado, criativo e sensível", revela. Segundo a sua ex-namorada, o sonho do guitarrista era virar popstar. Ele me fez [illegible] Promessa não cumprida. E a tal fonte [illegible] Christie's, tradicional leiloeira de Londres.

## A fita

**"WOMB TO TOMB"**
Rock que fala de apatia e paranóia. Inclui uma criação de "It's Just a Story", hit do Teardrop Explodes, grupo de Liverpool do comecinho dos anos 80.

**"BAJ"**
A primeira música que Noel escreveu na vida. Bem simples, ironiza aqueles que se sentem superiores só porque usam um distintivo.

**"I AM THE MAN"**
Um dos protótipos do que viria a ser o som grandiloquente do Oasis, com aquele jeitão [illegible].

**"ENGLAND"**
Noel descreve a chatice do cotidiano da Inglaterra, esperando que uma bomba atômica exploda em sua porta.

**"I DIDN'T THINK SO"**
Também lembra Oasis, embora tenha uma instrumentação mais esparsa. A letra fala de dois ex-amigos que não concordam com nada.

**"WHAT'S IT GOT TO DO WITH YOU"**
Com levada à la Smiths e letra filosófica, fala da vida após a morte.

**"NO CAUSE FOR ALARM"**
A mania das referências aos Beatles começa aqui. "You Never Give Your Money", do álbum *Abbey Road* (1969), é a homenageada.

**"HAVE FUN"**
Mais uma na linha Smiths, embora com uma letra otimista, que conclama a fazer farra.

Pensativo e ativo: há um ano Marcelo trabalha sem descanso nas composições do seu CD de estréia fora da Legião

# O descobrimento de BONFÁ

**NA PRIMEIRA GRANDE ENTREVISTA DA SUA VIDA, O INTROSPECTIVO EX-BATERISTA DA LEGIÃO URBANA FAZ REVELAÇÕES SOBRE CARREIRA SOLO, INSEGURANÇA, DROGAS E A CONVIVÊNCIA COM RENATO RUSSO**

por
**ROBERT HALFOUN**

fotos
**ISABEL BECKER**

O[illegible]. Não poderia existir palavra melhor para definir o momento que vive Marcelo Bonfá. Depois da morte de Renato Russo [illegible] do fim da Legião [illegible] Resolveu investir pesado na vocação para compositor [illegible] sombra da Legião. [illegible] na Legião. Numa noite [illegible] conta Bonfá, sentado à mesa de café [illegible] cozinha [illegible] casa.

Construída num [illegible] na Barra da Tijuca, no Rio, a casa do baterista [illegible] de figurar em revistas de decoração. [illegible] No entanto, embora [illegible]

Marcelo [illegible] e passa a maior parte do seu tempo em casa, sempre [illegible] [illegible] conta. Marcelo se refere ao pequeno estúdio, que comporta sua bateria, um teclado, um computador e uma »

## CENTRALIZADOR: "QUERO ESTAR ENVOLVIDO COM TUDO QUE ESTÁ AO MEU REDOR. DESDE OS DETALHES DA MINHA MÚSICA ATÉ O CARDÁPIO DO JANTAR DA MINHA CASA"

série de equipamentos de alta tecnologia como sequencers e samplers. Foi ali que, desligado do mundo, ele gravou a base das dez canções que farão parte de seu primeiro disco solo. "Ano passado foi 1997, né? Pois é, já estou convivendo com essas músicas há um tempão mas, como sou meio inseguro, só agora comecei a mostrá-las para alguns músicos e estou mais confiante", diz. O medo de Bonfá tem motivo. O processo que ele usou para criar a sua obra é bastante diferente do usado na Legião. "Naquela época, muitas músicas surgiram baseadas no ritmo. O Renato falava 'Bonfá, toca aí...'. Então aleatoriamente eu mandava uma batida e ele e o Dado iam colocando os elementos. Será e 'Soldados nasceram assim", revela. Agora, sozinho, o baterista vai juntando as ideias e criando climas e texturas. "Não sei tocar tendo nem violão. Então vou montando esse quebra-cabeça." O resultado é algo bem relax, com levadas que, sim, lembram Legião. "Esse é um medo que é difícil evitar. Mas não chamaria meu trabalho de rock'n'roll", avisa.

Com o instrumental pronto, a batalha de Marcelo agora é em relação às letras. Ele diz que não é muito bom com palavras e que, compreensivelmente, está mal-acostumado com a poesia de Renato Russo. "Não tenho capacidade de exteriorizar as coisas que eu sinto. Além do mais, Renato já falou sobre tudo o que eu penso. Meu mundo gira em torno das músicas da Legião", confessa. Por isso, pensa em pedir para que amigos como Herbert Vianna, Alvin L. e Paulo Ricardo lhe escrevam letras numa linha mais romântica. Só ainda não o fez por causa da tal insegurança. Sentimento que, segundo sua mulher Simone, o faz ser centralizador. "Se ela falou, tá falado", brinca e emenda mais sério. "É realmente eu não consigo jogar nada na mão das outras pessoas, cara. Sei lá, por medo de me surpreender com o resultado final, quero estar envolvido em tudo que está ao meu redor. Desde os detalhes do meu disco até o cardápio do jantar aqui de casa", confessa.

É sabendo que Renato Russo também tinha uma personalidade fortíssima, não é difícil imaginar que o relacionamento entre o poeta e o baterista não devia ser muito fácil. "Adorava ver o Renato falar e gostaria de ter conversado muito mais com ele. Infelizmente não dava. O Renato era muito difícil, né? Só não brigávamos mais porque nos encontrávamos pouco", revela. Na sequência, lembra um dos casos. "Durante a gravação de *A Tempestade*, existia uma idéia de que deveríamos lançar um CD triplo. Eu achava que o álbum tinha de ser duplo e fiz uma lista de músicas bem próxima do que é o disco hoje. Aí liguei para o Renato. Cara, ele ficou duas horas me esculachando pelo telefone. Dizia que tínhamos um compromisso com os nossos fãs. Depois pensou melhor, e também chegou à conclusão que três CDs era demais", conta.

Além das diferenças de personalidade, a droga foi outro fator que contribuiu muito para as guerras de nervos. Que Renato teve problemas sérios com anfetaminas e álcool, todo mundo sabe. Mas que Marcelo foi fundo demais no consumo de maconha e, segundo ele, se tornou dependente de THC (substância da Cannabis que age sobre os neurônios), o baterista revela num momento de absoluta reflexão. "Fumei maconha durante vinte anos e teve um momento que começou a me fazer muito mal. Aí queria parar e não conseguia. Depois de tanto tempo fumando, entrei num estágio que mesmo que ficasse sem usar a droga durante dois ou três dias, meu cérebro continuava naquela vibração, entende?" E foi sua mulher que o ajudou a sair do vício. "Ela me deu muita força. Queria chegar ao nível emocional dela", conta. Hoje, obviamente, o careta Bonfá não quer saber de tapinhas. "Atualmente prefiro ar puro. E não aconselho ninguém a fumar não. Fui num show do Planet Hemp achei muito maluco. Pessoas precisam saber separar as coisas. Cada vez mais é cientificamente provado que maconha é perigoso, mas eu não entro nesse papo. Estou falando de experiência própria. Tive sorte, cara. Muita sorte."

Marcelo Bonfá nasceu virado pra a lua. E ele mesmo concorda com essa teoria. "Sempre páro para pensar nisso. E agradeço a Deus por um monte de coisas", fala. Entre elas, estão com certeza estar casado há quase dez anos com uma mulher bonita e compreensiva, ter o simpático filho Thiago de 6 anos,

Camiseta, bermuda rasgada e pé no chão: assim é Bonfá em casa

Apesar da aparência frágil, a forte personalidade de Bonfá era motivo de briga

## HOJE ELE ESTUDA CANTO PARA SOLTAR A VOZ NO NOVO DISCO. "ESTE É O MEU MAIOR DESAFIO E SEI QUE VOU CONSEGUIR"

e, claro, ter ganho muito dinheiro com a Legião. "A gente sempre recebeu muito de direito as nossas músicas tocam para caramba. Mas também não posso extrapolar. Eu tenho uma casa, um carro legal e uma situação confortável", admite.

Na verdade, Marcelo faz parte do 1% dos artistas do rock nacional que realmente ficaram ricos. Cá pra nós, nada mal para um garoto filho de família pobre, que há 33 anos nasceu na cidade de Itapira, interior de São Paulo.

Filho de um sociólogo funcionário do Banco do Brasil, Bonfá foi parar em Brasília por acaso, numa das andanças do pai. Fez o segundo grau num daqueles colégios pejorativamente chamados de boate, fez um curso profissionalizante de Publicidade e nunca precisou trabalhar a não ser como baterista do Legião Urbana. "Tive sorte de poder fazer as coisas que eu gosto. Nunca tive aula de bateria nem nada. O grande lance era colocar um tom de ouvido e ficar tirando as batidas de bandas como Buzzcocks, Ramones, Sex Pistols.

Hoje, mais maduro, está tendo aula de música e de canto. Isso para soltar a voz no seu futuro disco. "Estou indo bem nas aulas. Tenho um bom timbre e já consigo até ouvir a minha voz gravada", diz, referindo-se a um dos maiores desafios para quem está aprendendo a cantar.

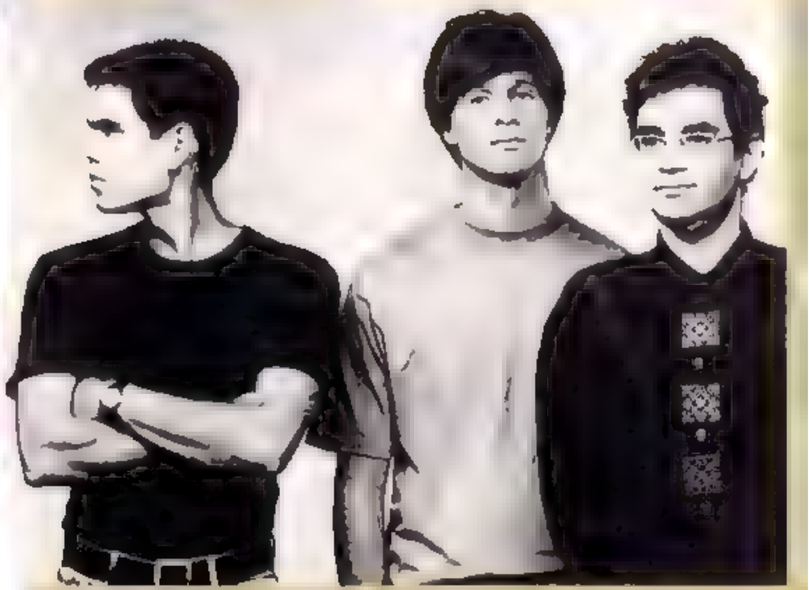
Quando estiver no ponto, Marcelo pretende entrar em estúdio para que o rascunho que gravou em sua casa se transforme enfim em arte final. Se o álbum já tem data de lançamento? "Às vezes consulto o I Ching para ver se encontro alguma resposta", brinca. "Acho que até o fim do ano sai. Esse trabalho para mim é um desafio. Botei isso na minha cabeça e vou conseguir", acredita. E conclui, chutando a insegurança para escanteio: "Quando você me bateu pedindo a entrevista, fiquei com medo de não ter nada para falar ou mostrar. Agora descobri o contrário. O Renato era um cara fabuloso, incomparável. Adorava vê-lo falar, aprendi muito com ele e sei que agora chegou a minha vez".

No seu estúdio caseiro, Bonfá compõe mesmo sem tocar violão ou piano. É a tecnologia a serviço da música



# Mais do MESMO?

**Bonfá rejeita tributos e foi contra o lançamento de coletânea da Legião**


Dado Villa Lobos, Bonfá e Renato Russo: coletânea da Legião atinge venda recorde

Há três meses, a gravadora EMI-Odeon lançou *Mais Do Mesmo*, disco que reúne os grandes sucessos da Legião e, em tempo recorde, o CD já vendeu mais de 500 mil cópias. No entanto, se dependesse da vontade de Dado e Bonfá, o projeto teria ficado arquivado. "O Renato jamais faria um disco assim. Nos topamos por pura insistência da gravadora e porque, de certa forma, esse disco funciona como um *best of* para o fã novato que não tem tudo da Legião", esclarece Bonfá. "Mas que fique claro: esse CD não tem nada a ver com a gente, entendeu?", desabafa. E, para deixar sua posição ainda mais clara, Dado e Bonfá incluíram uma cláusula no contrato com a multinacional que garante que *Mais Do Mesmo* só ficará no mercado por um ano. Depois sai definitivamente de catálogo. "Se a Legião estivesse ao locando, esse disco jamais sairia. Acho justo", define Bonfá.

Quanto a novos projetos do grupo, depois de engrenar sua carreira solo, o baterista e agora cantor gostaria de tocar um velho desejo de Renato. "Certa vez ele pensou em lançar uma caixa chamada *Material*. Ela traria algumas faixas perdidas, outras meio mexidas, gravações ao vivo... No futuro adoraria remexer nos arquivos dos estúdios da Odeon e tentar achar alguma coisa." Antes disso, porém, deve ser lançado o CD desplugado com a gravação do programa Acústico MTV, no qual a Legião participou em agosto de 1992. Disco ao vivo, segundo Bonfá é uma empreitada mais difícil. "O último show da banda, em Santos, foi gravado. Mas não tenho certeza de que dá pra extrair coisa boa daí. E, como todo mundo sabe, a Legião quase não fazia shows. Nossas turnês duravam três ou quatro shows", lembra. E explica: "Nossas apresentações eram muito viscerais. O Renato, nós todos, vivíamos as músicas, as letras... Era tudo muito real. Quando sentíamos que estávamos começando a interpretar, não rolava mais troca de energia e ficava tudo uma porcaria".

Em relação a vídeos e outros tributos, Bonfá é radicalmente contra. "Acho que não temos imagens suficientes para um vídeo decente. Forçando a barra, ficaria a maior enrolação. Agora, esse negócio de tributo... Dizem que vou abrir o meu baú de memórias... Que história é essa? Não vou abrir nada. Tudo que a Legião Urbana deixou está aí e é ótimo."

# Ligue e ajude a banda que ensaia no vizinho a ir mais longe.

Terça-feira, às 22h30.
Reprise, sábado, as 21h00.

As novas bandas mereciam lugar melhor para tocar do que uma garagem. Foi por isso que fizemos Ultrasom MTV. A cada programa, o VJ Gastão vai mostrar duas novas bandas nacionais. Durante toda a semana, você escolhe a melhor votando pelo telefone 0800 55 6888, ou pela Internet www.mtv.com.br. O resultado sai na terça-feira seguinte. No último programa de cada mês, as bandas selecionadas concorrerão entre si, e a vencedora vai aparecer na programação. Ligue. Você ajuda a descobrir novos talentos e as novas bandas nacionais não tem mais que tocar em formatura, despedida de solteiro e festa junina.

Toda semana, duas novas bandas nacionais. Você liga e escolhe a melhor.

ULTRA MTV SOM

# "NÓS SOMOS BONS EM INSULTAR GENTE"

## DIRETO DA INGLATERRA, O PRODIGY DEIXA CLARO QUE ESTÁ AÍ MESMO É PARA INCOMODAR

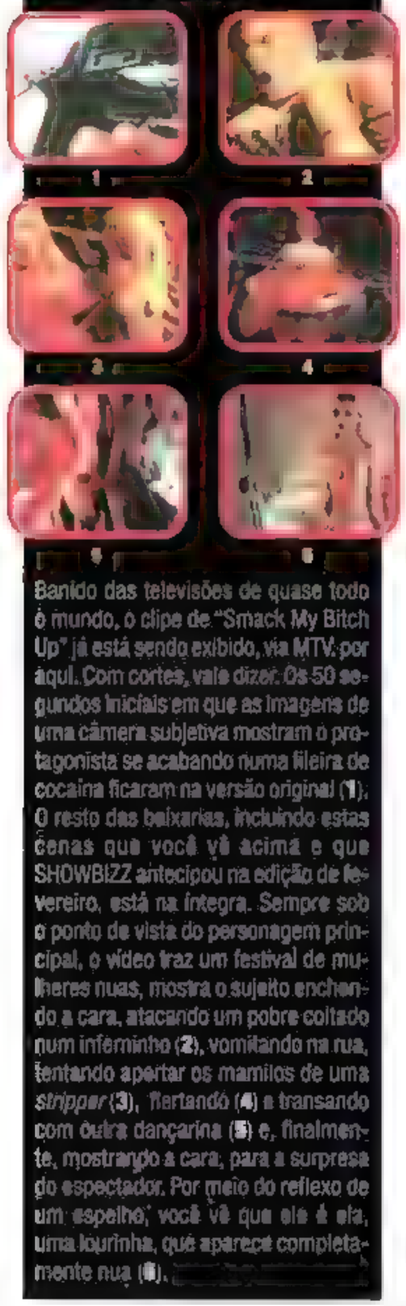
"A Inglaterra vai ganhar a Copa do Mundo. Vamos ganhar do Brasil e quebrar a perna do Ronaldo." O par de jornalistas brasileiros ouve a declaração bravateira [illegible]. O sentimento está [illegible] questão. Afinal, quem solta a grande [illegible] e Maxim [illegible] de mais de 2 metros que lança no Prodigy. Depois [illegible] Keith Flint. Mas o baixinho [illegible] o que faz para [illegible] imagem do grupo [illegible] se [illegible] Prodigy [illegible] de Liam Howlett [illegible] pode ser descrito como um rapaz civilizado e sensível. Sem o penteado "Bozo from hell" [illegible] calminho [illegible] em Braintree, Essex, a 70 quilômetros de Londres. Keith encara com paciência a profissão de ser [illegible] uma maratona de 10 horas consecutivas de entrevistas. E, de [illegible] Maxim: "O Brasil é que vai ganhar a Copa. Não [illegible] ganhar de um de vocês [illegible]", diz. »

por PEDRO SÓ, de Essex (GB)

Keith solta os bichos: "A gente faz o que quer mesmo"

# BARRA PESADA

**ULTRAPROVOCADOR, O CLIPE DE "SMACK MY BITCH UP" RECEBEU CORTES ATÉ NO BRASIL**



Banido das televisões de quase todo o mundo, o clipe de "Smack My Bitch Up" já está sendo exibido, via MTV, por aqui. Com cortes, vale dizer. Os 50 segundos iniciais em que as imagens de uma câmera subjetiva mostram o protagonista se acabando numa fileira de cocaína ficaram na versão original (1). O resto das baixarias, incluindo estas cenas que você vê acima e que SHOWBIZZ antecipou na edição de fevereiro, está na íntegra. Sempre sob o ponto de vista do personagem principal, o vídeo traz um festival de mulheres nuas, mostra o sujeito enchendo a cara, atacando um pobre coitado num inferninho (2), vomitando na rua, tentando apertar os mamilos de uma *stripper* (3), flertando (4) e transando com outra dançarina (5) e, finalmente, mostrando a cara, para a surpresa do espectador. Por meio do reflexo de um espelho, você vê que ele é ela, uma louríssima, que aparece completamente nua (6).

Maxim: "A Inglaterra vai ganhar do Brasil e vamos quebrar a perna do Ronaldo". E aí, vai encarar?

# COM O SUCESSO, ATÉ CELEBRIDADES DE HOLLYWOOD QUEREM SER AMIGAS DO PRODIGY. MAS ELES NÃO ESTÃO NEM AÍ PRA ISSO

Num esquema tipo bordel, repórteres de TVs escandinavas, jornais japoneses e veículos de comunicação brazucas esperam sua vez para uma casquinha de 30 minutos com a banda (banda?) mais revolucionária (revolucionária?) do momento (mês, ano, sei lá ...). Deve ser meio chato para o Prodigy ouvir as mesmas perguntas (e os mesmos sotaques) e repetir todas as histórias, mas Keith garante que eles não estão se prostituindo em um pequeno altar pelo sucesso. "A gente só faz o que quer mesmo. Ninguém nos obriga a nada. Nunca. Recentemente, queriam que tocássemos no Wembley Arena. Mas preferimos fazer dez shows em lugares menores. Afinal, o negócio aqui não é fazer dinheiro. O importante para nós é a energia, a vibração, o impacto do show. As apresentações precisam ter essa força. E Wembley não é o tipo do lugar que se preste para um grupo como o nosso."

Outro exemplo da independência em janeiro, o Prodigy bateu suas estaquinhas e exigiu não tocar em nenhum lugar que não fosse a Austrália. "A gente sabia que estaria o maior sol, era uma boa ir para lá naquele momento", justifica. Amigos, Keith, Maxim, Liam e Leeroy rodam o mundo se divertindo. Gostam de esportes, alguns deles radicais. Keith tem um carro esporte amarelo alucinante e em breve vai estrear como piloto de automobilismo.

Eles estão aproveitando a vida. Keith não escreveu nenhuma letra nova e não há planos ainda para novos discos. Uma vinda ao Brasil está para pipocar, mas o cronograma tresloucado e Leeroy não fazem muita ideia do que os espera por aqui. "Sepultura é brasileiro, né?", pergunta Keith, antes de continuar. "Eu gosto da atitude, tem umas coisas bem extremas, tipo Napalm Death. Gosto do estilo, das tatuagens, da coisa hardcore em si... Ah sim, e tem a capoeira."

Ah, sim. Keith e Maxim são, antes de tudo, dançarinos. Eles odeiam qualquer tipo de coreografia ("começamos a dançar hip hop, coisa de rua mesmo, não faz o menor sentido alguém dizer para a gente como devemos nos mover, isso é coisa para os americanos pré-fabricados", espeta Keith), não tiveram nenhum tipo de aula ou educação formal na atividade e defendem a espontaneidade, acima de tudo.

Foi espontaneamente, aliás, que eles deixaram de ser meros dançarinos. Maxim já tem tudo acertado para um disco solo. E Keith, bem, Keith praticamente usurpou o grupo das mãos do tecladista Liam Howlett. Mesmo sem tocar nenhum instrumento musical, ele hoje dá palpite sobre as músicas. Maxim é quem garante: "A gente vai ao estúdio junto e fala se alguma coisa não está legal. É como o mais importante para o grupo é a performance ao vivo, depois das apresentações, vemos o que funciona e o que pode melhorar. Keith: "A gente vai junto ao estúdio para criar. Se você for com a gente, também acaba participando. Eu fiz meus primeiros vocais assim, sem plano, nem nada. Experimentamos e ficou legal, só isso. O que vale nisso é a energia da performance. Minha voz não tem nada de especial, eu jamais seria vocalista em outras circunstâncias, mas aconteceu."

Aconteceu, e aconteceu mesmo. Os EUA agora babam pelo Prodigy (capa de revistas como *Spin* e *Rolling Stone*) e até celebridades de Hollywood querem ser amiguinhas de Keith. Liam e Cia., mas eles juram que não estão nem aí para isso. Liam disse que pretende que o Prodigy siga carreira tendo sempre um aspecto odioso ou "odiável, algo que possa ofender as pessoas. Como manter o nível depois de "Smack My Bitch Up" (último single), que se apropriou do palavreado de um gigolô negro e provocou censura, horror e desespero entre os politicamente corretos? Maxim se assusta: "Não sei..." Keith emenda rápido: "É muito fácil! Nós somos bons em insultar gente! 'Smack My Bitch Up' não foi uma tentativa intencional de ofender ninguém... Mas a verdade é que a gente não quer de maneira nenhuma fazer música que todo mundo goste. Sabe, minha mãe gosta de The Verve e Oasis *(contorcendo, ridicularizando)*. Eu prefiro The Verve, mas... Sei que a gente vai dar um jeito de ser mais incômodo do que 'Smack My Bitch Up'" *(risos)*.

Lembrando o Coringa com sua risada, Keith mata a charada. O Prodigy está aí para incomodar. Pais, fãs tradicionais de rock e quem mais quiser se deixar ofender por sua música. O resto? "Bem, nos preocupamos em melhorar, só com isso. Sabe, na maioria dos casos, o primeiro disco de uma banda é bom, o segundo é mais ou menos e o terceiro é uma porcaria. Nós não, nós estamos crescendo. Nosso primeiro disco é como uma TV preto-e-branco. O último é uma TV com imagem de alta definição", compara Maxim.

A analogia fala em tecnologia. Mas ninguém deve pensar que os meninos prodígios são jovens antenadíssimos em cyberbugigangas, badulaques high-tech e nerdices videogameiras. "A cena rave original que eu aprendi a gostar não tinha nada disso, as festas rolavam em barracões e ambientes meio favela", desarma Keith. "Se tivesse de classificar, diria que somos um grupo de música eletrônica com atitude punk." Techno? "O meu favorito é o 'techno' da seleção inglesa. Glen Hoddle."

## 5 EXEMPLOS DE FALTA DE EDUCAÇÃO

Keith, Leeroy, Maxim e Liam: como se vê, comportamento exemplar durante o VMA's, da MTV

**"Fuck Them And Their Law"**
"Danem-se eles e suas leis." Esta é a mensagem que se ouve na música "Their Law" do segundo disco, *Music For Jilted Generation*. O recado é para o Parlamento inglês, que havia proibido as raves (festas regadas a ecstasy e techno).

**"Eu sou um animal assim igualzinho a você"**
Maxim Reality, em resposta a um jornalista inglês que indagou sobre sua agressiva performance no palco.

**"Fuck Dis. Esses caras são apenas meros tocadores de discos"**
Liam Howlett detonando os disc-joqueis que dizem que o som do Prodigy é muito comercial e acessível à geração MTV.

**"Fico enjoado só de pensar em produzir uma música da Madonna. Prefiro morrer"**
Liam Howlett falando sobre ter recusado o convite para participar do último álbum da diva.

**"Smack My Bitch Up"**
"Bata na sua vadia." Essa foi a maneira delicada que o Prodigy arrumou para dizer em linguagem techno algo como "som na caixa". A expressão foi tirada de um disco do Ultramagnetic MCs, grupo de hip hop inglês.

# Satisfação GARANTIDA

**ESTOURADO NO MUNDO INTEIRO COM "BITTER SWEET SYMPHONY", O VERVE SE FIRMA COMO A PRINCIPAL BANDA DO CONCORRIDO CENÁRIO POP INGLÊS**

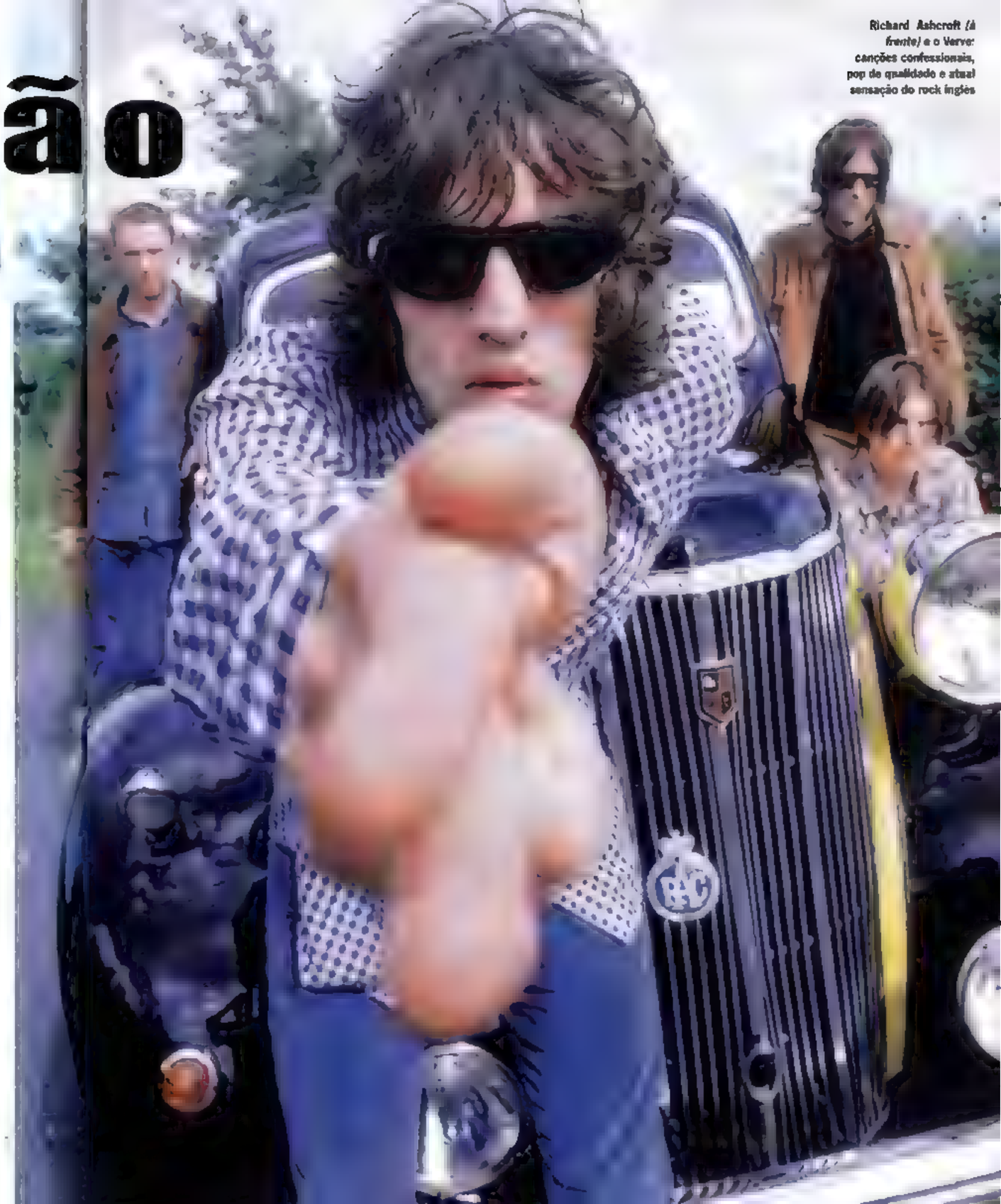
por SÉRGIO MARTINS

Apoiado pela bela melodia de "Bitter Sweet Symphony" (na verdade um sample de "The Last Time", dos Rolling Stones, tocado pela Andrew Oldham Orchestra), o Verve escalou os primeiros lugares da parada. A canção foi escolhida para abrir os shows da turnê *PopMart*, do U2, fechou as apresentações do Oasis, impulsionou as vendas do álbum *Urban Hymns* (mais de 2 milhões de cópias vendidas) e transformou o Verve na última sensação do criativo pop inglês.

"Mick Jagger e Keith Richards não escrevem uma canção boa como essa há mais de vinte anos!", desafia Richard Ashcroft, vocalista e líder do Verve. "Eu achei aquele disco num sebo de Londres. E quando ouvi os primeiros acordes de 'The Last Time' pensei que eles renderiam uma nova composição. Os riffs e o coro eram simplesmente maravilhosos!"

O êxito de "Bitter Sweet Symphony" também ressuscitou um velho Mefisto do pop britânico: Allen Klein, ex-empresário dos Rolling Stones e detentor dos direitos sobre a música do grupo. Klein tentou a todo custo empatar o lançamento do single. O Verve apelou para os Stones – em troca recebeu um "a canção é linda, você fez um belo trabalho, mas não vamos nos meter nisso" –, e, conformado, utilizou o único dialeto que Klein entende: dinheiro. Cedeu todos os royalties de "Bitter Sweet Symphony" para o empresário – que, mais que depressa, vendeu por cifras milionárias, a versão instrumental da canção para a Nike. "Ele está velho, vai morrer logo", pragueja o cantor.

Se o Oasis se julga uma versão modernizada dos Beatles, o Verve poderia muito bem ser os novos Rolling Stones. Richard Ashcroft tem as feições magras de Mick Jagger e se formou com louvor na escola Keith Richards de drogados. Seu vício em heroína por pouco não implodiu o grupo e rendeu uma das mais belas canções de *Urban Hymns*, "The Drugs Don't Work". "Nada de drogas, é uma canção de amor", desconversa. »



Richard Ashcroft (*à frente*) e o Verve: canções confessionais, pop de qualidade e atual sensação do rock inglês

# "HÁ ANOS QUE MICK JAGGER E KEITH RICHARDS NÃO ESCREVEM ALGO TÃO BELO QUANTO 'BITTER SWEET SYMPHONY' ", DESAFIA RICHARD ASHCROFT

Mick Jagger tem uma relação de amor e ódio com Keith Richards? Ashcroft vive as turras com o guitarrista Nick McCabe, que constrói a melodia exata para as letras perturbadas do vocalista. Na última briga que tiveram, os dois passaram um ano sem se falar. Só reataram no meio das gravações de *Urban Hymns*. "Ele é meu genio silencioso da guitarra", brinca o cantor.

Assim como John Lennon e Paul McCartney compuseram o primeiro sucesso dos Rolling Stones ("I Wanna Be Your Man", de 1964), Oasis e The Verve se ajudam mutuamente. O grupo de Noel Gallagher debutou em dezembro de 1993 como show de abertura do Verve – que então encantava a crítica com o disco *A Storm In Heaven*, lançado naquele ano. Juntos promoveram encontros históricos (um deles teve o guitarrista Bonehead fazendo solos de colher), foram expulsos de hotéis. E Gallagher tirou Ashcroft do buraco anos depois, chamando o amigo para abrir apresentações do Oasis nos EUA e para cantar em *Be Here Now*.

## SUCESSO AFINAL

Ashcroft dá mostras de estar incomodado com o sucesso. Suas entrevistas são feras e cada com indisposição. E ele cancelou a turnê americana que o Verve faria este ano. Recentemente, o cantor e a mulher, Kate Ridley (tecladista do Spiritualized e inspiração do álbum *Ladies And Gentlemen, We're Floating In Space*) foram perseguidos por adolescentes durante um passeio no Vaticano. "Suas chatas, não têm mais o que fazer? Não posso visitar o papa?", praguejou.

Seus problemas atuais, porém, são pequenos perto da odisseia que enfrenta há 26 anos (nasceu em 11 de setembro de 1971). Ashcroft é filho da Classe operária: a mãe, cabeleireira, suou para manter a casa depois da morte do marido – que desabou para sempre após sofrer uma hemorragia cerebral. O adolescente Ashcroft passou maus bocados na escola ("Seu apelido era Jesus, ele sempre queria uma multidão para adorá-lo", delatou um amigo ao jornal sensacionalista *The Sun*).

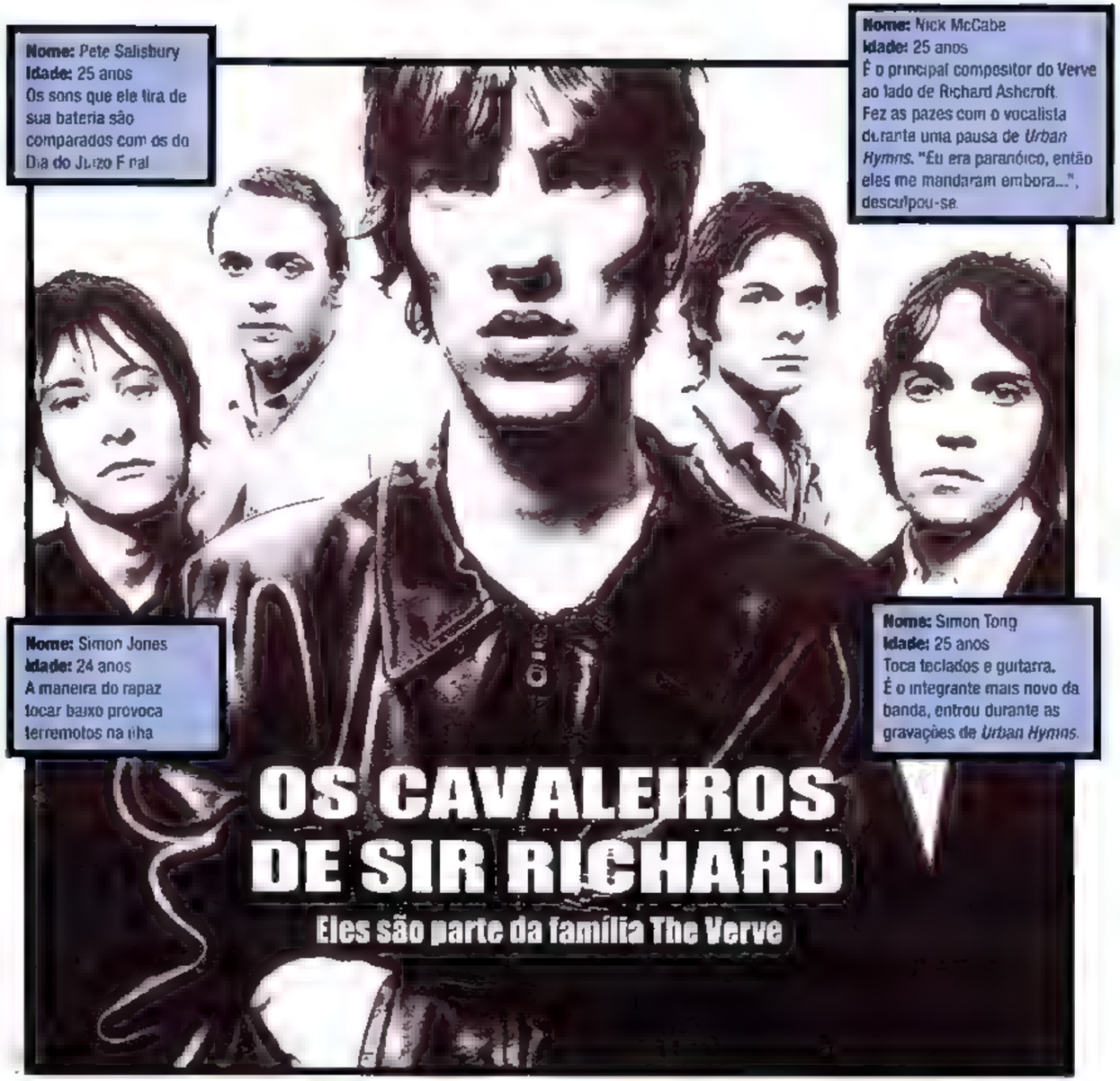
Depois de uma passagem pelo time de futebol da escola e um curso de filosofia, Richard Ashcroft montou o Verve em agosto de 1991. A banda passou a se apresentar em bares e festas de amigos – "foi nosso período de Hamburgo", justifica o cantor, referindo-se à passagem dos Beatles pela cidade alemã no início de carreira – e no ano seguinte comemorava o contrato assinado com a Virgin.

A parceria com a Virgin não significou exatamente sucesso. O Verve passou por maus períodos, transformando-se naquele tipo de banda que desperdiça boas chances pela janela. A passagem do grupo pelo festival itinerante Lollapalooza de 1994 foi cancelada depois que o cantor teve um esgotamento físico. O guitarrista Nick McCabe teve a mão estourada por um segurança em Paris no ano seguinte e o baterista Pete Salisbury quebrou o pé num acidente doméstico.

Richard sumia durante dias. Num desses desaparecimentos, às vésperas da gravação de *A Northern Soul* (1995), o senhorio do vocalista invadiu o apartamento de Ashcroft e jogou tudo fora, de móveis a discos de ouro. McCabe se meteu em brigas com antigas namoradas e atuais concubinas e ameaçou largar a banda. Desorientado, o Verve promovia performances confusas, em que uma canção durava no mínimo 15 minutos. "É realmente impressionante o que boa música, drogas ruins e emoções à flor da pele fazem com você", desabafou Ashcroft.

Um mês depois de lançar *A Northern Soul*, o Verve pediria as contas. "Esses idiotas! O que eles pensam que estão fazendo?", desabafou Noel Gallagher ao ouvir "History", considerado o single-despedida do Verve. Richard Ashcroft foi resolver seu problema de dependência química num hotel na Cornualha. Refeito, gravou *Urban Hymns*, recuperou McCabe e hoje colhe os bons frutos dessa decisão.

Famoso por intercalar bons momentos com períodos de alta depressão, o Verve grava o sucessor de seu álbum mais bem sucedido. Enquanto isso, "Bitter Sweet Symphony" faz bonito nos EUA (está em 12º lugar na parada americana). Bom conhecedor dos altos e baixos do mercado pop inglês (*veja abaixo outras bandas que disputam as paradas com o Verve*), Ashcroft não quer perder o posto para mais ninguém. Para quem pensou que iria apenas durar três álbuns, até que tudo está correndo muito bem. "Eu nunca fui muito bom em matemática mesmo...", encerra o vocalista.



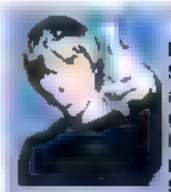

## Jóias da Coroa

**Bandas e artistas que fazem o pop inglês valer a pena**

Ex-guitarrista do Suede e inicialmente produtor de *Urban Hymns*, Butler lançou seu primeiro disco solo, *People Move On*.

Comandado por Tjinder Singh, promove uma fusão de música indiana com pop. Lançou o elogiadíssimo *When I Was Born For The 7th Time*. Eles ainda tocam um projeto paralelo chamado Clinton, cujo novo álbum deverá ter ajuda de Noel Gallagher.

Nova banda de Andy Bell, ex-guitarrista do Ride. A banda lançou um bom CD de estréia, tocou nos principais festivais ingleses e está nas paradas com o single "Only The Strongest Will Survive".



Ele era dos Stone Roses, a primeira grande banda [illegible] para os anos 90. O grupo se afundou no próprio ego e Ian ressurgiu das cinzas com *Unfinished Monkey Business*, um álbum que mistura boas canções pop com música experimental.

Os irmãos escoceses Jim e William Reid, notórios fazedores de barulho, lançaram o CD duplo *Munki*, que foi considerado obra-prima pela crítica inglesa.

Projeto do guitarrista John Squire, ex-Stone [illegible] por Led Zeppelin, Squire produz canções melódicas, mas com o devido peso na guitarra e nos refrões. O álbum de estréia do grupo, *Do It Yourself*, foi lançado no Brasil ano passado.

Autor de um dos melhores álbuns do ano passado, [illegible] *Gentlemen We're Floating In Space* (disponível no Brasil), o grupo é comandado pelo guitarrista Jason Pierce. O disco nasceu depois que Pierce perdeu a namorada para Richard Ashcroft.

Gibson USA

*É fácil comprar sua Gibson!*
*Ligue já e consulte preços, forma de pagamento...*

MIDI MUSIC
TEL. (011) 3061 3131

BIG FAT MUSIC
TEL.: (021) 236-7168 238 3280

CASA BEVILACQUA
TEL.: (011) 3064 1199 240-6418

TEL (013) 225-4660

P.A.
RUA TEODORO SAMPAIO 770
TEL. (011) 3061-0404
TEL. (011) 444 5877

**MESMO COM A POLÍCIA NO PÉ DO PLANET HEMP, MARCELO D2 PREPARA SEU PRIMEIRO TRABALHO SOLO, FALANDO ADIVINHA DE QUÊ?**

# liberdade para a poesia

por LETÍCIA CALMON

Faz seis meses que Marcelo D2 e o Planet Hemp mofaram na cadeia depois de terem sido, segundo a polícia, flagrados por incentivar o uso de maconha durante um show em Brasília. Foram todos soltos, mas os problemas não terminaram ali. A Justiça aceitou a denúncia do Ministério Público de apologia às drogas e os integrantes do Planet vão a julgamento em breve. Mais: com diversos shows cancelados, a média de vinte apresentações por mês caiu para apenas cinco e, onde quer que o grupo chegue, é sempre convidado para um papo com a polícia. "Está difícil de aturar essa situação", queixa-se D2. O que ele quer? Liberdade para falar do seu dia-a-dia e, agora, investir pesado no hip hop.

SHOWBIZZ



MARCELO D2

# O CD SAI EM JUNHO. DEPOIS MARCELO D2 CAI NA ESTRADA CANTANDO COM A NAÇÃO ZUMBI

Largadão no seu estúdio caseiro. Isto é D2, ao lado do DJ Zé Gonzales em pleno processo de produção

De sua recém-comprada casa no bairro de Laranjeiras, no Rio, apesar de todos os problemas, Marcelo está na boa. E o motivo para tanta tranquilidade no meio desse turbilhão de problemas que envolvem o Planet Hemp é o posicionamento confiante dos advogados Nabor Bulhões e de seu sócio Dalembert Jaccoud. Mesmo com o grupo sendo constantemente chamado a dar um pit-stop na delegacia antes dos poucos shows, eles não acreditam numa nova prisão nessa altura do campeonato. Não por apologia às drogas. "Provamos que o tal flagrante era ilegal", diz Jaccoud. O discurso também é otimista em relação ao julgamento, que, caso resulte em condenação, pode fazer a rapaziada do Planet pegar de três a quinze anos de cadeia. "Isso não vai acontecer", garante o advogado. "Estamos tratando de liberdade de expressão e temos todas as condições de mostrar que essa acusação é absurda", completa.

Pois muito bem: enquanto seu juiz não vem, Marcelo vai tocando a sua vida e prepara seu primeiro trabalho solo. Trata-se de um disco de hip hop que está sendo feito com a ajuda dos DJs Zé Gonzales e Rodrigo (ex-Rappa) e com as participações de Falcão, B Negão, Bezerra da Silva e quem mais quiser fazer parte do pagode. Inclusive a galera do Planet. Sim, o relacionamento entre os integrantes do grupo vai muito bem, obrigado. E nem sequer passa pela cabeça do Marcelo sair da banda. Muito pelo contrário. "Fico no grupo por no mínimo mais vinte anos!", diz, rindo. "Mas o Planet é rock e esse meu lance solo é hip hop. Não ouço nada hoje em dia que não seja esse tipo de som. Bom, tem o Jane's Addiction...", ressalva. E continua: "Estou sampleando Jorge Ben, Beth Carvalho, Tom Jobim. Só entra brasileiro no meu disco!", garante, mostrando com orgulho sua coleção de vinil. "DJ acha que dá azar samplear CD. Então meu disco inteiro vai sair com som de vinil, que é minha paixão", revela.

Mas se a sonoridade mudou, o carimbo de Marcelo permanece o mesmo nas letras. A selva continua suva na cabeça dele e claro, pinta nas letras. "Sou o mesmo compositor, né? Por esse lado, meu disco poderia ser o terceiro do Planet. Eu ando de skate, curto música, fumo uns baseados. Essa é minha vida, não dá para escapar."

A outra novidade é que, depois do lançamento do disco, em junho, Marcelo cai na estrada dividindo o palco com a Nação Zumbi. A turnê vai se chamar *Malungo*, canção-homenagem a Chico Science da qual D2 é co-autor. "A idéia é fazer uma grande jam em que também rolariam uns momentos em que a gente se apresentaria separadamente. E o velho paga um e leva dois!", anuncia.

Bom para os fãs. E para as fãs, cada vez mais histéricas com as performances de Marcelo no palco. Em recente apresentação do Planet no festival Heineken In Concerts, em Sampa, o cara causou verdadeiro furor entre as adolescentes e, depois do show, o comentário no banheiro feminino era um só: "Ah, ele é demais. Era só ele pedir que eu ficava com ele..." Coisa de sex symbol, mesmo. "Pô, isso é culpa da SHOWBIZZ! Eu não sou bonito, esse lance não devia ser pra mim...", brinca, com a moral de quem tem coisa mais importante para se preocupar. "Cadeia é uma parada que ninguém esquece. Mas ser preso não fez com que eu passasse a ter medo. Pra assinar Hemp Family tem de ter muita coragem." E lá vai ele queimando tudo até a última ponta...

## FUMAÇA COLORIDA

O Planet virou quadrinhos. É a *Hemp Family Comix* HQ lançado em abril que, além de aventuras enfumaçadas dos personagens Marcelo D2 e Cia., traz pequenas reportagens sobre *Cannabis* e, principalmente, sobre rock alternativo. "Classe A! O rock tem tudo a ver com o quadrinho. A gente tá acostumado a roubar imagens de músicas, filmes e, claro, de HQs... É o máximo virar um personagem, cara!", empolga-se D2, que, embora não tenha envolvimento nenhum no projeto, está arrasado no resultado final.

Onde achar: *Hemp Family Comix* pode ser comprada nas bancas ou pela Cx. Postal 1852 - CEP 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ



a nova banda • o novo álbum • a nova tribo

SOULFLY

# gente que faz

## EM SUA SEXTA EDIÇÃO, O **ABRIL PRO ROCK** MANTÉM A TRADIÇÃO DE SER O MELHOR FESTIVAL DO GÊNERO NO BRASIL

REPÓRTER BIZZ

por SÉRGIO MARTINS, de Recife
fotos RUI MENDES

Não existe eventos de iguais proporções, pelo menos no Brasil. São três dias de shows, que vão das 8 da noite até de madrugada e que reúnem um público médio de 10 mil pessoas por noite. As atrações se dividem em bandas consagradas (este ano teve Skank e Fernanda Abreu) a artistas concorrentes ao primeiro time (Jupiter Maçã, Pedro Luís E A Parede) e – principalmente – candidatos a um lugar de destaque no disputado cenário pop nacional (este ano foi o Sheik Tosado quem encheu os olhos de executivos de gravadora, da imprensa e do público do local)

Em seis anos de vida o festival sedimentou as bases do movimento mangue (nas figuras de Chico Science e mundo livre s/a), projetou nacionalmente o punk do Alto José do Pinho (com o Devotos do Ódio) e acolheu bandas como Skank, Pato Fu e Planet Hemp. Mas principalmente virou um guia para gente de gravadora. Uma apresentação consagradora no Abril Pro Rock fatalmente credencia a banda para um bom contrato – os destaques do ano passado, Penélope Charmosa e Querosene Jacaré, estão com seus lançamentos saindo do forno.

A seguir, um diário de bordo com o melhor da sexta edição do Abril Pro Rock. »

Público dança ciranda no show de Lia de Itamaracá

Dia 1º

# TRADIÇÃO MORNA

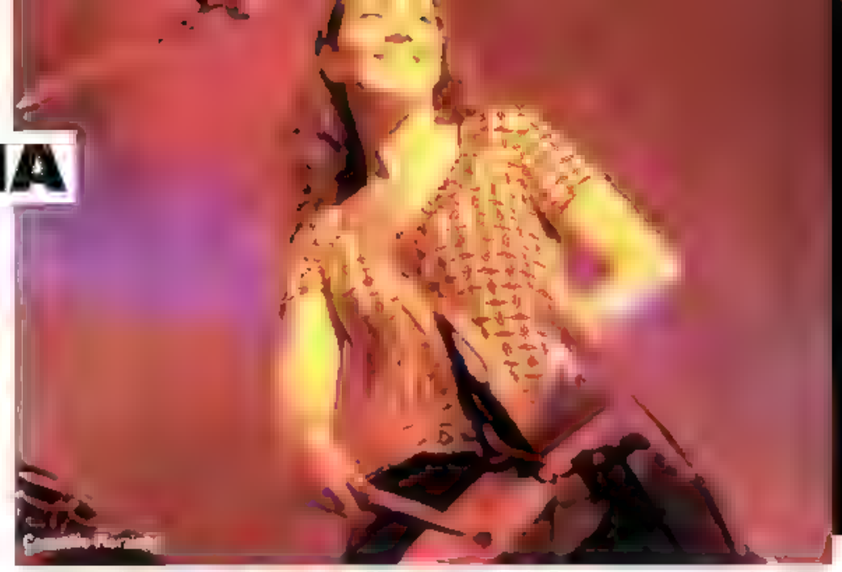
As atrações foram do soprador Edmilson do Pífano (cachê: R$ 1.5 mil) aos platinados do Skank (que tocou por camaradas R$ 25 mil) com recheio de Cascabulho, Comadre Florzinha e Querosene Jacaré

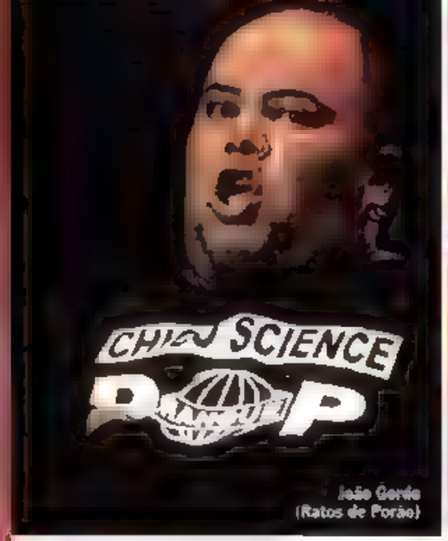
A preparação para o show foi a base de doses generosas de uma bebida intrigante chamada Pitú-Cola ("pô, isso tem gosto de Biotônico Fontoura", reclamou um companheiro). Na porta, os representantes da UNE reivindicavam meia-entrada nos R$ 15 cobrados pela produção. "Aqui o sujeito paga 150 paus pelo Recifolia (a versão pernambucana da micarota, com apresentações de grupos de axé music) e vem pedir meia-entrada no Abril Pro Rock", desabafa o empresário Paulo André

No palco, Edmilson do Pífano promoveu um arrasta-pé para poucuíssimas pessoas. Foi seguido por uma apresentação regular do Cascabulho, que contou com a guitarra de Paulo Rafael (notório colaborador de Alceu Valença)

No Mercado Pop, rolava uma feira de artesanato do terceiro milênio: barracas de comida divinham espaço com bangalôs de óculos, roupas típicas da modernidade local, lojinhas de CD e pinturas ousadas – numa delas, tocada por uma cover *manguebov* de Dennis Rodman, Che Guevara pitava um charuto suspeito. É ali que Rafael, ex-guitarrista do Planet Hemp, revela seus projetos. "Estou com uma banda nova, a Elroy (*o nome vem do garoto do desenho animado Os Jetsons*). A gente estréia no final de maio em show no Rio e deve lançar um mini LP com seis faixas."

No palco, entre decapções (Querosene Jacaré) e performances estorçadas (a guitarrista Luciana Pestana) salvou-se o regionalismo de Comadre Florzinha. O Skank encerrou a parte de música "humana" da noite com uma apresentação profissional, com quilômetros de distância da tradicional energia do grupo. Depois iria acontecer uma rave do DJ Soul Slinger. Mas o rapaz não trouxe pick ups, houve problemas no som e ele parou a apresentação pela metade, faturando o cachê mais fácil de sua vida.

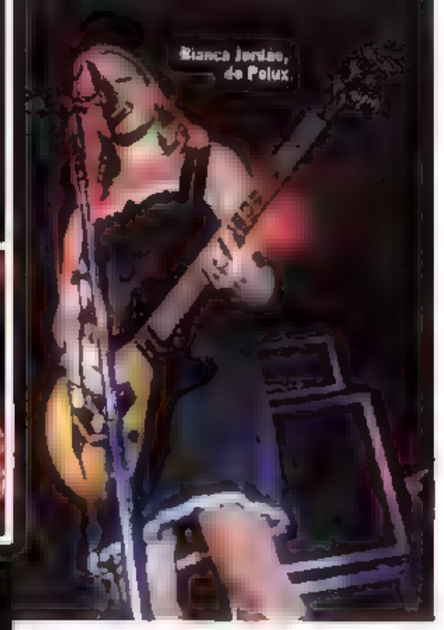




João Gordo (Ratos de Porão)

Agnes, cantor dos Squaws

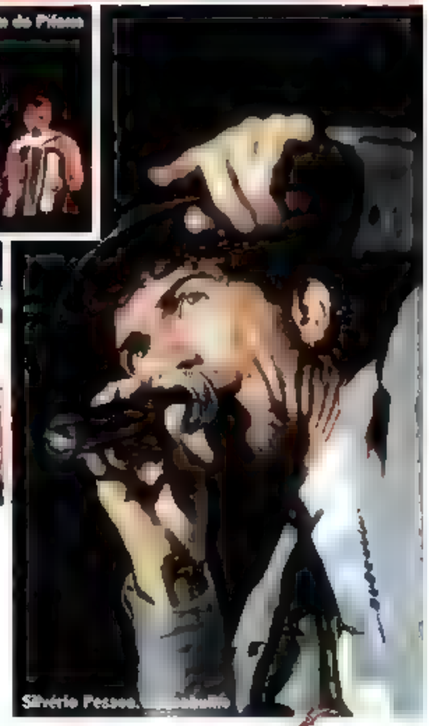
Chico Science


Bianca Jordão, do Polux

Grilo, do Querosene Jacaré

Edmilson do Pífano

Che Guevara traga... charuto suspeito


Silvério Pessoa

## da lama ao sucesso

**Como o Abril Pro Rock se tornou o maior festival do Brasil**

**1993**
Doze bandas locais se reúnem no Chico Maluco Beleza, em Recife. Chico Science & Nação Zumbi e mundo livre s/a despertam a atenção de grandes gravadoras.

**1994**
Pela primeira vez a MTV promove uma cobertura do festival. Os destaques desse ano foram Gabriel O Pensador e Jorge Cabeleira E O Dia Em Que Seremos Todos Inúteis

**1995**
É considerado o melhor ano do festival. Destaques: Chico Science & Nação Zumbi e as estrangeiras Skank, Planet Hemp, Pato Fu e Raimundos. "Este festival deu inveja a muito Hollywood Rock", elogia o jornal carioca *O Globo*

**1996**
Em outro grande ano, o Abril Pro Rock revela Mestre Ambrósio (hoje na Sony Music) e reverencia o punk veterano do Camisa de Vênus. É aberto o Mercado Pop, que traz criações de estilistas pernambucanos, barracas de artesanato e comidas típicas

**1997**
O festival passa a ser apresentado no Centro de Convenções de Pernambuco, localizado na divisa entre Recife e Olinda. Max Cavalera e a atração internacional do evento, que ainda traz Paralamas do Sucesso, Arnaldo Antunes e O Rappa. Revelações: Querosene Jacaré, Penelope Charmosa e Dona Selma do Coco

Dia 2

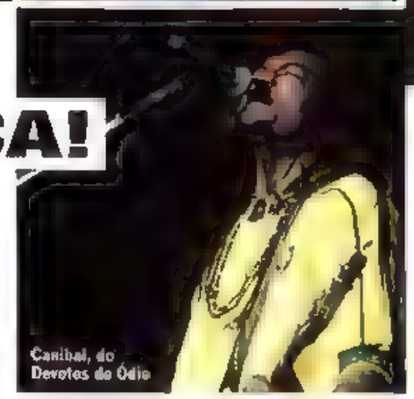
# BATENDO CABEÇA!

Os Suicidal Tendencies cancelaram o show na última hora. Num fax enviado à produção, o vocalista Mike Muir culpou a Vasp (o avião demorou 12 horas para sair de Los Angeles, EUA) e explicou que a mãe do baixista da banda estava internada no hospital e tinha pouco tempo de vida

Mas tudo bem, os Devotos do Ódio seguraram a barra. "Olha, eles colocaram 15 mil pessoas nesse mesmo local", explicou Paulo André. O festival, porém, começou morno, com o hardcore nem sempre competente do Baba Cósmica. "Foi custo zero, eles tocaram sem cachê e a gravadora (*a Universal*) bancou passagens e hospedagens", justificou Paulo André

Wander Wildner fez o melhor show do Abril Pro Rock (*veja boxe*). Squaws entrou atrasado, mas produziu barulho suficiente para animar a turma que gosta de bater cabeça enquanto ouve rock pesado. "O pessoal daqui é metaleiro, gosta de porrada", justifica José Teles, crítico do *Jornal do Commercio*. Os Funk Fuckers entraram em cena com uma celebração bem melhor do que o homônimo disco de estréia. Ao vivo, a porrada comeu solta, com altas doses de rap e metal, um baixista que se fantasiou de camisinha e o carisma de BNegão, ex-Planet Hemp. "Eu não tô entendendo nada, mas acho legal", confidenciou Cinthia Regina, 17, que rebolava ao som da banda

O melhor ficou por conta do Sheik Tosado. Com *dreadlocks* decorados com fita isolante e cara povoada de espinhas, o vocalista distribuía a fita demo da banda, produzida por Pupilo (da Nação Zumbi).


Canibal, do Devotes do Ódio

Ao vivo, o Sheik Tosado virou bicho. Hardcore do inferno com doses de maracatu e ciranda. E os Ratos de Porão? Quarenta e cinco minutos de tempestade ininterrupta, em que João Gordo cuspia palavras incompreensíveis para os não-apreciadores de hardcore, o baterista Boca socava a bateria com a disposição de um coelhinho da Duracel e não produzia a quantidade de barulhos necessária para danificar os tímpanos do ouvinte

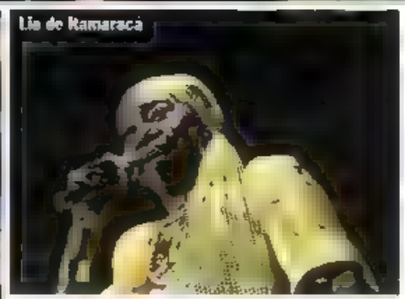
A performance colossal do Ratos prejudicou as bandas seguintes. Dona Margarida Pereira E Os Fulanos tiveram uma recepção morna, bem como as meninas do Polux – menção honrosa para os berros da baixista Mariana Eva (trajava um maravilhoso vestido de onça) e da guitarrista Bianca Jordão, além das boas intervenções do também guitarrista Rodrigo Brandão. Os Devotos do Ódio jogaram para a torcida. Literalmente, porque o baixista Canibal vestia uma camisa da seleção e comandou um "a taça do mundo é nossa" na zona. Numa analogia futebolística, pode-se dizer que eles ganharam dos outros convidados de goleada.

Wander Wildner

## último grande herói

Melhor atração do Abril Pro Rock, Wander Wildner herdou a celulite na barriga macérrima – de Mick Jagger, seus dentes podres nos fazem lembrar de John Lydon e sua vocação para trovador saiu da admiração por Juca Chaves?! "É cara, às vezes me sinto como ele. Quando tiro as músicas no violão, à beira da praia, com um radinho do lado."

Ele é um dos heróis do rock brasileiro. Não tem moradia fixa, só pode ser encontrado por meio da sua assessora. "Moro em casa de amigos", diz. Os espanhóis descobriram o potencial amante latino de Wildner e o convidaram para shows solo, que devem rolar em junho. Depois parte para a França, onde toca num festival local. As despesas serão bancadas pelo cantor. "Venderei minha impressora pra pagar a viagem", resigna-se »




Dia 3º

# PARABÉNS PRA VOCÊ

O dia começou com uma festa da casa da mãe de Fred 04, do m undo livre s/a. Dona Aliete Montenegro reuniu a fi harada serviu uma deliciosa feijoada para os convivas e rebate com um bo.o caído dos céus. "Você tem de vir aqui na semana que vem. Ela faz um feijão de coco que é uma coisa", emenda Carlos Eduardo Miranda, produtor dos três álbuns do mundo livre.

No Centro de Convenções a passagem de som atrasou e os concertos marcados para as 17h, começaram às 20h. Mas o festival pegou fogo logo nos minutos iniciais, com uma performance endiabrada de Zé Neguinho do Coco. Enquanto isso, o camarim de Dona Lia do Itamaracá – autora da histórica "Esta ciranda quem me deu foi Lia/ Que mora na ilha de Itamaracá" – comandava uma jam ao lado do saxofonista, já entrado em seus 80 anos. "Meu filho, eu me entendo com o rock", justificou. A mulher incendiou o palco e fez a platéia – que bateu cabeça com os Ratos no dia anterior – ensaiar passos de ciranda. Belo espetáculo.

Jupter Maçã, um Austin Powers de Porto Alegre, e seu baterista clone de Keith Moon (do Who) saíram consagrados. A música deles soa como Jovem Guarda com pegadas mais rock e influências de bandas inglesas da categoria de Pink Floyd e The Jam. As canções possuem títulos esquisitos ("Lugar Do Caralho", "Miss Lexotan") e as declarações do cantor soam como um "venha a nós os teus que eu enlouqueça". "Eu e o público tivemos uma relação cósmica", acreditava o vocalista.

Pedro Luís E A Parede foram os únicos a homenagear Tim Maia (que estava escalado para fechar o festival) na cover de "Sossego" e mandou um sarau literário com percussão. Belíssimo. E Soul Singer mais uma vez ganhou o cachê sem trabalhar: cancelou o show. Dessa vez, culpou o rapper Afrika Islam de não ter aparecido para bater o cartão de ponto.

O Rappa demorou mais de duas horas por causa da faringite do vocalista Falcão. Esforçado, o moço cantou no sacrifício e misturou sucessos ("Ilê Ayê", "Pescador De Ilusões") com viagens instrumentais. O quinteto carioca fez dub ao vivo e de maneira matadora. O baixão de Lauro Farias ricocheteava no peito e caía para os quadris, enquanto Marcelo Lobato, Marcelo Yuka e Xandão seguravam a massa sonora. A brincadeira durou 10 minutos. Coisa pouca. As vezes tocamos dub por meia hora", disse Yuka, já no hotel.

O festival findou com um atraso histórico de Fernanda Abreu. Foi a única que teve regalias de estrela (leia-se seguranças rosnando para repórteres e atrasos na passagem de som). Como poucas, ela sabe fazer um show: ensaia funks e charmes embalados por músicos da categoria de Aurélio Dias (baixista e aniversariante que ganhou um "Parabéns Pra Você" da platéia), Fernando Vidal (guitarra) e Tchê Leal (vocais). Mas para quem? A maioria do público e dos jornalistas se pirulitaram de lá, pouco depois da primeira canção de madame Abreu.

# bastidores

A banda de dona Lia de Itamaracá se concentra para entrar no palco. "Meu filho, eu sou do rock!"

Fernanda Abreu causa furor e faz uma homenagem histórica no público do Abril Pro Rock

Do Alto José do Pinho para o mundo: o punk rock tosco e ingênuo do Devotos do Ódio

Cumprimentos de personal do Jupiter Maçã – ainda no planeta Terra

O Ratos de Porão, estourado depois do show. "Gente, vamos posar pra foto, é o Rui!"

O Skank traça Mila com Paulo Ahelm. Eles embarcaram para o Rio logo depois do show

# maracatu atômico

## Os números e tipos que fizeram a diferença no festival

### OS NÚMEROS

**R$ 25 mil** (com abatimento) foi a quantia que o Skank recebeu para fechar a primeira noite da festa. As bandas locais tocaram por módicos tíquetes de cerveja e ingresso para as outras noites do festival.

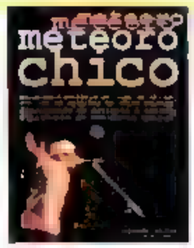
**6** Pitús-Cola – foram necessárias para deixar João Gordo em ponto de bala para tocar com os Ratos de Porão.

**R$ 1,50** era o preço do capeta (bebida energética) made in Porto Seguro (BA). A receita foi adaptada e ganhou uns toques pernambucanos.

### A FEIRA

Há três anos o Mercado Pop bate ponto no Abril Pro Rock. É uma feira de mangaio do terceiro milênio, com criações de estilistas pernambucanos (alguns deles bastante influentes no mangue bit), uma feirinha cheio de artigos relativos ao festival (CDs das atrações, fitas demo, revistas, camisetas) e comes e bebes.

### A REVISTA




A Nação Zumbi foi a ausência mais sentida no Abril Pro Rock. Chico Science, porém, marcou presença em *Meteoro Chico*, biografia do movimento mangue escrita pelo jornalista José Teles. Custa R$ 5 e pode ser encomendado na Editora Bargaço – Rua Conde de Irajá, 315, Torre, CEP 50710-310, Recife – PE. O telefone é (081) 227-4855.

### O PÚBLICO

Uma média de 8 mil pessoas por noite, que bateram cabeça, dançaram ciranda e funk carioca.

### A FRASE

"Um pouquinho de paciência, pessoal. Vai ser legal."

Proferida por um backing vocal de Fernanda Abreu, enquanto a banda passava o som às 5h da manhã.

### O FURÃO

Tim Maia ia encerrar o festival e deu cano de novo. Tem gente que não aprende...

# combinado metal

**NUM JANTAR REGADO A SUSHI E CERVEJA, OS GUITARRISTAS DAVE MURRAY E JANICK GEARS BRINDAM A VOLTA DA BOA FASE DO IRON MAIDEN E SOLAM NUM CARDÁPIO QUE INCLUI AINDA MUHAMMAD ALI, *TITANIC* E PAU NO METALLICA**

por ROBERT HALFOUN e SÉRGIO MARTINS fotos ARY DIESENDRUCK

M[illegible] garçom coloca a cerveja no copo e Dave dá um belo gole. Aí [illegible] a boca o [illegible] o sorriso de aprovação. Janick, sentado ao lado, também com um copo na mão, imita o gesto. A dupla de guitarristas do Iron Maiden não nega a fama de assídua frequentadora dos pubs ingleses. "Trabalhei na cervejaria Guinness quando era moleque. Aprendi a gostar de cerveja desde cedo", revela Dave. E no Brasil promovendo o novo álbum, *Virtual XI*, os dois parecem mais interessados nas louras do que no vistoso Titanic de sushis que aporta sobre a mesa. Também não escondem a empolgação quase adolescente pelo momento que vive a banda. Depois do fracassado *X Factor*, CD que marca a estreia do novo vocalista Blaze Bayley, e de uma turnê, digamos, [illegible] mais ou menos, o Maiden retorna aos palcos em maio numa excursão nos moldes dos mega shows que faziam nos anos 80, incluindo até a volta do mascote Eddie, aquele monstrengo de quase 3 metros, aos palcos. "Agora o bicho vai pegar", arrisca Janick em português mesmo.

O humor dos ingleses é excepcional. Durante as quase três [illegible] horas de entrevista, Dave e Janick confirmam a imagem de pessoas comuns. [illegible] encararam com [illegible] todo tipo de assunto [illegible] no [illegible] repertório de música clássica que embala a conversa. Só param de beber quando as [illegible] bochechas de Dave começam a ficar vermelhas.

**Janick** O que é isso, foi um [illegible]?
**Robert** [illegible] não?
**Janick** [illegible], mas não tenho certeza. De qualquer forma, [illegible].
**Sérgio** Vamos começar falando das novas canções. Há uma certa mudança no estilo de algumas músicas.
**Dave** Cada disco do Maiden tem um sabor diferente. Neste voltamos a compor canções de 8, 10 minutos. É um retorno àquele velho estilo do Iron Maiden de faixas como "Hallowed Be Thy Name", "Rhyme Of Ancient Mariner".
**Robert** A nova "The Angel And The Gambler" lembra mais aquele tipo de hard rock [illegible].
**Janick** Definitivamente é rock'n'roll. Mas o [illegible] não [illegible] assim.

»

**“Dá vontade de dizer para os caras do Metallica: ‘Fãs não mordem, viu?’. Egolatria é um comportamento muito americano”**

**Robert** Você quer dizer que ele é arrogante?
**Janick** Entenda como quiser. Não vou me retratar pela imprensa.
**Robert:** E você, Dave, tem algum ídolo?
**Dave** Buddy Guy. Tivemos alguns dias em Chicago na última turnê e fomos ao clube de blues que ele tem lá. Chegamos até a tocar juntos. Foi lindo.
**Janick** Dave é um cara do Blues. Vai se tornar um daqueles velhinhos que andam de bar em bar com a guitarra nas costas à procura de jams.
**Dave** Essa é a minha a fonte da juventude... Quantas pessoas de 70 anos entram num bar de blues? Fazem isso? Se bobear esses caras são mais novos lo que eu. Quando tocam, se sentem com 10 anos de idade. Também quero me sentir assim.
**Sérgio** Algum outro ídolo?
**Dave** Muhammad Ali. Pelo talento, determinação e disciplina. Foi sem dúvida o maior boxeador do mundo.
**Robert** Falando em esportes, *Virtual XI* tem algumas referências a futebol. Vocês são bons de bola mesmo?
**Dave** O disco tem essas referências futebolísticas porque está sendo lançado em ano de Copa. Quanto à nossa performance nos campos... Sinceramente, somos uma tragédia. Isso é coisa do Steve Harris.
**Sérgio** Na capa de *Virtual XI* tem um time de uniforme amarelo sendo atacado por outro de branco. É uma citação ao Brasil?
**Dave** Sim! Essa é a única maneira que achamos para fazer com que a Inglaterra desse um soco no Brasil.
**Sérgio** Por que vocês nunca escreveram uma música para a seleção da Inglaterra?
**Dave** Ah, não. Já nos convidaram para fazer uma música para o Mr. Bean!
**Janick** Recusamos, é claro. Ele é um completo idiota; não sei como as pessoas vêem graça naquele sujeito.
**Robert** Planos para uma turnê mundial?
**Janick** Claro. Em maio estaremos na Europa, depois vamos para os Estados Unidos, voltamos para a Europa e, no fim do ano, devemos estar vindo para o Hemisfério Sul.
**Robert** Isso inclui o Brasil, claro.
**Dave** Definitivamente.

**Dave** Com certeza. Mas ao mesmo tempo que há novidades, as músicas soam como típico Iron Maiden. Não são muitas bandas que conseguem ter uma voz tão marcante. Acho que o Black Sabbath também tinha essa característica.
**Robert** Há algum segredo que faça com que o Maiden consiga isso?
**Janick** Não há regras. Costumo dizer que não se aprende rock'n'roll no colégio.
**Dave** Não existe fórmulas para aquilo que se faz com excitação.
**Sérgio** Parece que Blaze Bayley agora está mais familiarizado com a banda.
**Dave** Sim, as pessoas passaram doze anos ouvindo Bruce e queriam continuar a ouvir a voz dele. No entanto, nós queríamos alguém que tivesse uma voz nova.
**Sérgio** Nos shows, porém, você não acha que algumas músicas foram escritas para os vocais de Bruce?
**Janick** Não. As músicas nascem e já precisam ser adaptadas para cada vocalista. Bruce fez isso, e com Blaze não seria diferente.
**Sérgio** Ainda há algum tipo de relacionamento com Bruce?

**Dave** Somos amigos. Eu sei que ele fala coisas engraçadas do Iron Maiden na imprensa, mas e daí? Deus o abençoe.
**Sérgio** *(para Janick)* Você tocou no primeiro álbum solo dele.
**Janick** *Yeah.*
**Sérgio** Também participou da Ian Gillan Band, certo?
**Janick** Sou uma cara de sorte... Por isso quando Ritchie Blackmore deixou o Deep Purple fui chamado para substituí-lo em shows no Japão. Infelizmente não pude ir e Tom Satriani acabou no meu lugar.
**Dave** Esse cara sempre foi muito amigo dos integrantes do Purple. Incluindo o *(ex-vocalista)* David Coverdale.
**Janick** Moro a uns 10 quilômetros da casa dele, nos arredores de Londres.
**Sérgio** *(ainda para Janick)* Você se declarou fã grande do Jeff Beck. Você o conheceu pessoalmente?
**Janick** Ano passado, houve uma festa em Londres e ele estava lá. Mas há uma diferença grande entre o guitarrista e a pessoa Jeff Beck.

**Sérgio** Depois de dez anos de turnê, é muito difícil escolher o repertório?
**Dave** Ao invés de fazer uma grande coletânea de sucessos, preferimos focar o show no disco novo. Mas não há como excluir músicas como "Number Of The Beast", "Iron Maiden" ou "Wrathchild". [...]
**Janick** É bom tocar as velharias, mas é preciso ter em dado para você não virar uma caricatura de si mesmo.
**Robert** Vocês já sabem qual será o palco da turnê de *Virtual XI*?
**Dave** Será maior do que o da turnê de *X-Factor*. No meio dos anos 80 tínhamos todo aquele aparato no palco. Nos anos 90, demos um tempo nisso porque queríamos tocar em espaços diferentes e ter mais agilidade na turnê.
**Janick** Acho que chegou num ponto em que a coisa saiu de controle, tanto cenário estava engolindo a banda e queríamos ter uma postura mais rock'n'roll. Agora voltamos a grandes produções... E atenção: isso inclui a volta de Eddie aos palcos.
**Robert** Existem vários mistérios em relação ao Eddie. Um deles é de como o monstrengo se move. Uns dizem que a criatura é uma máquina, outros garantem que é um homem numa perna-de-pau...
**Dave** Ele é o Eddie! *It's a secret!* Pode ter vários estilos e formas... E o que se pode esperar de um ser com mais de 120 anos. Agora ele volta como um holograma. Um ser de computadores.
**Sérgio** *(para Dave)* Você ainda é fanático por Internet?
**Dave** É gosto de entrar principalmente em *chat* de conversa com fãs. Na noite de Natal entrei numa sala e, acredite, 95% das pessoas eram brasileiras.
**Sérgio** Tem alguma música que tenha mudado a vida de vocês?
**Dave** "Iron Man", do Black Sabbath, mudou a minha vida. Desde a introdução até aquele riff maravilhoso.
**Sérgio** Curioso você dizer isso, porque a revista *Rolling Stone* escreveu que o riff de "Iron Man" é algo que qualquer idiota poderia fazer.
**Janick** É, críticos, críticos.

**Dave** Hey, hey, alguns críticos destruíram *Titanic*, mas isso não fez justiça. Acho um dos melhores filmes já feitos.
**Sérgio** Você já ficou nervoso com as críticas sobre o Iron Maiden?
**Dave** Existe uma linha muito fina entre o lado pessoal e o profissional. Às vezes, alguns desses caras ultrapassam essa linha e, como eles são poucos na Inglaterra, normalmente cruzamos com eles nos bares. Aí, a situação é meio constrangedora.
**Robert** Você tem muitas histórias em bares?
**Dave** *(risos)* É, acho que eu passei 50% da minha vida encostado em balcões de bar *(risos)*. Hoje, sou mais caseiro, gasto meu tempo com coisas mais saudáveis.
**Robert** Quando vocês saíram do hotel, antes de vir para o restaurante, ficaram uns 15 minutos autografando toda a coleção de discos do Maiden para alguns fãs. Esse tipo de atenção não é muito comum em rockstars.

**Janick** Bobagem, nós estamos aqui por causa deles. [...] Essa história de rockstar é um comportamento muito americano, eu não me sinto assim. Houve uma vez em Castle Donnington *(festival na Inglaterra)* que rolava um coquetel antes dos shows. No lugar em que aconteceria a festinha, existiam três áreas. Uma VIP onde estávamos nós e outros artistas, uma comum onde estavam fãs, e uma VIP do VIP onde os caras do Metallica ficavam sentados. E eles não deixaram que trouxessem fotos e não saíram de lá em momento algum para falar com os fãs. Isso sem se dar conta de que só estavam ali porque tinham garotos esperando por eles do lado de fora.
**Dave** É tão assustador assim gastar 15 minutos cumprimentando fãs e tirando algumas fotos?
**Janick** Dá vontade de falar: "Eles não mordem, viu?" E egolatria é uma coisa muito americana.

**“Gastei 50% da minha vida encostado em balcões de bar. Hoje gasto tempo com atividades mais saudáveis”**

O ESTADO DE S. PAULO

# Programa espacial terá astronauta brasileiro

*Estadão de domingo mobiliza milhares de crianças em São Paulo.*

O Estadão de domingo tá cheio de boas notícias pra criançada. Kit Legal Estadão

+ + = 4,50 + Grátis

ESTADÃO
É muito mais jornal.

# Mistura explosiva

## Max Cavalera coloca heavy metal, tambores e tecno no mesmo caldeirão

SOULFLY
*Soulfly*

São 63 minutos de pura pauleira, mas também de ousadia e sofisticação musical. *Soulfly*, álbum de estreia da nova banda de Max Cavalera, ex-Sepultura, é algo para não deixar passar em branco.

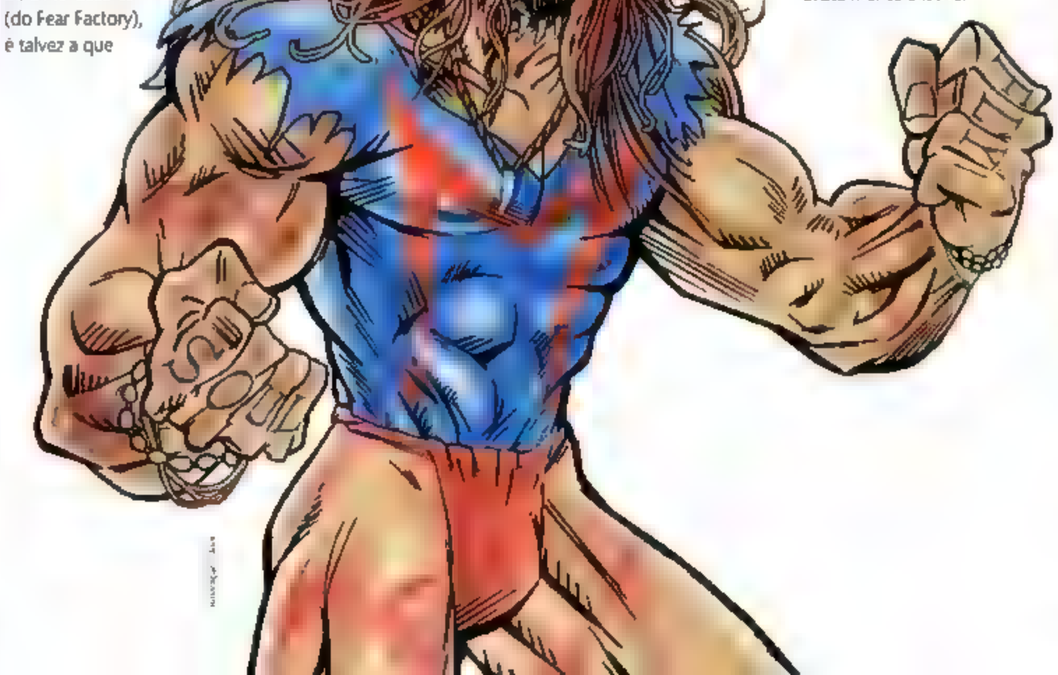
Movido a raiva e desencanto, *Soulfly* parece um disco de exceção, uma dessas coisas que não são feitas para a indústria fonográfica – porque se trata de um depoimento pessoal. Mas é justamente aí que reside sua força. A primeira faixa, "Eye For An Eye", que tem participação de Dino Cazares (do Fear Factory), é talvez a que mais lembre coisas do Sepultura, como "Refuse/Resist". Sequem-se as pauladas em "No Hope, No Fear" – que mostra que Max está seduzido pelos grooves eletrônicos, mas não cede às suas necessidades – e "Bleed", com participações de Fred Durst (Limp Bizkit) e do DJ Lethal.

O vocalista soa possesso em faixas como "No", um manifesto moderno para os órfãos do punk rock, e em "The Song Remains Insane", citação ao Led Zeppelin (mas a semelhança acaba aí). Admirador do Prodigy, Max volta à experimentação de estúdio com "Tribe", criação conjunta com o produtor Ross Robinson. Há ainda participações de Chino Moreno, guitarrista dos Deftones, em "First Commandment", e do cantor Benji, do Dub War, em "Quilombo".

"Soulfly" é uma faixa instrumental que ambiciona ser rock clássico – e quase consegue. "Bumbkaat" é ritual, coisa para animar sacrifício vodu no Haiti. E tem "Umbabarauma", cover de Jorge Ben Jor, que acabou ficando tão forte quanto um hino para embalar quebra-pau de *hooligans*.

Muito da força do Soulfly vem do som híbrido metal-percussivo, coisa que já era explorada em *Roots*, último disco do Sepultura. A diferença é que Cavalera aprendeu a absorver essas influências todas sem deixar de soar heavy, sem parecer que está capitulando diante de uma exigência "modeminha". A bateria de Roy Mayorga (ex-Shelter, ex-Nausea e ex-Thorn) detona uns sons meio químicos, esquisitos, que fazem contraponto à guitarra do fim do mundo de Lúcio Maia (no disco, creditado como Jackson Bezerra).

A mistura deu mais do que certo em *Soulfly*: mostrou-se antecipadora, revitalizadora, brutalmente criativa. *Jotabê Medeiros*



# O pulso ainda pulsa...

Mais do que um disco, *CSNZ* é um atestado de vida. Sepultada juntamente com o compositor Chico Science (morto num acidente de carro em fevereiro do ano passado), a Nação Zumbi dá a volta por cima e mostra sua importância dentro do movimento mangue.

Sem Chico – que sem duvidas ainda deixa saudades –, a responsabilidade fica nas mãos de Jorge du Peixe, do guitarrista Lucio Maia e do baterista Pupilo. Produzidas pela banda e por Eduardo Bid (o mesmo de *Afrociberdelia*), as novas faixas emocionam os ouvintes mais sensíveis: "Malungo", homenagem a Science, com participação vocal de Jorge Ben Jor, Falcão (O Rappa) e Fred 04 (mundo livre s/a), "Todos Os Quintais Do Mundo", cuja letra, em iorubá, é declamada pelo percussionista Toca e "Dubismo", um cruzamento bem-sucedido dos tambores do maracatu com o dub, genero jamaicano de propriedades psicodelicas.

*CSNZ* ainda apresenta faixas ao vivo, gravadas no Abril Pro Rock de 1996 – ideais para conferir o poder de ataque do guitarrista Lucio e a ferocidade com que Pupilo soca seu kit de percussão; uma versão de "Samba Makossa" (do album *Afrociberdelia*) cantada por Marcelo D2, do Planet Hemp, e gente como Goldie, David Byrne, Arto Lindsay, Mario Caldato e Apollo remixando faixas dos dois primeiros discos do Nação Zumbi. Como diria Arnaldo Antunes, "e o pulso ainda pulsa."

*Sérgio Martins*

**NAÇÃO ZUMBI**
***CSNZ***

**BOBBY BROWN**
***Forever***

De vez em quando Bobby Brown se mete em alguma confusão e – dizem as boas-línguas – sobra tapa até para a patroa Whitney Houston. Esposa, aliás, que neste *Forever* ganha uma bela declaração de amor em "She's All I Need".

Whitney Houston, a sra. Brown, também emoldura a abertura do álbum, com "Nobody Does It Better" (tema interpretado pela cantora Carly Simon na trilha de *007 – O Espião Que Me Amava*). Depois a canção se transforma no balanço poderoso de "It's Still My Thang", com canja da *sister* Carole Brown.

A autoproclamada sensualidade do ótimo cantor de R&B revelado pelo grupo New Edition em 1983 (epoca do superhit "Candy Girl") não fica só no maneirismo das fotos da capa e do encarte: basta ouvir a balada "Heart And Soul" e as funkies "Feelin' Inside", "Give It Up" e "Happy Days". O rei do balanço, do alto de seus 20 milhões de discos vendidos, continua sabendo das coisas.

*Hagamenon Brito*

**AIR**
***Moon Safari***

Se existe um futuro nostálgico ou um passado futurista é lá que está o Air, duo francês que ousa fazer um pop clínico e imaterial. O disco de estréia *Moon Safari* é uma preciosidade anacrônica que despreza o uso de samples em favor de teclados minimoog, sintetizadores e *vocoders* – além dos pro saicos baixo, guitarra e bateria. O resultado credencia a dupla formada por Jean-Benoit Dunckel e Nicolas Godin para a categoria revelação do ano.

O "safári lunar" começa com o groove preguiçoso de "La Femme D'Argent", que nos leva a paragens de ficção científica barata. "Sexy Boy", o primeiro single, ronca as vítimas da moda e lembra os Mutantes. "Talisman" não faria feio no catálogo de um Isaac Hayes ou mesmo de um Ennio Morricone, e "You Make It Easy" revela a bela voz de Beth Hirsch, que tem um pouco de Karen Carpenter. E "Ce Matin Là", por sua vez, bem que poderia ser trilha de um seriado dos anos 60.

*Daniel Benevides*

**MORCHEEBA**
***Big Calm***

De todas as bandas britânicas de trip hop, o Morcheeba é a única que não se recusa a ser enquadrada no gênero. Também é de longe a menos monotona e a mais alto-astral da turma. Neste segundo álbum, *Big Calm*, esse trio formado pelos irmãos Godfrey e a cantora afro-britânica Skye Edwards adotou estratégias bem mais pop. Guitarras de blues, batidas de reggae, cítaras, piano elétrico e órgão Hammond, MC's e DJ's convidados, além de arranjos de cordas menos, entram na tradicionalmente bem-estruturada salada de samplers.

Skye canta como se fosse uma Billie Holiday que, em vez de tomar todas, fica apenas no baseado. Faixas como "The Sea", "Shoulder Holster" e "Fear And Love" mostram por que e que David Byrne veio a Londres para que o Morcheeba produzisse faixas do seu ultimo disco. Além de Planet Hemp, a família canhamo ganhou outro adepto. Morcheeba é uma corruptela de *more cheeba* – e *cheeba* é uma das gírias locais para aquela erva estranha.

*Thomas Pappon*

**SIMPLE MINDS**
***Néapolis***

A banda escocesa solta seu melhor álbum nos anos 90. Grande coisa.

Depois de lançar dois discos fracos (*Real Life* e *Good News From The Next World*) e ter visto seu prestígio cair ladeira abaixo, Jim Kerr vira o jogo e lança o melhor disco dos Simple Minds nos anos 90. Não que isso seja muita coisa, é claro.

*Néapolis* retoma alguns dos velhos clichês do som da banda, usando e abusando de climas atmosféricos e com Jim cantando como se fosse um clone de Bono Vox. A banda foi buscar elementos do passado. Como Derek Forbes, o baixista original da primeira formação. O grupo contou com os serviços do produtor Peter Walsh – o mesmo de *New Gold Dream* considerado o grande trabalho dos Simple Minds.

Em *Néapolis*, os escoceses ficam no meio-termo entre a lental va do soarem modernos atrás de novos fãs e as influências da eletrônica tradicional de grupos como Can e Kraftwerk. Podia até ser pior do que ele realmente é, mas ficou faltando um pouco mais de ousadia para ele se transformar num álbum à altura do passado da banda. Tenta de novo, Jim, esse bateu com a bola na trave.

*Luciano Vilanna*

**VÁRIOS**
***Brazil Forró Music For Maids And Taxi Drivers***

Coletânea organizada por Dudu da Flauta com os grandes artistas do Nordeste.

É um crime *Brazil: Forró* só ser "descoberto" sete anos depois de sua gravação em terras brasileiras. A compilação que reúne Trio de Alagoas, Duda da Passira, José Orlando e Heleno dos Oito Baixos já havia sido lançada há tempos na Europa e nos EUA, chegando a ser indicada para o Grammy de 1991 como melhor CD de *Tradicional Folk*. Gravado num estúdio precário (em apenas quatro canais), com a voz gravada no banheiro e as sanfonas no corredor, *Brazil Forró* é uma daquelas preciosidades que os europeus têm o privilégio de escutar sem que os brasileiros nem saibam que existe.

Os quatro cavaleiros da compilação promovem o mais puro *rasta pé*, seguindo a tradição dos grandes forrozeiros. Sanfonas envenenadas e letras engenhosamente safadas fazem do CD item obrigatório em qualquer discoteca de MPB. Nem que seja pela capa, uma xilografia de Marcelo Soares que ganhou o prêmio de melhor capa de CD internacional em 1990, na Inglaterra.

*Claudia Grecchi*

# Maluco Beleza

Scott Weiland mostra qualidades em seu primeiro disco solo

Ao ouvir o último acorde desse disco é inevitável a constatação: não fosse tão maluco, junkie quase irrecuperável, Scott Weiland seria um dos nomes mais importantes do rock atual. Exagero? Pode crer que não.

Aquele cara que surgiu imitando Eddie Vedder no primeiro disco do Stone Temple Pilots simplesmente não existe mais. Desde *Tiny Music... From Vatican Gift Shop*, último álbum do STP, Scott prova que evoluiu barbaridade. Mostra também que é capaz de surpreender com melodias certeiras, arranjos ousados e voz inigualável. Em seu primeiro trabalho solo, ele esbanja talento. Experimenta à vontade, passa a quilômetros da fórmula grunge, revela boas influências psicodélicas que vão de Beatles a David Bowie e faz um disco pop, no melhor sentido do termo. Tudo pontuado por ótimas baladas e criativas interferências eletrônicas (sem cair no tecno). Bom, se isto serve de referência, quando *12 Bar Blues* rolou aqui na Redação, volta e meia aparecia algum curioso querendo saber que som legal era aquele.

*Robert Halfoun*

**SCOTT WEILAND**
***12 Bar Blues***

## JAMES IHA
### *Let It Come Down*

Dizem que o caminho do inferno é pavimentado de boas intenções. Em seu primeiro disco solo, James Iha, o guitarrista tímido e apagado do grupo Smashing Pumpkins parece ter tido a melhor das intenções: soar como Gram Parsons e Nick Drake. O problema é que ele acabou parecido com James Taylor. E Alan Parsons. Em resumo: ao invés do country rock de Gram, um compositor que fez parte dos Byrds e rodeou as gravações de *Sticky Fingers* (clássico álbum dos Rolling Stones), Iha mostrou ao público inedianas canções pop.

As seis primeiras músicas de *Let It Come Down* são bonitinhas, mas muito simplonas. O CD só melhora de "Lover Lover Lover" em diante. É como se Iha amadurecesse como compositor ao longo das faixas. "Silver String" é uma pérola, assim como a seguinte, "Winter", ambas com a dosa ideal de pungência e leirismo. Ainda assim, é pouco.

Justiça seja feita, a voz de Iha surpreende: é ao mesmo tempo suave e segura, bem mais agradável do que os cacarejos de seu patrão Billy Corgan. Mas boa parte da crítica exagerou nos elogios. É esperar pelo segundo disco. *Daniel Benevides*

## NATACHA ATLAS
### *Diaspora*

Álbum de 1995 da cantora belga. Dance music com delicioso sotaque oriental.

A moda do momento em Londres é curtir sons com sotaque asiático, algo que a mídia logo apelidou de *asian underground* – e que consolidou o sucesso de bandas como Cornershop. É uma das maiores representantes dessa nova tendência é Natacha Atlas, revelada por sua voz inconfundível à frente do Transglobal Underground (uma das bandas pioneiras nessa mistura de raças e sons).

*Diaspora*, de 1995, é o primeiro disco solo da cantora, compositora e bailarina da dança do ventre que esteve no ano passado no Brasil fazendo shows no Free Jazz Festival. Contando com a ajuda do cantor Wahid Roussi, do mestre em ritmos egípcios Essa Rashad, a produção dos amigos do Transglobal Underground e a ajuda do baixista Jah Wobble, Natacha criou um disco sublime, rico em arranjos tradicionais misturados com dub e trip hop da primeira.

Destaque para os mais de 7 minutos de "Feres", recheada por uma orquestra de instrumentos estranhos para nos ocidentais, como o naï, due, oud e tablas, que criam uma sonoridade única e instigante, numa mistura de tradicionalismo com modernidade.

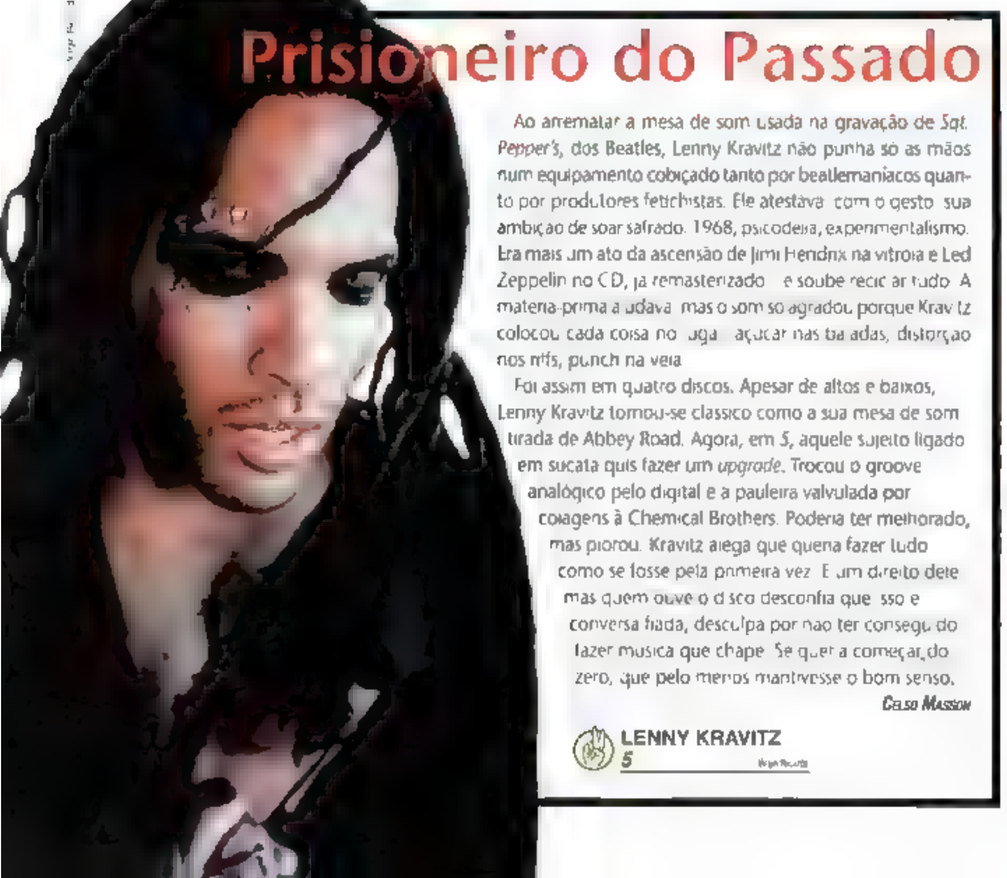
*Luciano Vilhena*

## TONY TONI TONÉ
### *Hits*

Coletânea do trio de swingbeat. Balanço com elegância e afinação.

A crítica brasileira só os descobriu ano passado, ouvindo o álbum *House Of Music*. Quando o swingbeat trouxe a música negra americana do coma em que estava no fim dos anos 80, o preconceito e a desinformação ainda faziam pessoas rejeitarem este trio. Keith Sweat e Bobby Brown como "black sabão".

O Tony Toni Toné até cai nas armadilhas do R&B mercenário que escraviza o Boyz II Men às baladas açucaradas. Mas sabe como poucos atualizar o balanço da soul music. E nesta coletânea predominam os grooves mais certeiros. Os ex-fãs de acid jazz que hoje ouvem drum'n'bass e nunca escutaram o álbum *The Revival*, de 1990, porque não saiu na *The Face* nem nas estações de petidoras brazucas, precisam ouvir urgente a arrasante "It Feels Good" e seu pianinho Bill Evans de bolso. *Pedro Sá*



# Prisioneiro do Passado

Ao arrematar a mesa de som usada na gravação de *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, Lenny Kravitz não punha só as mãos num equipamento cobiçado tanto por beatlemaníacos quanto por produtores fetichistas. Ele atestava com o gesto sua ambição de soar safrado. 1968, psicodelia, experimentalismo. Era mais um ato da ascensão de Jimi Hendrix na vitrola e Led Zeppelin no CD, já remasterizado – e soube reciclar tudo. A matéria-prima ajudava, mas o som só agradou porque Kravitz colocou cada coisa no lugar: açúcar nas baladas, distorção nos riffs, punch na veia.

Foi assim em quatro discos. Apesar de altos e baixos, Lenny Kravitz tornou-se clássico como a sua mesa de som tirada de Abbey Road. Agora, em *5*, aquele sujeito ligado em sucata quis fazer um *upgrade*. Trocou o groove analógico pelo digital e a pauleira valvulada por colagens à Chemical Brothers. Poderia ter melhorado, mas piorou. Kravitz alega que queria fazer tudo como se fosse pela primeira vez. É um direito dele, mas quem ouve o disco desconfia que isso é conversa fiada, desculpa por não ter conseguido fazer música que chape. Se quer começar do zero, que pelo menos mantivesse o bom senso.

*Celso Masson*

**LENNY KRAVITZ**
***5***

## RAKIM
### *The 18th Letter*

Rakim Allah Ra está novamente na área e se derrubar é pênalti sem chance de desperdiçar o gol. A respeitável metade da dupla Eric B & Rakim influenciou até Tricky, o feioso e grande ícone do trip hop.

Autores do clássico instantâneo "Paid In Full", Eric B & Rakim terminaram em 1992. E os cinco anos de ausência dos discos (tempo que Rakim levou para estrear solo) foram necessários para que o rapper se atualizasse. Rakim, uma das vozes mais originais surgidas no mundo do rap, colocou em dia sua linguagem hip hop: forrou melhor a cama (*rhythm*) para sua bela noite (*poetry*). Mas essas mudanças em nada diminuíram sua verve afiada. Um belo exemplo disso é "Guess Who's Back", A música, que tem samples de "Bring The Noise" do Public Enemy e um belo cartão de visitas de seu retorno.

Rakim despreza o artifício preguiçoso de roubar melodias de megassucessos alheios. Prefere se auto-reverenciar, como em "It's Been A Long Time" (cuja melodia saiu de "I Know You Got Soul", canção dos tempos da dupla com Erik B). E fala de amor em "Stay A While" e "Show Me Love", dividindo os vocais com Nneka Nneka e Robyn Smal. *Hagamenon Brito*

## VAN HALEN
### *III*

Às vezes o trabalho do crítico ganha complicações a mais. Comentar um disco do Van Halen, a essa altura do campeonato, é uma delas. Afinal, Eddie Van Halen e suas múltiplas guitarras coloridas ajudaram a escrever um bom capítulo na história do rock pesado.

O homem é um monstro. Isso é fácil de perceber no caso de clássicos como "Jump", "Eruption" – aquele solo monumental contido no primeiro álbum da banda. A genialidade de Eddie também soa perceptível em baladas (por exemplo, "When It's Love"). Portanto, qualquer punhado de músicas perpetradas pelo rapaz já merece atenção.

Agora, nesse *III*, depois da retirada de Sammy Hagar e da fracassada tentativa de retomar o vocalista original, Dave Lee Roth, o grupo estreia sua terceira voz, Gary Cherone (ex-Extreme). E o cara é um pavor: voz pequena e esganiçada, tentando ser "radical". O ouvinte que conseguir passar por cima do vocal vai perceber que Eddie Van Halen alterna momentos mais e menos inspirados no CD. Os fãs vão comprar, logico. Mas quem quer conhecer o Van Halen é melhor optar pelo monumental *Best Of*, lançado no ano passado.

*Thales de Menezes*

## BABY DO BRASIL
### *Acústico*

Correndo contra o tempo perdido, Baby jogou no mercado um disco de dance nepotista (de pouca repercussão), o novo dos Novos (?) Baianos e este *Acústico*, gravado ao vivo no Rio de Janeiro com uma formação bateria-baixo acústico-violão Lincoln Cheib, Nico Assumpção e Nelson Faria, respectivamente).

O formato permite captar algumas das suas virtudes de palco, como os *scats* a Elza Soares (mais moderados) e dá vazão a um repertório com "tacos". Como a inclusão de "Is This Love" dentro de "Mania De Você" e pot-pourris de clássicos da MPB. Se há achados na escolha de Djavan ("Mal De Mim") ou mesmo Novos Baianos ("Farol Da Barra"), Baby escorrega ao tributar Gonzaguinha. "Se" Curiosamente em "Esotérico" (Gilberto Gil era canta com trejeitos de Marisa Monte, justamente a cópia de seu próprio modelo. E não, ela não deixou de incluir "Brasileirinho" no CD. *Paulo Vieira*

# Vôo que nem sempre singra os céus

Misture Transglobal Underground e sua crooner Natacha Atlas, o falecido Jeff Buckley (quase o James Dean do folk rock) e a guitarra surfista de Dick Dale e pode dropar: eis o tubo de influências alistado pela dupla Jimmy Page e Robert Plant em sua segunda incursão em CD, *Walking Into Clarksdale*. Depois de *No Quarter*, de 1994, os ex-zeppelinos voltam no disco apelando para toda a santeria do rock. Até no estúdio Abbey Road eles gravaram, além de convocar o parceiro grunge Steve Albini para pilotar a mesa de som. A paura do tropeço justifica-se. Pela primeira vez desde o último álbum do Led, *In Through The Outdoor*, (1979), a dupla assina um repertório completamente inédito – com a devida parceria do baixista Charlie Jones e do baterista Michael Lee. É como se o velho dirigível dos mesmos comandantes trocasse metade da tripulação.

Nem sempre o novo Page & Plant singra céu de brigadeiro. Mas o excesso de baladas ("Blue Train", "When I Was A Child") vem temperado por guitarras sombrias, que podam a glicose excedente. Calma: "When The World Was Young" é apenas homônima da balada de Johnny Mercer gravada pelo ainda mais açucarado Johnny Mathis. Na segunda parte, as guitarras estrondando põem (des)ordem na casa. E se "Please Read The Letter" sugere (como acredita a dupla) um cruzamento de Jerry "Grateful Dead" Garcia com Roy "Cryin'" Robinson, "Most High" evoca o orientalismo de "Kashmir", apesar do vocal empostado. O calculismo da emprestada só não gira em falso por causa do R&B que pulsa nas veias da velha dupla de ases. *Tarik de Souza*

**PAGE & PLANT**
***Walking Into Clarksdale***

**CHARLATANS**
*Melting Pot*

[illegible]

Quem acompanha o mundo pop sabe que determinadas bandas tinham tudo para fazer mais sucesso do que conseguem, mas alguma coisa misteriosa, difícil de definir, não deixa a coisa decolar. O Charlatans é isso. *Guitar band* vigorosa, pintou no começo da década como um nome para ficar pé no panteão do rock. No entanto, o tempo passou, o britpop ganhou força, mas os caras perderam a chance de emparelhar com o Oasis, Blur e Suede. Mesmo tendo lançado, no ano passado, o elogiado *Tellin' Stones*.

*Melting Pot* até que é esperto: guitarras legais, bem criativas, aliadas a um vocalzinho meio devagar – mas não compromete o grupo. Algumas músicas são ótimas, outras parecem só preencher o espaço no disco. De qualquer forma, o lançamento cumpre muito bem sua função de mostrar os Charlatans, uma banda de guitarra legal, sem aquele "algo mais".

*Thales de Menezes*

**PROPELLERHEADS**
*Decksanddrumsand rockandroll*

[illegible] grande disc[illegible] do ano

O CD de estreia dos Propellerheads (nome dado ao estúpido bonezinho que tem uma hélice em cima) é o primeiro grande lançamento do gênero *big beat* deste ano. São treze petardos dançantes e apenas uma faixa cantada: "History Repeating", com vocal bem decadente de Shirley Bassey, cujo estilo cafona as *drag queens* do mundo inteiro adoram imitar.

Toda essa pauleira é feita por apenas dois carinhas: Alex Gifford, que toca órgão Hammond, e Will White, que toca bateria "de verdade". O resto é scratch ou sampler. Claro, Alex e Will sabem tudo de produção e mixagem, como mostram na versão de *007 A Serviço De Sua Majestade*. Os Chemical Brothers provaram que é possível fazer música instrumental para as pistas de dança e para o público "roqueiro". Os Propellerheads levam isso adiante, com menos *noise* e mais balanço.

*Thomas Pappon*

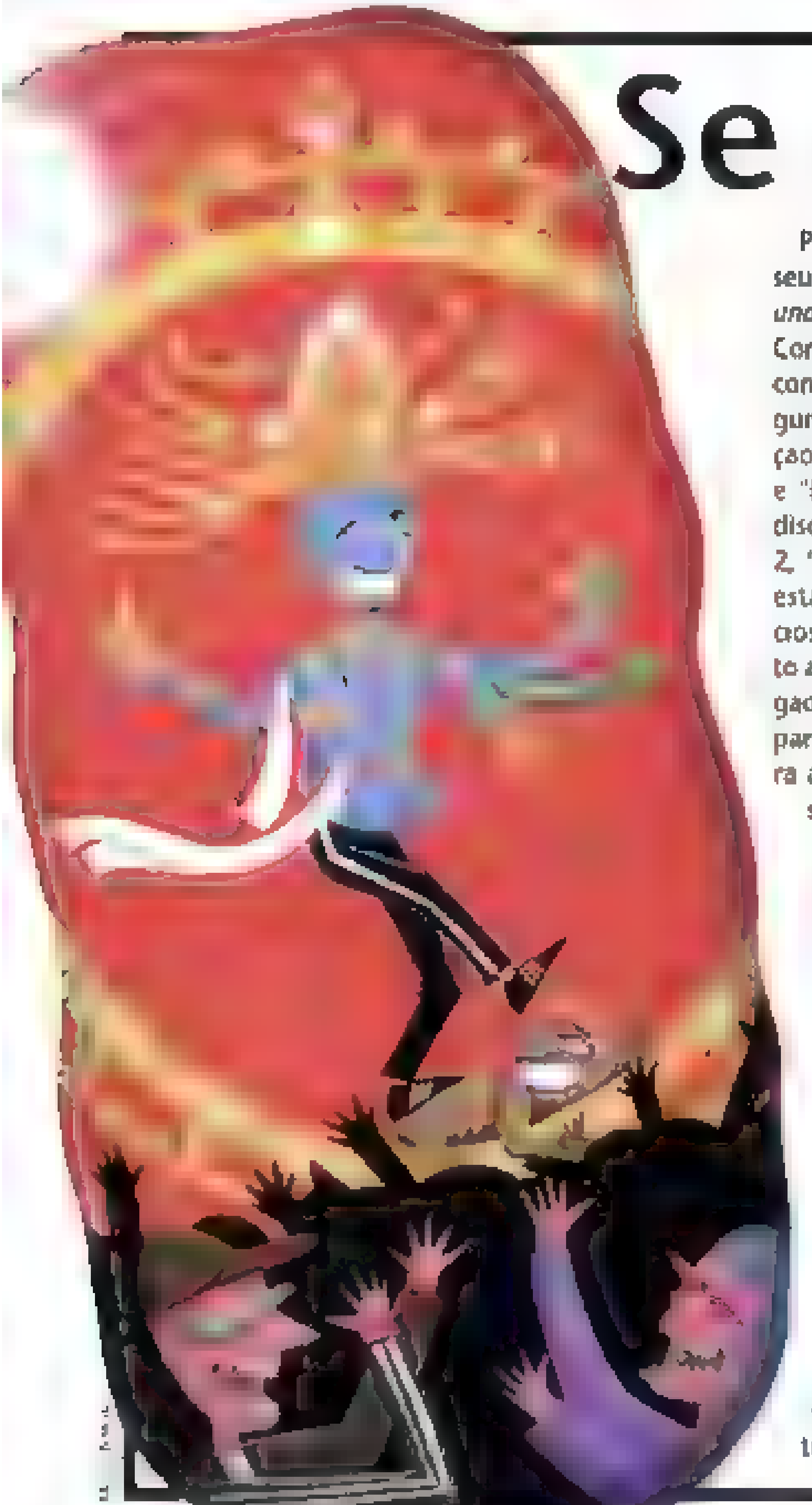
**VÁRIOS**
*Paris Is Sleeping – Respect Is Burning*

[illegible] melhores DJs da [illegible]

*Respect Is Burning* é o nome da festa criada no Queen (provavelmente o melhor e mais eclético clube de Paris) pelos jornalistas David Blot (creditada de, o rapaz trabalha na Radio Nova – uma das maiores rádios do mundo – e na revista *Les Inrockuptibles*) e Jerome Viger Kohler com o objetivo de abrir um espaço para os DJs locais mostrarem seu talento. Nada de ingleses e americanos. O resultado é que hoje artistas como Laurent Garnier e Daft Punk são tão popstars quanto os DJs ingleses e americanos.

Além dos franceses Dimitri From Paris, Cataian FC, Etienne De Crecy, Ame Strong e Bob Sinclair (chefe do selo Yellow Productions), esta ótima coletânea reúne também poderosos nomes da house mundial que já se apresentaram no Queen. Casos de Paul Johnson (de Chicago), DIY (de Nottingham) e o cantor de soul nova-iorquino Jay Williams. *Paris is burning, mon ami!*

*Claudia Grilo*



# Se oriente, rapaz!

Para você, jovem, em dia com a música de seu tempo, aqui vai um breve roteiro do *asian underground* com três compilações geniais. Comecemos pelo grande pai, o DJ Talvin Singh, com seu *Anokha*. Apesar de envolvido de alguma maneira todos os artistas da compilação, Singh só aparece em duas faixas, "Jaan" e "Distant God". Mas é até bom ele abrir o disco, pois se *Anokha* começasse com a faixa 2, "Flight IC408", do State Of Begal, Singh estaria perdido. "Flight" é uma pequena preciosidade: começa com uma voz de aeroporto anunciando, num inglês fortemente carregado de sotaque indiano, a partida de um voo para Calcutá. A partir daí, boa viagem. Embora algumas faixas exijam uma certa dose de substância química para engrenar, outras – como "Mumbai Theme Tune", de A.R. Rahaman, ou "Equation", de Equal I – são capazes de inspirar movimentos frenéticos involuntários. Para relaxar, "Accepting Tranquility", do Milky Bar Kid.

*Eastern Uprising – Dance Music From The Asian Underground* o leva para um estágio superior. "Godess", a faixa de abertura com Joi, é a famosa esquenta pista. O clima muda para um funk-trip hop dos melhores com Core, em "Cocoon". Flautas, sinos, samples de disco velho e um vocal narcotizante reduzem você a pó na pista de dança. As batidas começam a pegar pesado mesmo em "Sitar Funk", do Earthtribe. E em "Harmon Dub", do Black Star Liner, você já perdeu totalmente o controle. Nessa faixa percebe-se o que todo esse cenário *asian underground* tem de tão especial: uma capacidade irrefutável de seduzir pelo ritmo. O que importa é o ritmo alucinado, um desafio desses "imigrantes" aos tão prestigiados DJs nativos da Inglaterra.

O clima é diferente em *Untouchable Outcast Beats*, um pouco mais étnico, mas nunca menos moderno. Faixas como "Bengali Song" (Nitin Sawhney) levam o ouvinte ao transe. Outras pedem um pouco mais de atenção – "Mind Filter", de T.J. Rhemi. Batidas metálicas surgem em "Theme From The Outside" (Pressure Drops/Noble Savages). Tablas ousadas arriscam até um samba, para tudo se acabar num belo funk anos 70 em "The Hand Of Contraband", do Up Bustle & Out.

Trata-se de uma dose reforçada de orientalismo via remixes e inspirações revitalizantes. Jovem, ao se deparar com uma seleção como essa, abrace a causa. E fique por aí esperando a "próxima grande coisa".

*Zeca Camargo*

**VÁRIOS**
*Untouchable Outcast Beats Volume One*

IMPORTADO

**VÁRIOS**
*Anokha – Soundz Of The Asian Underground*

IMPORTADO

**VÁRIOS**
*Eastern Uprising – Dance Music From The Asian Underground*

# Bom dia, tristeza

Jarvis Cocker fez 33 anos e descobriu que em comum com Jesus Cristo tem apenas as iniciais. Não consegue fazer milagres e acredita que jamais será capaz de "tocar as estrelas". "Lá vem aquele medo, de novo", ele canta em "The Fear", a faixa de abertura do novo álbum do Pulp, *This Is Hardcore*.

Em outras palavras, Jarvis Cocker se tocou de que não é mais criança. Daqui para a frente os anos começarão a passar mais rápido. O vocalista não está nem um pouco contente com a proximidade da velhice e não esconde o mais humano dos medos: o medo da morte. Os que foram seduzidos pelo pop cintilante e elegantemente kitsch do Pulp poderão até levar um susto com os tons predominantemente sombrios de *This Is Hardcore*. E não deixa de chocar a atitude gritadona de Cocker, uma das figuras mais narcisistas e exuberantes das mais novas gerações do rock inglês. Na verdade, fica sempre a dúvida se Cocker está falando a sério ou se está fazendo gênero.

Mas trata-se, afinal, de um disco definitivamente encucado com questões de amor não correspondido ("A Little Soul", "TV Movie") e com a rápida e inexorável passagem do tempo. "Help The Aged", por exemplo. Nela Cocker aconselha os ouvintes jovens a não fazer pouco dos idosos, porque um dia eles foram como você, bebendo, fumando cigarros e cheirando cola.

Jarvis Cocker sente o peso da idade no mais novo lançamento do Pulp

*José Emilio Rondeau*

**PULP**
*This Is Hardcore*

**CRIS BRAUN**
*Cuidado Com Pessoas Como Eu*

Ex-[illegible] Beatles, Cris Braun estreia [illegible]

Cris Braun estreia ameaçando com *Cuidado Com Pessoas Como Eu*, mas se mostra menos contundente e mais óbvia do que o título pode dar ideia. Tenta passar uma fragilidade que não condiz com o repertório. Mistura de tecno com drum'n'bass, a base sonora leva a assinatura de Nilo Romero, que está para Cris como Robson Jorge esteve para Rita Lee no início dos anos 80.

A cantora se sai bem na faixa-título, na boa releitura de "Brigas" (de Jair Amorim e Evaldo Gouveia e que já fez parte do repertório de Angela Maria e Agnaldo Timóteo) e na inédita "Conforto", parceria de Frejat e Cazuza. Imita Marina e Paulinho Moska na linha mulista tirada a ver com Nilo Romero) de "Dry Martini Drama" ("Eu sei, que promessas são boas mentiras. E boas mentiras são meias verdades"), mas escorrega ao não compreender a dimensão mais ampla de "Bom Conselho", de Chico Buarque. É um CD curto – pouco mais de meia hora – que não compromete, mas que poderia ter saído melhor.

*Marcio Pinheiro*

**DONA SELMA DO COCO**
*Minha História*

[illegible]

Assentada a onda do mangue bit, que engrossou o caldo do pop brasileiro com seu iguana colhido nas raízes do folclore nordestino, chegou a hora de descobrir preciosidades ocultas nos rincões do populacho. Das ladeiras de Olinda para o mundo: Dona Selma do Coco, 63 anos, sucesso no Abril Pro Rock de 1996. Seu CD de estreia (antes ela vendia cassetes a 10 reais) preserva a autenticidade de uma música totalmente intuitiva.

Acompanhada por uma percussão aparentada ao candomblé, Dona Selma canta, em versos curtos, casos que viveu ou histórias que ouviu contar – como a do submarino alemão que um dia passou pelo litoral recifense. Falta responder à questão: Dona Selma é boa?

Depende de quem ouve. Nem todos concordam com o verso "A mulher que é falsa ao homem tem que passar fome e apanhar", ainda que todo mundo possa justificar a postura de Dona Selma alegando que ela é uma figura do povo, nascida no interior de Pernambuco, no meio de cabras machos. Encarar a artista assim, porém, é coisa para aluno de Ariano Suassuna, talvez para David Byrne. Ela, que já levou seu batuque para a Europa, gargalharia ao ouvir teses antropológicas sobre sua vida e obra. Dona Selma é uma mulher simples e divertida, como a música que faz. Ninguém precisa de rar com isso.

*Celso Masson*

**WAYNE KRAMER**
*Citizen Wayne*

Terceiro disco solo do ex-guitarrista do MC5 e um dos patronos do punk rock

Wayne Kramer é um sobrevivente do rock. Co-inventor virtual do punk, o guitarrista dos incendiários MC5 continua tirando faíscas de sua guitarra em *Citizen Wayne*, seu terceiro disco solo.

A obra é sincera, séria, a ponto de ser engajada e, sobretudo, incômoda, no melhor sentido que isso possa representar. Wayne Kramer é sinônimo de guitarraços, apitos, zunidos e sobreposições perturbadoras. Velho contestador, ex-viciado, Kramer é todo reminiscências em "Down On The Ground", uma porrada para contar a clássica apresentação de 1968 do MC5 durante a convenção do Partido Democrata, em Chicago, e em "Snatched Defeat", com guitarras melódicas para falar de desavenças com Johnny Thunders: "Enquanto eu estava procurando pela vida/ Problemas procuravam por mim".

Para falar das drogas, "Count Time" é *jazzy tune*. Para falar de amor, "No Easy Way Out" é baladão com refrão ganchudo (daria até para rodar em FM). Outro petardo, a dissertativa "Dope For Democracy", tipo Ginsberg recitando poemas ao som de guitarras e uma balucada eletrônica. Experimente ouvi-lo lendo a história do punk relatada no imprescindível livro *Mate-me Por Favor*, lançado no Brasil. Seus olhos e ouvidos merecem.

*Marcelo Ferla*

**ALL SAINTS**
***All Saints***

Grupos vocais femininos são uma tradição no pop. Na maior parte das vezes, são garotas bonitas e afinadas com um produto adequadamente adulto do repertório da Motown.

É muito cedo para saber se o All Saints vai marcar época ou se tornar algo completamente esquecível. E ninguém pode dizer se elas vão encostar na popularidade das Spice Girls. Seu álbum de estreia só atesta que o All Saints tem bons produtores e consegue alguns hits irretocáveis. Já está bom demais. Mas quem não gosta de ver garotas bonitas e afinadas cantando que abre a primeira pedra.

*Thales de Menezes*

**RHYTHM KINGS**
***Struttin' Our Stuff***

Bill Wyman no [illegible]

Rocks básicos e sem [illegible]

O Rhythm Kings é na verdade o 3º grupo organizado pelo ex-baixista dos Rolling Stones Bill Wyman para faturar em trocados nos pubs de Londres. Ao lado dele, um batalhão de amigalhões dos velhos tempos do rock inglês: Eric Clapton, Peter Frampton, George Fame, Gary Brooker (ex-vocalista do Procol Harum) e muitos outros.

A paixão de Wyman sempre foi o blues e o rock tradicional. Então, nada como resgatar algumas pérolas perdidas nos tempos como "Walking In The Room", "Melody" e "I'm Mad". Outros destaques desta festa *all stars* são "Green River" (do Creedence Clearwater Revival, em que o velho stone canta com sua voz de duende) e "Tobacco Road", clássico dos anos 60 que mais tarde foi tirado das ruínas pelo pandego vocalista do Van Halen, Dave Lee Roth. Longe de ser inovadora, a nova empreitada musical do ex-Stone vai cair no agrado dos velhinhos e tradicionalistas.

*Paulo Cavalcanti*

**VARIOS**
***Legacy: A Tribute To Fleetwood Mac's Rumours***

[illegible]

Rumours. Mas a repaginação

Como diriam as nossas avós de boa intenção, o inferno está cheio. Principalmente tratando-se de um disco de hits como *Rumours*, um dos três álbuns mais bem-sucedidos da história do rock, com mais de 40 milhões de cópias vendidas. Hoje mesmo, depois de 21 anos de seu lançamento, suas músicas ainda tocam bastante nas rádios. E seguramente estão no inconsciente de qualquer pessoa que goste de bom pop rock.

Agora, como alguém ousa fazer uma "interpretação livre" e mudar radicalmente a cara das canções? Jewel transformou "You Make Loving Fun" numa balada chata. "Go Your Own Way" com os Cranberries até que mantém sua levada original. No entanto, os gritos de Dolores O'Riordan são uma catástrofe. O country "I Don't Want To Know" virou grunge nas mãos dos Goo Goo Dolls e por aí vai.

Nessa turma que inclui ainda Matchbox 20, Shawn Colvin e até Duncan Sheik, entre outros, o único que realmente entendeu o espírito da coisa foi Edwin Johns, que deu leve metida numa balada na eletrônica em "Don't Stop". Quer um conselho de graça? *Na buena*, fique com o *Rumours* original.

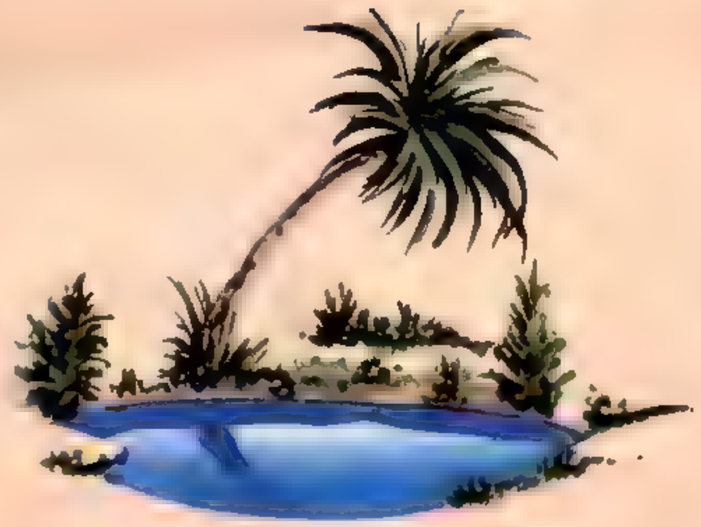
*Robert Halfoun*

## bolsa de discos

| | | Arthur G. C. Duarte | Bernardo Araújo | Leticia Caimon | Luis Claudio Garrido | Mauro Borba | Ricardo Mendonça | Roberto Sadovski | Rodrigo Salem | Tarik de Souza | Toninho Spessoto |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 8.0 | VÁRIOS<br>*Full Monty*<br>EMI-Odeon | • | 9 | 8 | 7 | 9 | 8 | 7 | 8 | 6 | 10 |
| 7.9 | NEIL YOUNG & FRIENDS<br>*The Bridge School Concerts*<br>Reprise/WEA | 8 | 8 | 8 | 8 | 7 | 8 | 8 | 9 | 7 | 8 |
| 7.5 | KENNY WAYNE SHEPHERD<br>*Trouble Is...*<br>RCA/BMG Brasil | 7 | 8 | • | 6 | • | 8 | • | • | 6 | 10 |
| 7.5 | RY COODER<br>*The End Of Violence*<br>Universal Music | 8 | 6 | 8 | 8 | 6 | 10 | 8 | 7 | 7 | • |
| 7.0 | SLY & ROBBIE<br>*Friends*<br>Far More/Continental | 8 | 5 | 7 | 8 | 7 | 6 | 6 | • | 7 | 9 |
| 5.5 | MADONNA<br>*Ray Of Light*<br>Maverick/WEA | 4 | 5 | 6 | 7 | 6 | 6 | 5 | 7 | 7 | 2 |
| 5.4 | GOLDIE<br>*Saturnz Returnz*<br>London/PolyGram | 6 | 2 | 3 | 7 | 7 | 6 | 5 | 5 | 5 | 8 |
| 5.0 | CASSIA ELLER<br>*Veraneio Vivo*<br>Globo/Polydor | 4 | 7 | 3 | 5 | 5 | 6 | 1 | 4 | 8 | 7 |
| 5.0 | ERIC CLAPTON<br>*Pilgrim*<br>Reprise/WEA | 2 | 8 | 6 | 5 | 4 | 7 | 4 | 5 | 2 | 7 |
| 4.6 | IRON MAIDEN<br>*Virtual XI*<br>EMI-Odeon | 6 | 7 | 4 | 7 | 4 | 5 | 2 | 2 | 3 | 6 |



Se você pensa que o rock inglês é um deserto de um oásis só...



# O que você conhece de Rock Gótico?

**Com a volta do Sisters Of Mercy, a galera toda de preto que assombrava nos anos 80 volta a mostrar seus esbranquiçados rostinhos. Você faz parte dessa turma?**

**1** Siouxsie & The Banshees surgiu em 1976 de um grupo de fãs dos Sex Pistols, o Bromley Contingent. O primeiro baterista de Siouxsie nunca chegou a gravar com a banda e mais tarde tornou-se integrante dos Pistols. Quem era?
a) Johnny Rotten
b) Oswaldo Vecchione
c) C. J. Pistol
d) Sid Vicious
e) Ted Bollocks

**2** Siouxsie & The Banshees fez cinco shows no Brasil em 1986, e três em 1995. De quem foi o show de abertura em Santos, na primeira turnê?
a) Legião Urbana
b) The Mission
c) Que Fim Levou, Robin?
d) Plebe Rude
e) Sepultura

**3** O Sisters of Mercy era formado inicialmente por Andrew Eldritch, Gary Marx e uma bateria eletrônica. Como a máquina era chamada?
a) Sister Morphine
b) Mister Vibrator
c) Doktor Funkenstein
d) Doktor Avalanche
e) Japanese Baby

**4** Em 1985, Wayne Hussey (guitarrista) e Craig Adams (baixista) deixam o Sisters of Mercy para formar a banda The Mission. O grupo estourou mundialmente com o hit "Severina", do primeiro álbum *God's Own Medicine*. Quem inspirou o grupo na letra da música?
a) Uma menina, filha de uma família cigana que o grupo conheceu
b) Uma cigana que leu a mão do vocalista Wayne Hussey e disse que ele iria fazer muito sucesso
c) Uma parabana, responsável por tirar a virgindade de Wayne Hussey num inferninho londrino
d) Uma parabana, ex-namorada e grande amor da vida de Wayne Hussey
e) Ninguém. O título da música é uma piada com o baixista do Siouxie And The Banshees, Steve Severin

**5** Robert Smith formou o Cure (inicialmente Easy Cure) em 1976, com dois amigos de infância. Smith tocou como guitarrista convidado de outra banda famosa, no início dos anos 80. Qual é?
a) The Creatures
b) The Effos
c) Siouxsie & The Banshees
d) Coffin Joe
e) Love And Bockets

**6** Em 1984, o Dead Can Dance (atualmente um grupo de World Music) surgiu chupando descaradamente o som de Siouxsie & The Banshees. Na capa do primeiro disco homônimo há uma referência sinistra. Qual é?
a) Uma foto de um baile para velhotes em que o avô do guitarrista aparece mostrando a bengala
b) Uma pintura medieval inspirada na ressurreição de Cristo
c) Uma pintura medieval em que Júlio Cesar é devorado por um grupo de loooos (de chacara)
d) Uma pintura medieval representando a dança dos mortos no purgatório
e) Uma máscara ritual da Nova Guiné símbolo da transformação de um ser inanimado em homem

**7** Robert Smith, do Cure, e Steve Severin, baixista dos Banshees, também formaram um projeto paralelo. Como resultado de noites maldormidas, bebedeiras e sessões de filmes B, lançaram um único álbum, *Blue Sunshine*. Como chamava essa banda?
a) The Pain
b) The Hat
c) The Shirt
d) The Sock
e) The Glove

**8** Em 1979 foi lançado o primeiro single do Bauhaus, "Bela Lugosi's Dead". Já em 1983 a banda é dissolvida e dois anos mais tarde surge o Love And Rockets, com os integrantes anteriores menos o vocalista Peter Murphy. Os nomes Bauhaus e Love And Rockets foram, respectivamente, tirados de:
a) Um pub sujo de Northampton, cidade natal do grupo, e uma revista sadomasô
b) Um anão alemão bem-dotado e um filme pornô em que mulheres astronautas fazem strip-tease na lua
c) Uma escola de arquitetura alemã e uma revista de HQ
d) Um barman alcoolatra e um drinque explosivo que o mesmo inventara
e) Um cemitério de Berlim e uma boate gay em Cabo Canaveral

**9** O primeiro single do Cure a estourar na Inglaterra foi "Killing An Arab", em 1979. Em que livro foi inspirada a letra da música?
a) *Quibe Um Arabe*, de Silvio Lancellotti
b) *O Estrangeiro*, de Albert Camus
c) *Tempestade no Deserto*, de Bill Clinton
d) *Versos Saddanicos*, de Salman Rushdie
e) *A Peste*, de Jean Paul Sartre

**10** Até Siouxsie ficou espantada com o título que os góticos ganharam no Brasil. Chamados de darks, eles se refugiavam no Madame Satã, em SP e no Crepusculo de Cubatão, no Rio. Esta última casa ficou famosa também por contar com um ladrão entre os seus sócios. Quem era?
a) PC Farias
b) Escadinha
c) Robin Hood
d) Lucio Flavo
e) Ronald Bigga

Escreva dizendo que você quer receber uma amostra do novo rock inglês. As duzentas primeiras cartas que chegarem ao endereço abaixo vão receber uma fita de vídeo super especial com clips das bandas acima. Você vai receber a fita em sua própria casa. Portanto, escreva logo colocando seu nome e endereço completos. Não esqueça o CEP e coloque por fora do envelope "Universal Music / Promo Rock Inglês".

Escreva para: UNIVERSAL MUSIC / PROMO ROCK INGLÊS
Rua Guilhermina Guinle, 127 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22270-060

UNIVERSAL

Letras traduzidas

# MADONNA

A cantora recorda um de seus livros prefer

A nova Madonna: menos escarlates e mais religiosidade

## Frozen

(Madonna/William Orbit)

You only see what your eyes want to see
How can life be what you want it to be
You're frozen
When your heart's not open

You're so consumed with how much you get
You waste your time with hate and regret
You're broken
When your heart's not open

Mmm if I could melt your heart
Mmm we'd never be apart
Mmm give yourself to me
Mmm you hold the key

Now there's no point in the placing the blame
And you should know I suffer the same
If I lose you
My heart will be broken

Love is a bird she needs to fly
Let all the hurt inside of you die
You're frozen
When your heart's not open

Mmm if I could melt your heart
Mmm we'd never be apart
Mmm give yourself to me
Mmm you hold the key

You only see what your eyes want to see
How can life be what you want it to be
You're frozen
When your heart's not open

Mmm if I could melt your heart
Mmm we'd never be apart
Mmm give yourself to me
Mmm you hold the key

# MADONNA

dos e aproveita para repensar a vida no primeiro single de *Ray Of Light*

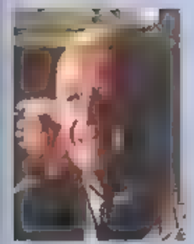
### Bem-vindo ao tecno

William Orbit é o novo parceiro de Madonna, um posto que já foi ocupado por gente como Nile Rodgers (do Chic), Prince e Babyface. Além de mexer na sonoridade do CD, Orbit, uma das cabeças da dupla The Orb *(foto)*, apresentou à cantora outras

"No intervalo das gravações,

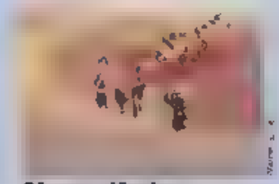
### Mestre em reggae

A especialidade do "professor maluco" é o dub, um tipo de reggae produzido com ecos e efeitos psicodélicos. Foi com esses atributos que ele ganhou pelo avesso discos como *No Protection*, do grupo Massive Attack (que também trabalhou com Madonna).



### Amores desérticos

"Frozen" foi inspirada em *O Céu Que Nos Protege*, livro do americano Paul Bowles *(foto)*. A obra – que também serviu de referência para Sting criar "Tea In Sahara", do Police – foi levada às telas pelo diretor Bernardo Bertolucci em 1990.



### Obra polêmica

O cineasta levou às telas a história de um casal de americanos que tenta superar o tédio com uma viagem pelo deserto africano. Com Debra Winger e John Malkovich nos papéis principais, o filme desagradou Madonna. A cantora não concordou com o tom que Winger deu à personagem principal.

### Casamento desfeito

Neste verso, Madonna claramente faz alusão ao fim de sua união com o professor de ginástica cubano Carlos Leon *(foto)*. Ele é pai da filha da cantora, Lourdes Maria. "Você conhece uma pessoa, decide ter um filho, só que não pode prever o futuro. Seria melhor ter o pai junto, mas tenho muitos amigos..."

### Pedido de desculpas

Com *Ray Of Light*, Madonna inaugura

desbocado por uma atitude mais madura e parece se desculpar com os excessos do outrora. "Eu vejo o documentário *Na Cama Com Madonna* e penso o quão petulante eu fui." A cantora, por sinal, já escolheu suas "sucessoras". "São as Spice Girls *(foto)*. Um dia eu já fui como elas."

## Congelado

Você só vê o que os seus olhos querem ver
Como a vida pode ser da maneira que você quer que ela seja
Você está congelado
Quando seu coração não está aberto

Você está obcecado com o quanto pode ter
Você perde tempo com ódio e lamentação
Você está em pedaços
Quando seu coração não está aberto

Mmm se eu pudesse derreter seu coração
Mmm nós nunca ficaríamos separados
Mmm se dê inteiro para mim
Mmm você segura a chave

Agora não se trata de encontrar um lugar pra culpa
E você precisa saber que eu vou sofrer também
Se perder você
Meu coração vai ficar em pedaços

O amor é como um pássaro que precisa voar
Deixe toda a dor que existe dentro de você morrer
Você está congelado
Quando seu coração não está aberto

Mmm se eu pudesse derreter seu coração
Mmm nós nunca ficaríamos separados
Mmm se dê inteiro para mim
Mmm você segura a chave

Você só vê o que seus olhos querem ver
Como a vida pode ser da maneira que você quer que ela seja
Você está congelado
Quando seu coração não está aberto

Mmm se eu pudesse derreter seu coração
Mmm nós nunca ficaríamos separados
Mmm se dê inteiro para mim
Mmm você segura a chave

ONZE PERGUNTAS

"Me divirto muito escrevendo letras eróticas. Não digo os nomes das coisas, mas está tudo lá, entende?"



# PAULA TOLLER

## SEM DEIXAR O KID ABELHA, A CANTORA ALÇA VÔO SOLO FALANDO DE SEXO COM INTELIGÊNCIA

por ROBERT HALFOUN

**Por que você resolveu lançar um trabalho solo?**
Já que ninguém acha que eu sou cantora, resolvi fazer um disco de cantora. Pô, me chamam de vocalista, roqueira, *band leader*, umas palavras horríveis... *(risos)*

**Esse projeto existe há bastante tempo, certo?**
Estou planejando esse disco há uns três anos. Só que minha idéia inicial era lançar um álbum só com músicas dos anos 30 e 40. Mas, no meio do caminho, achei que o resultado ia parecer um album para velhinhos e também começaram a pipocar muitas ideias na minha cabeça. Aí resolvi mudar tudo.

**É freqüente você ter ímpetos como esse?**
Eu chamo de paralelepípedos. Cai assim na sua cabeça: pum! Sou uma pessoa muito intuitiva e respeito muito isso. Quando é um palpite realmente forte, ele passa a se tornar fundamental.

**O repertório do seu disco vai de Noel Rosa a Guns N' Roses. Está preparada para ser chamada de "cantora eclética"?**
Eu sou uma cantora eclética... Se fizesse um disco dentro de um conceito mais fechado, claro, evitaria esse comentário. Mas não me preocupei com isso... Todo mundo já me conhece do Kid, minha imagem está vinculada à banda e ao pop.

**"Abro com as mãos, te deixo olhar/ Te levo pra dentro devagar". Na letra de "Derretendo Satélites", uma das duas que você escreveu nesse álbum, você foi fundo no erotismo. Por quê?**
Me divirto muito escrevendo letras eróticas. Essa música, por exemplo, começou totalmente pornográfica, depois deu uma aliviada. Ela fala de sugestão, não tem os nomes das coisas, mas está tudo lá, entende? Adoro essas coisas...

**Você também gravou "Patience", do Guns N' Roses, canção que fala de orgasmo...**
É, ouvi a música no rádio, num programa da madrugada e, como esse não é um assunto muito comum em letras, achei legal. Só que o Axl Rose canta na posição do homem para mulher e eu claro, inverti a situação. O que eu gosto muito em relação a essa canção é que ela foi colocada num ponto do disco muito bom pra lembrar: "O ha aqui, gente, estou mais séria, mas não fiquei assim boazinha não, tá?"

**Você é fã de Guns N' Roses?**
Apesar de gostar do Slash, nunca fui fã do grupo. Não gosto da maneira de o Axl cantar, sabe? Acho que a voz dele é muito chatinha.

**Falando em voz, você se influenciou em alguma cantora para gravar esse disco?**
Não. Mas gosto muito da Ella Fitzgerald. Ela canta simples, falo no sentido de timbre e dicção. Acho esses malabarismos vocais tipo Mariah Carey exibicionismo de circo, um saco. Parece uma coisa assim... meio mulher barbada.

**Você falou que teve a idéia de gravar "Patience" ouvindo rádio de madrugada. Você é madrugadora?**
Você não sabe meu apelido, né? No estúdio, me chamam de Duracell. Sou aquele bonequinho que, quando todos os outros já pararam, está lá, ligadão. Gravar para mim é a maior brincadeira. Fico parecendo criança com brinquedo novo.

**Quais foram os melhores frutos que você colheu nesse disco?**
Sempre acho que o meu melhor trabalho é o próximo... Mas experimentei como nunca nesse trabalho. Escolhi tons muito diferentes, mudei a minha dicção... Acho que aprendi bastante.

**Investindo agora também numa carreira solo, como fica o Kid Abelha?**
Já estamos compondo as músicas do próximo disco, que sai no final do ano. Não vou fazer shows sozinha, nem promoção do CD, exatamente para não atrapalhar esse processo. Também não dá para fazer tantas coisas ao mesmo tempo e ainda viver nas horas vagas.

Mano Brown hipnotiza a platéia de Osasco com suas crônicas da periferia de São Paulo

# O DIA EM QUE A TERRA PAROU

**RACIONAIS MC's – Rhapsody – Osasco (SP) – 24/04**

Osasco tremeu. E não foi necessário vazamento de gás em nenhum shopping center das redondezas para todos sentirem o concreto rachando sob os pés. Naquela noite, a bomba-relógio mais conhecida como Racionais MC's estava sendo detonada na cidade vizinha de São Paulo. Eram quase 6 da manhã de sábado quando se ouviu a batida indefectível de "Jorge Da Capadócia". A voz grave e carregada de ódio de Mano Brown surgiria depois, com as primeiras frases de "Diário De Um Detento". A platéia cantou em coro a letra-denúncia sobre um sobrevivente do massacre na Casa de Detenção, no Carandiru, em 1992. E não desviou os olhares curiosos de Brown, que circulava pelo palco numa cadeira de rodas empurrada por um parceiro (informação oficial: o rapper havia contundido o joelho jogando bola).

Seguiu-se "Fim-De-Semana No Parque", única música do álbum *Raio X Brasil* (de 1993) tocada. "Rapaz Comum", de *Sobrevivendo No Inferno* (mais recente trabalho dos Racionais), veio na sequência, para mostrar o quanto mais fortes se tornam ao vivo as palavras cruas que narram o cotidiano na periferia. "Capítulo 4 Versículo 3" foi a melhor oportunidade para ver Mano Brown e seus aliados Ice Blue e Edy Rock dispararem suas metralhadoras giratórias juntos. Sobrou até uma homenagem a Edinho, goleiro do Santos e filho do Rei Pelé: "...Da família real, negro como eu sou/ O príncipe guerreiro que defende o gol".

Mano Brown na cadeira de rodas: acidente futebolístico

Pausa para descontração. "Qual Mentira", a música de letra truncada e quilométrica que revela o lado maroto e bem-humorado dos Racionais, também recebeu acompanhamento do público, que se divertia a cada passagem da aventura dos malucos que querem se divertir numa sexta-feira, mas são perseguidos pela polícia, se envolvem com traficantes atrapalhados e garotas perversas. Foi a única vez em que KL Jay saiu das pick ups e mandou um verso.

Mano Brown voltou ao palco para proferir seu já tradicional discurso. O silêncio foi comparável ao da Missa do Galo na noite de Natal. "Nem eu sei o que quero, eu só jogo a verdade na cara das pessoas e elas que entendam como quiserem", soltou. E anunciou a saideira "Fórmula Mágica Da Paz", que é a tradução de sua frase anterior.

Para quem esperou um tempo enorme para conhecer a lenda-viva do rap brasileiro e ficou com um gostinho de quero-mais na boca, a alternativa foi sair imediatamente do salão. E esperar na frente do ônibus do grupo, debaixo dos primeiros raios de luz de um sábado nublado, para poder contemplar por mais alguns minutos a face cansada de um guerrilheiro em sua cadeira de rodas, porém satisfeito por mais uma vez ter cumprido sua missão.

***Renato Yada***

# SEM INTIMIDADE COM O PALCO

**CORNERSHOP – London University – Londres – 13/03**

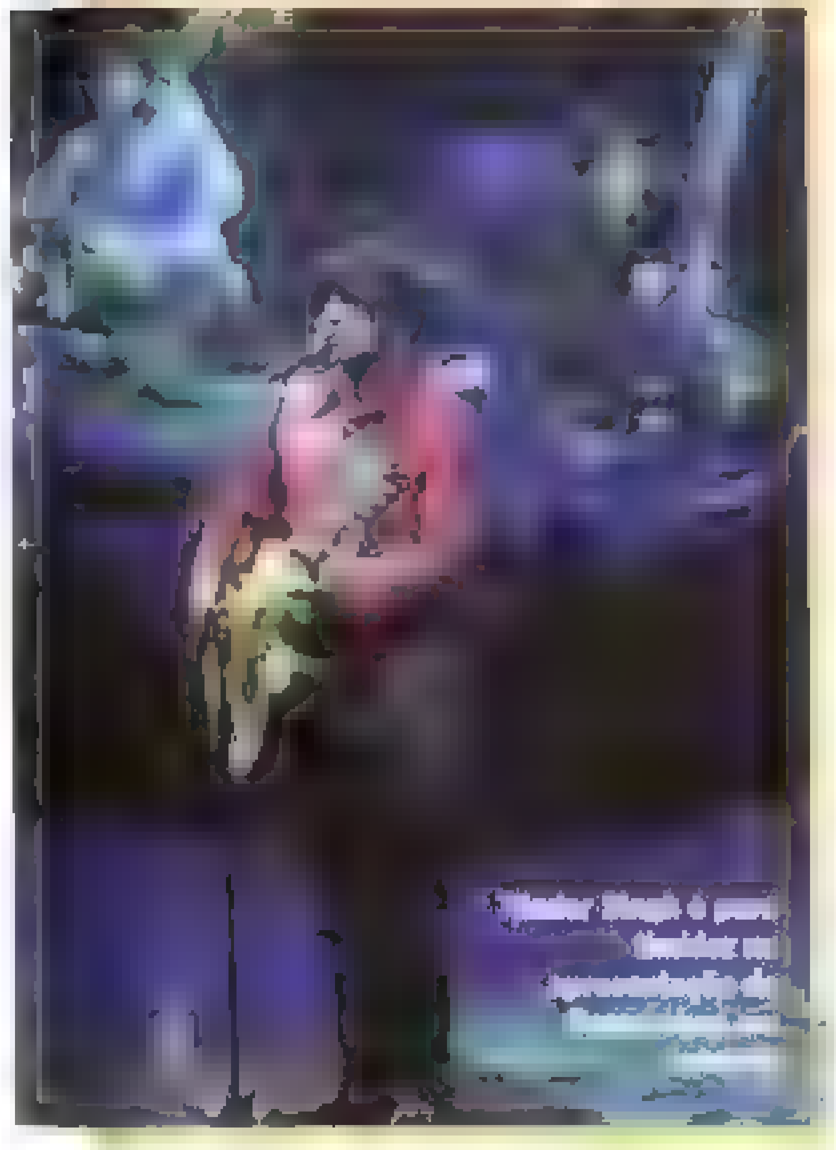
O Cornershop foi uma das maiores surpresas de 1997. Seu álbum *When I Was Born For The Seventh Time* foi aclamado por diversas publicações – a revista americana *Spin* o escolheu como disco do ano. Pena que ao vivo os seis integrantes do grupo liderado por Tjinder Singh e Ben Ayres se comportem como se ainda estivessem num estúdio de ensaio. O vocalista Tjinder, cuja origem indiana é exposta em sonoridades e letras, não sorri, não olha para os lados, nem sequer pronuncia uma palavra. Pode ser pose ou timidez. Mas parece mesmo falta de intimidade com o palco.

A sorte é que a parafernália de instrumentos que acompanha o Cornershop ao vivo é quase a mesma do estúdio – e o resultado é fantástico. Cítaras, tamborins, harmônicas, *scratches*, samples e diferentes guitarras iluminam "Sleep On The Left Side", "It's Indian Tobacco My Friend" e a hilária versão em *punjab* (um dos idiomas falados na Índia) de "Norwegian Wood", dos Beatles.

Executado de forma vibrante e bela – mesmo sem o remix de Norman Cook –, o hit "Brimful Of Asha" é a terceira música do show. Dá a impressão de que o grupo queria expulsar do local aqueles que só conheciam seu maior sucesso.

Tjinder e Ben declararam recentemente que querem se aposentar em mais ou menos dois anos. Se produzirem até lá mais álbuns como *When I Was Born*, certamente deixarão um legado importante de criatividade preciosa. Mas, a julgar pela falta de disposição do show de Londres, não farão muita falta ao vivo.

***Denise Bobadilha***



Tjinder Singh é para [illegible]

Bob Dylan e a platéia gaúcha, paixão ao primeiro sopro da gaita

# OLHOS NOS OLHOS

**BOB DYLAN – Teatro Opinião – Porto Alegre – 7/04**

Bob Dylan tinha 16 anos quando assistiu a um show de Buddy Holly. "Eu estava na frente do palco. E Buddy me olhou nos olhos. E eu senti a iluminação", contou o poeta que eletrificou o folk, zombou das letras açucaradas dos Beatles e buscou respostas ao vento. Bem pertinho da platéia gaúcha, Dylan foi um pouquinho Buddy Holly de terninho cinza puro *fifties*, meio Chuck Berry ("Roll Over Beethoven") e até um pouquinho Elvis, se contorcendo no palco do lotado Opinião. 1,6 mil espremidos fãs [illegible] em Porto Alegre na antológica noite de 7 de abril.

O velho mestre do rock, do folk e do blues solou à moda *guitar hero*, saltitou feito um garoto, se curvou para as câmeras fotográficas e até sorriu de [illegible] (porque Robert Allen Zimmerman mostrando os dentes em pleno show já é demais). Dylan mostrou como se faz. Banda [illegible], volume [illegible], time desregrado, cozinha rítmica potente e canções que não pertencem aos seus *greatest hits*. "To Be Alone With You" abriu os trabalhos, barulhenta para deixar claro que show era mesmo de rock. Em "I Want You", Dylan baixou a bola, mordiscou as palavras e mereceu aplausos ruidosos em meio aos solos que fazia nas pontas dos pés.

"Cold Irons Bound" veio como outro petardo sônico, com guitarras em volume detonador. Depois, "Silvio" foi uma das pérolas da noite. O Dylan folk entrou em cena com "White Dove", de baixo acústico e violões. Durante "Tangled Up In Blue", "Stuck Inside A Mobile With Memphis Blues Again" e "This Wheel Is On Fire", o Opinião parecia que ia levantar vôo. E foi nesse clima que "Highway 61 Revisited", "I Am I Me Baby", "Love Sick" e "Rainy Day Women" (mais lábios mordiscados, mais urros dos fãs) terminaram o espetáculo. Naquela noite de outono, Dylan cantou olhos nos olhos com os gaúchos. E sorriu.

***Marcelo Ferla***

## vai rolar

**[illegible] Vermelho**

Maio
14 e 15 – Curitiba, PR (Forum)

Junho
5 a 14 – São Paulo, SP (Palace)

**Capital [illegible]**

Maio
21 – Florianópolis, SC
22 – Criciúma, SC
23 – Jaraguá do Sul, SC
24 – Mafra, SC
28 – Campinas, SP
29 – Araras, SP
30 – Jundiaí, SP

**C[illegible] de N[illegible]**

Maio
16 – Pará de Minas, MG
29 – Alagoinhas, BA
30 – Feira de Santana, BA
31 – Camaçari, BA

**F[illegible]**

Maio
18 – Belo Horizonte, MG
28 – Montevidéu, Uruguai

# Em busca do elo perdido

**Voltando com roupagem eletrônica, Lobão quer reconquistar os fãs que o esqueceram**

"Meu público sumiu", constata Lobão, sem ressentimentos aparentes, em entrevista por telefone. "Mas me sinto confortável no exílio", completa. Para ele, o próprio fato de ter aparecido muito na imprensa criticando Deus e o mundo pode ter contribuído para a queda nas vendagens de seus discos. Lobão deu várias guinadas em sua carreira, o que ajudou a dissipar seu contingente de fãs. Depois de ser o roqueiro malvado de plantão nos anos 80, ele dedicou-se ao estudo de violão clássico e fez uma fracassada turnê acústica no começo dos 90. Em 1995, lançou *Nostalgia da Modernidade*, disco "incompreendido", em sua avaliação. Agora ele reaparece com *Noite*, álbum cheio de baladas tensas.

"Seria cabotino eu dizer que sou um tecno de primeira hora. Nem tenho cultura para isso", admite. Suas intenções com o novo disco são outras: *Noite* seria a segunda etapa de uma trilogia MPBística iniciada por *Nostalgia*. "Eu queria fazer um disco de MPB com música eletrônica, acho que não é preciso consultar dicionário de folclore para fazer música brasileira."

Ele se sente em plena maturidade artística e diz que gostaria de compartilhar esse momento com as pessoas. "Se houver público", brinca. (Danilo Monteiro)

## O que é que a lourinha tem?

**A brasileira Nina Miranda está levando os ingleses à loucura. Vocalista do Smoke City, grupo que funde trip hop com bossa nova, ela mora em Londres e faz sucesso esbanjando sensualidade e derramando sotaque em clássicos como "Água de Março", de Tom Jobim.**

**A imprensa inglesa tem feito muitos comentários sobre sua beleza...**
Eles piraram mais com meu sotaque... Gostam da fantasia da mulher brasileira e, no começo, pensaram que eu era morena.

**A música do Smoke City tem diversas referências à musica brasileira (Olodum e samba, entre outras coisas). Você sabe sambar?**
Eu sou "Falsa Baiana", como diz a música do Ary Barroso. Me acho um pouco dura e mexo os braços demais.

**Você tem saudade do Brasil?**
Muita. Quando fomos gravar o clipe de "Águas De Março", pensamos em ir para o Brasil. Mas a gravadora tinha medo que eu me mandasse e não voltasse nunca mais para Londres. No Brasil, é normal ser feliz, a tristeza não dura muito tempo. Por aqui, as pessoas só chegam à felicidade quando enchem a cara.

## História do maluco

Amado pelos fãs, o ex-vocalista do Van Halen Dave Lee Roth resolveu contar a sua versão da história. O recém-lançado livro *Crazy From The Heat* é uma versão pessoal e escandalosa da vida do cantor. De um modo geral, há pouca música. Dave prefere gastar páginas e páginas proferindo palavrões (aquela palavra feia que começa com "f" aparece varias vezes num só parágrafo) e descrevendo suas performances sexuais.

David Lee: só sexo e escândalos

Keith é rasta

## Promessa cumprida à jamaicana

Em 1972, quando os Rolling Stones gravaram *Goat's Head Soup*, em Ocho Rios, Richards conheceu os Wingless Angels, uma comunidade rastafari da Jamaica. Aí, levou um som com a turma e prometeu produzir o disco deles. Em ritmo jamaicano, o projeto só saiu agora, 27 anos depois. "Eles ficavam nervosos em estúdio. Então coloquei a turma na minha casa", conta o guitarrista. Com exceção de Justin Hinds, cantor de ska de relativo sucesso nos anos 60, o grupo é formado por taxistas, pescadores, fiscais da natureza... O álbum foi concebido em noitadas de cantorias e está repleto de risadas e barulhos de insetos. Uma terapia, segundo Keith Richards. "A música deles tem propriedades curativas, mexe com seu metabolismo, *man*."

## Musa imortalizada

**Linda McCartney (1941-1998) foi uma das grandes inspirações do marido, Paul. Confira algumas das músicas que o ex-beatle escreveu para a mulher, ao longo de 29 anos de casamento...**

**"Maybe I'm Amazed"** (*Paul McCartney*,1970) – "Talvez eu esteja espantado com a maneira como você me ama o tempo todo/ Talvez eu esteja com medo do jeito que te amo."

**"Jet"** (*Band On The Run*,1973) – "Jato! Com o vento em seus cabelos de mil laços/ Monte aqui atrás e daremos um passeio no céu."

**"My Love"** (*Red Rose Speedway*, 1973) – "E quando eu vou embora/ Sei que meu coração pode ficar com meu amor/ Isso está claro, está nas mãos do meu amor/ Meu amor faz bem a ele."

**"Silly Love Songs"** (*Wings At The Speed Of Sound*, 1976) – "Algumas pessoas querem encher o mundo com tolas canções de amor/ Qual o problema disso?/ Eu gostaria de saber/ Porque lá vou eu de novo/ Eu te amo."

**"So Bad"** (*Pipes Of Peace*, 1983). "Há uma dor/ Dentro do meu coração/ Você significa tanto para mim/ Garota, eu te amo demais."

**"Only Love Remains"** (*Press To Play*, 1986) – "Velho demais e forte demais para estender o mundo/ Colocando a areia dentro dentro da ostra, transformando-a numa pérola/ Fazendo outra transformação mágica/ Encontrar o garoto certo para a garota certa."

**"We Got Married"** (*Flowers In The Dirt*, 1989) – "Trabalhando duro pelo sonho, marcando gols para o outro time/ Os tempos foram ruins, ficamos contentes por termos nos casado."

New Order: experiência revitalizante

# É brincadeira?

## New Order volta aos palcos tocando músicas do Joy Division

Em entrevista à revista americana *Rolling Stone*, o guitarrista e vocalista Bernard Sumner declarou que o repertório das apresentações da volta da banda será engordado com "Love Will Tear Us Apart", "Heart And Soul" e "Atmosphere", três clássicas canções do Joy Division – grupo que deu origem ao New Order.

A experiência "revitalizante", ganha forma no dia 18 de julho no Phoenix Festival, na Inglaterra, quando o quinteto quebra um jejum de seis anos longe dos palcos. Até lá, Sumner avisa: o grupo fica compondo novo material. E sai em junho uma coleção com todos os 22 singles de sua carreira.

## RAULZITO livre como um pássaro

Este é Raulzito, bonequinho de 8 cm que baixou aqui na Redação para promover a coletânea *Documento*. O disco traz covers e versões para o inglês de canções de Raul Seixas, morto em 1989. Quinta preciosidade tirada do baú de Raul, o álbum foi concebido com com o uso do mesmo método de gravação de "Free As A Bird" e "Real Love", que os Beatles – com a voz do falecido John Lennon – lançaram em 1996. Das antigas fitas de Raul, o produtor Mazzola aproveitou apenas os vocais e chamou os mesmos músicos que participaram das sessões originais.

# Fossa nova

## Aos 23 anos, Natalie Imbruglia, faz sucesso cantando suas desilusões amorosas

Olho nela: esta é a intérprete do hit "Torn"

Assim como Alanis Morissette e Fiona Apple, suas colegas de geração, ela compõe sobre dor, solidão, perda... "Gosto da melancolia, acho confortante. Tive uma infância feliz, mas optei por criar minha própria tristeza. Pensava muito em terremotos, ondas enormes, desenvolvi um medo de avião sem nenhuma razão específica", conta a linda baixinha australiana, cheia de sotaque.

Natalie nasceu em Berkeley Vale, uma cidade litorânea não muito longe de Sidney, lugar onde passava tardes na praia, sonhando em viajar. Até que, aos 17 anos, participou de um episódio de *Neighbours*, série da TV local na linha de *Malhação*, e viu ali seu passaporte para a Europa. "Eu queria dinheiro e fama. E o seriado estava indo para Londres, o que era um pulo para eu sair de casa", lembra. Depois do estouro mundial de seu álbum de estréia, *Left Of The Middle*, diz que não lhe agrada ser popular. "Achei que ia curtir a fama mais do que aconteceu na realidade", justifica. E avisa: apesar da insistência de alguns produtores, não aceita adotar um visual mais sexy. "Graças a Deus a moda de hoje aceita uma garota que use calça comprida ou tenha cabelo curto. Tive sorte."


A mais completa em novidades e raridades

sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão

RARIDADES DE: U2 • MADONNA • BOWIE ROCK-POP DOS 60 AOS 90 EM TODOS OS ESTILOS

ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO

Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP londoncd@uol.com.br

LONDON CALLING

CD'S - VHS - LD's Tel/Fax: (011) 223-5300

Para anunciar ligue:

3037-4735

EXCLUSIVO NO BRASIL

CAMISETAS OFICIAIS

FABRICAÇÃO AUTORIZADA

Stomp Rock Wear

RECEBA PELO CORREIO PAGUE AO RETIRAR

TAMANHOS P M G

TEL 011-2997478

PREÇO ESPECIAL R$ 19,50 VÁLIDO ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO

DESCONTO PARA REVENDEDORES

TS 320 IRON MAIDEN · TS 328 MARILYN MANSON · TS 326 LED ZEPPELIN

TS 325 SLAYER · TS 319 MARILYN MANSON · TS 303 JOY DIVISION · TS 351 MARILYN MANSON · TS 329 JIMI HENDRIX · TS 322 SEPULTURA · TS 330 LED ZEPPELIN · TS 318 MARILYN MANSON · TS 324 RATOS DE PORÃO

TS 327 JIMI HENDRIX · TS 302 GUNS N' ROSES · TS 332 DOORS · TS 321 RATOS DE PORÃO · TS 311 JIMI HENDRIX · TS 316 MARILYN MANSON · TS 312 RATOS DE PORÃO · TS 317 MARILYN MANSON · TS 306 VAN HALEN

TS226 RAMONES · TS227 PINK FLOYD · TS228 LED ZEPPELIN · TS 200 IRON MAIDEN · TS 235 RAMONES · TS232 DOORS · TS272 GUNS N' ROSES · TS 289 SLAYER · TS 204 PINK FLOYD

TS 243 LED ZEPPELIN · TS 295 VAN HALEN · TS 275 IRON JOVI · TS 247 SLAYER · TS 297 VAN HALEN · TS 276 IRON JOVI · TS 256 PANTERA · TS 301 RUSH · TS 258 PANTERA

TS 214 IRON MAIDEN · TS 280 PANTERA · TS 281 LED ZEPPELIN · TS 217 DOORS · TS 225 DOORS · TS 264 IRON MAIDEN · TS 213 DOORS · TS 267 IRON MAIDEN · TS 277 IRON JOVI

TS 270 IRON MAIDEN · TS 285 IRON MAIDEN · TS 273 IRON MAIDEN · TS 300 RUSH · TS 208 IRON MAIDEN

TS 238 SEPULTURA · TS 239 SEPULTURA · TS 246 SEPULTURA · TS 252 SEPULTURA · TS 215 RAMONES

ATENÇÃO: É PROIBIDA A FABRICAÇÃO DE PRODUTOS COM ESTAMPAS DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS ÀS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

NICE MAN · BLUE GRAPE · WINTERLAND

MERCHANDISING OFICIAL SOB LICENÇA DE :

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP: RUA HELIODORA,321 - 02022-051 - SÃO PAULO/SP

| REF | TAM | REF | TAM | REF | TAM |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | |
| | | | | | |

NOME: SB-154

END:

CEP: CIDADE: EST:

TEL: ASSINATURA:

+Bizzes

# Concertos para a juventude

## O melhor da programação musical das TVs por assinatura

**MAIO**

**Helena Meirelles** A violonista mato-grossense conta histórias de sua movimentada biografia e toca a viola. TVA/Bravo - dia 26, às 21h30; e dia 27, às 13h30

**Celine Dion** *This is Celine Dion* - Especial gravado em Memphis, EUA, em março de 1997. No repertório, "Love Can Move Mountains", "All By Myself", "Because You Love Me" e outras. TVA/HBO - dia 24, às 9h e às 15h (HBO2).

**Tori Amos** *Live From New York* - Em especial gravado em 1997, a cantora e pianista interpreta hits como "Caught a Lite Sneeze". TVA/HBO - dia 27, às 22h30 e às 4h30 (HBO2)

**Chet Baker** *Dez Anos Sem Chet Baker* - Show de do cantor e trompetista com participações especiais de Van Morrison e Elvis Costello. Gravado no Ronnie Scott's, o mais importante clube de jazz londrino. NET/Multishow - dias 16, às 22h45; e dia 19, a 1h.

**Smash Hits** Programa de variedades com Spice Girls, Hanson, Backstreet Boys, entre outros. NET/ Multishow - dias 22, às 21h30; e 23, à 1h30.

**Van Halen** *Van Halen Especial* - Clipes e musicas ao vivo. NET/Multishow - dia 15, às 12h30.

**Blondie** Show gravado em Toronto. NET/Multishow - dias 16, às 17h10; e 19, às 4h10.

**Free Jazz** Cobertura completa do festival. NET/ Multishow - dias 16, às 22h30; 17, às 22h50; 21, às 22h30; 23, às 22h30; 24, às 23h00; 28, às 22h30; 30, às 22h30; e 31, às 23h.

**Little Richard & Bo Diddley** As duas lendas do rock se encontram em apresentação ao vivo. NET/ Multishow - dias 21, às 16h00; e 22, às 7h30.

**The Cardigans** *The Cardigans Live in London* - Apresentação ao vivo da lourinha Nina Persson e seus comparsas. NET/Multishow - dias 26, às 16h00; e 29, às 12:30.

**Björk** *Björk Especial* - Entrevistas, clipes e musicas ao vivo. NET/Multishow - dias 28, às 16h; e 29, às 7h30.

**Pet Shop Boys** TV Metropolitan - Show gravado na casa de shows carioca em 1994. NET/ Multishow - dias 29, às 21h30; e 30, à 1h30.

**Pink Floyd** *Pink Floyd, La Carrera Panamericana* - NET/Multishow - dia 30, às 16h.

**Lou Reed** *Uma Noite com Lou Reed* - NET/ Multishow - dia 30, às 18h.

**Phil Collins** *Phil Collins e sua Big Band* - NET/ Multishow - dia 31, às 16h40.

**Nobody Does It Better** Programa com vários artistas interpretando as músicas de James Bond. NET/ Multishow - dia 31, às 18h.

**JUNHO**

**David Bowie** *Na Memória do Rock* - David Bowie narra sua trajetória como cantor e compositor. NET/ Multishow - dias 4, às 16h; e 5, às 7h30.

**Liminha e Convidados (Making Of)** Bastidores da apresentação do produtor no festival Heineken Concerts com depoimentos de Lulu Santos, Gabriel O Pensador, Rappa, Paralamas, Fernanda Abreu e outros. NET/Multishow - dias 4, às 21h30; e 7, às 12h30.

**Liminha e Convidados (Show)** Gravado durante a apresentação no Heineken Concerts com participações de Lulu Santos, Paralamas do Sucesso, O Rappa, Planet Hemp, Fernanda Abreu, Cidade Negra, Gabriel O Pensador e outros. NET/Multishow- dias 5 e 12, às 21h30; e 6 e 13, à 1h30.

**Paul McCartney** *Bis* - Programa traz a peça *Liverpool Oratorio*, que Paul escreveu em parceria com o maestro Carl Davis, em homenagem aos 150 anos da catedral de Liverpool. Execução da Royal Liverpool Philarmonic Orchestra and Choir. NET/Multishow - dia 14, às 23h15.


MOON SKA BRASIL
APRESENTA
the Toasters

DIRETO DE NEW YORK!

OS MESTRES DO SKA AO VIVO NO BRASIL

CURITIBA - 14 de Maio - CALIBRE *Rua Dr. Muricy, 1111*
RIO DE JANEIRO - 15 de Maio - *(Local a confirmar)*

APOIO:
BRASIL 2000 FM 99,7 · VISION STREET WEAR · MUSIC BOX Saraiva · VENICE BEACH GRILL · Revista SHOWBIZZ

REALIZAÇÃO:
MP & Associados · Hmx!

S. PAULO
19 DE MAIO
BROADWAY
Av. Marquês de S. Vicente, 1.767
Fone: (011) 861.3368
Informações: (011) 220.7705

MOON SKA BRASIL
R. 24 de Maio, 62
2º andar - Loja 344
S. Paulo - SP
CEP 01041-000

# Discoteca básica

**"Depois que comecei a ouvir AC/DC, decidi que ia ser guitarrista e tocar para o resto da minha vida. O Angus foi minha maior influência e *Highway To Hell* foi um dos discos que mais ouvi. Amo."**

***(Syang, cantora e guitarrista)***

## *HIGHWAY TO HELL*

**AC/DC**

A introdução deste texto é destinada a quem ainda não era nascido em 1979. Naquele ano, ser fã de rock era missão para gente perseverante. Afinal, o furacão punk (que nem foi tão furacão assim) já definhava, restando apenas o Clash e sua peregrinação rítmica por jazz, ska, rockabilly e musicais da Broadway, que resultaria nos ótimos *London Calling* e *Sandinista!*.

O som dominante, porém, ainda era *disco*. ABBA, Boney M. e Bee Gees brigavam pelo topo das paradas. De rock mesmo, só Queen, Van Halen e AC/DC. O Queen havia passado por sua fase mais criativa e o Van Halen era uma ótima banda, mas sem um ótimo álbum. Sobrou ao AC/CD a incumbência de fazer o melhor disco de rock da temporada. E *Highway To Hell* tem muitos predicados para merecer todas as honras.

**O grande álbum rock da banda, que tinha um guitarrista infernal e uma lenda nos vocais**

O grupo dos irmãos Young (Malcolm, guitarra base, e Angus, guitarra-solo) vinha de uma série de turnês consagradoras, bem registradas no filme *Let There Be Rock* e no CD ao vivo *If You Want Blood (You've Got It)*. A formação era a melhor que a banda já teve: Bon Scott nos vocais, Angus e Malcolm Young nas guitarras, Phil Rudd na bateria e Cliff Williams no baixo. Só que os álbuns anteriores tinham grandes clássicos ("Whole Lotta Rosie", "Problem Child"), mas estavam longe de ser uma obra completa. Até chegar a *Highway To Hell*.

O quinteto trabalhou novamente com John "Mutt" Lange na produção. Apoiado na popularidade do AC/DC, Lange ousou. No lugar da massa sonora habitual do rock pesado, preferiu gravar pistas de guitarra limpas, sobrepostas com sutileza suficiente para ressaltar o lado blues da banda. O produtor burilou o agudo do vocal de Bon Scott e usou todos os membros do grupo no coro de apoio. O resultado é mais peso e menos barulho, passando muito longe do padrão tosco das bandas da época.

O grupo inovou o gênero sem abrir mão de seus preceitos básicos: as letras machistas e fanfarronas, enclausuradas no binômio mulheres/bebida, a busca de uma melodia básica ao extremo, com uma batida quase marcial, e os solos alucinantes de Angus Young, o guitarrista das calças curtas que toca como se estivesse ligado à corrente que passa no fio do instrumento.

O álbum inteiro soa como um *greatest hits*, embora "Walk Over You" e "Shot Down In Flames" se destaquem como as peças mais elaboradas. A pegada mais blueseira de "Beating Around The Bush" e "Love Hungry Man" ajudou a banda a ganhar um público mais adulto. E se todas essas qualidades não bastassem para garantir a *Highway To Hell* um lugar em qualquer boa discoteca de rock, há ainda o fato de ser o último registro de Bon Scott, morto meses depois, sufocado pelo próprio vômito.

*Highway To Hell* é o flagrante da melhor fase de uma banda única, um guitarrista infernal e um vocalista que é uma lenda.

TALES OF MYSTERY

### Performance

Ano de lançamento: 1979
Produção: Robert John "Mutt" Lange
Músicas: "Highway To Hell" • "Girls Got Rhythm" • "Walk Over You" • "Touch Too Much" • "Beating Around The Bush" • "Shot Down In Flames" • "Get It Hot" • "If You Want Blood (You've Got It)" • "Love Hungry Man" • "Night Prowler"

*Highway To Hell* foi o trabalho que marcou a entrada do AC/DC – que até então abria shows do UFO, do Who e do guitarrista Ted Nugent – no time das grandes bandas de rock. O disco vendeu um milhão de cópias, fato inédito na carreira do grupo.

As apresentações da turnê de divulgação do álbum, realizadas em dezembro de 1979, foram filmadas. Mais tarde, elas viriam *Let There Be Rock* (no Brasil, *Deixa O Rock Rolar*), que contém uma performance maravilhosa do AC/DC em Paris.

"A reencarnação existe.
Ou não?"

Yankee Street

YANKEE
STREET
AGORA OU NUNCA